OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

AUGMENTADAS

COM ALGUMAS COMPOSIÇÕES INEDITAS DO POETA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME VI

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1869

Á MEMORIA DE VASCO DA GAMA E CAMÕES

> Et hor quella del colto, e buen Luigi
> Tant'oltre stende il glorioso volo
> Che i tuoi spalmate legni andar men lunge.
> *Torq. Tasso* — Soneto a Camões.

Eis mais uma vez sáe dos prelos, já cansados de o reproduzirem, o poema immorredouro, que legou á posteridade, com a da nação que ditosa vos deu o ser, a vossa mutua gloria. Se, ardido navegador, foste devassar o berço da aurora, quebrando os cancellos com que o vedava á Europa o terrivel gigante, o teu cantor, Gama illustre, seguindo o rastro das quilhas de teus frageis lenhos, foi ainda alem da Taprobana, na parte mais extrema das conquistas portuguezas, cantar, ao som das encapelladas ondas dos mares da China, o poema escripto com o seu sangue, humedecido com as lagrimas da desventura, molhado e salvo das ondas do naufragio lastimoso.

E se com o teu feito, e com os teus aguerridos argonautas foste estender mais largo horisonte para as proezas guerreiras dos soldados, já exercitados nos campos africanos; se ao abrigo da cruz abriste tantas regiões á luz da fé e da civilisação, communicando-as pelo commercio e trato com o antigo continente; o teu vate, capitão audaz, no seu poema, reproduzido por mais de quatorze linguas estranhas, revela ao mundo que alargaste

os effeitos e importancia de tua arrojada empreza, e o valor e heroicos feitos do pequeno povo que a poz por obra.

Povo pequeno de gigantes! E quanta gloria não irradiou de teu solo abençoado! E que vastas regiões descobertas! tão vastas, que nunca as abandonava o sol, quer surgisse do seu berço de perolas, quer se elevasse gigante, quer repousasse no seu leito roxeado!

Aqui te vejo, nação generosa, abroquellando a Europa do poder ottomano, acolá roubando á soberba Veneza o seu lucrativo commercio, tuas armas sempre vencedoras, e tua alliança e amisade sempre amada e sempre temida; na terra brotando de cada pegada tua um triumpho; no mar tremendo debaixo de teus pés o elemento vario e indomavel.

Mas caíste! Caíste porém como cáem os bravos no leito de honra, no campo de batalha! E se a tua gloria se eclipsou por algum espaço, após o tempo de uma grande catastrophe, bastou que encarasses de vontade o teu passado para que esta resurgisse, e quebrasses grilhões de sessenta annos, justo castigo pela tua indifferença pela causa publica; bastou que olhasses de vontade mais tarde para esse passado para arrojares para alem dos Pyrineos as aguias rapaces que ousaram pairar sobre o teu solo; e o primeiro capitão do seculo fez justiça ao teu valor, sentiu o peso do teu braço.

Resurgiste! Venceste, porque não tinhas renegado o teu passado, não tinhas cuspido nos brasões de teus avós! Bastou o seu exemplo para accordar os teus brios adormecidos, o canto do teu bardo para inflammar o coração de teus soldados!

Mas se hoje, que o direito internacional europeu tolera que se disponha da independencia dos povos, como dadiva do conquistador; que á força bruta cede o passo a verdadeira civilisação.

que protege o fraco contra o poderoso, que só poderá reivindicar esse nome quando houver convertido a espada na relha do arado, o bronze que atroa e mata na campa que chama do alto do campanario os povos á verdadeira fraternidade, a fraternidade catholica; que o valor está no instrumento homicida, que multiplica a morte, e não no braço do forte; se está marcado nos altos destinos da Providencia, que em castigo dos nossos erros e do falso e estupido regosijo que se apparenta em ver nações, com tanto ou maior jus á sua autonomia, desapparecerem do mappa do globo, embora a campa cáia sobre essas tuas glorias, o teu nome e o de teus compatriotas não ficará extincto, porque em volta d'essa campa, de que será epitaphio os *Lusiadas,* revoará a fama que affronta os seculos. Depois da morte tambem se vive!

Viverás; porque na tua sorte adversa ainda irás juntar esse teu nome ao dos gregos e dos romanos; porque n'esses vastos depositos das sciencias inda irão collocar-se os *Lusiadas* ao lado da *Illiada* e da *Eneida!*

PROLOGO

Sáe á luz n'este sexto volume das obras do nosso poeta o seu poema immortal dos *Lusiadas,* conforme a edição por elle publicada na sua vida, isto é, aquella que se reputa ser a segunda. Não nos lisonjearemos da sua perfeição, quando vemos quasi todos, para não dizer todos, aquelles que nos precederam naufragar n'estes escolhos, que sómente não conhece quem não navega por este mar duvidoso, de incertezas, erros typographicos, falsas emendas, interpretações arbitrarias, opiniões individuaes, e quantas vezes excentricas, difficeis de satisfazer, porquanto não é possivel contentar a todos, nem adoptar systemas disvariados, quando a necessidade fórça a seguir resolutamente um só caminho.

Se a isto acrescentarmos uma predisposição de espirito apouquentada e hypocondriaca, de quem deixou para tão tarde esta ardua empreza, quebrantamento physico do corpo, alquebrado por enfermidades, correios da velhice, que chega taciturna e melancholica, não aprazivel e graciosa, como aquella que conhecemos de nossos paes; descrença de tudo terreno, até das letras, mais certo suave e agradavel entretenimento de alguma hora mansa da vida, desgostos pungentes que se cevam no passado, no presente e, o que é mais, no futuro, porque o pensamento vidente e a rasão esclarecida rompem as sombras

que se lhe antepõe e penetram a cerração atra do porvir nebuloso; todas estas circumstancias reunidas podem servir, a quem com o nosso poeta póde dizer

> Os desgostos me vão levando ao rio
> Do negro esquecimento e eterno somno,

de rasões attenuantes para as multiplicadas imperfeições, que se possam encontrar em um trabalho tão espinhoso e diuturno, que exigia vigorosa intelligencia, tranquilla quietação e todas as faculdades intellectuaes no mais livre e completo exercicio, e não embotadas; a outro, com forças mais herculeas, poderia applicar-se o *verum opere in longo fas est obrepere somnum.*

Comtudo evocámos toda a energia do animo e da vontade para arrastar este tosco pedestal para a estatua do poeta, que nos pareceu vivificar-se e reprehender-nos, n'estes termos, da propria timidez e desconfiança:

«Pois que! em circumstancias mais difficeis não intentei eu e não levei a cabo o portentoso monumento nacional? É verdade que uma inspiração divina me animava, como o espirito divino ao braço d'aquelles, cujos nomes eu levei á posteridade, que, simultaneamente com a gloria da patria, andavam estendendo o santo nome de Deus por esse longiquo oriente. Ergue o coração! Não vês que é fraqueza desistir da cousa começada? É verdade que a mim nutriu-me influxo do céu, porém a ti sobra-te a vontade e a intenção pura, e quem dá o que tem não deve.

«Não te empaveze o louvor nem te espinhe a critica, sempre facil. E a quem não ferem os seus dardos penetrantes? O melhor modo de criticar é fazer melhor.»

Animados com estas reflexões retomámos a peito a empreza,

tendo a fortuna de encontrar uma valiosa cooperação na pessoa do ex.^{mo} sr. conselheiro João Felix Alves Minhava, antigo admirador do nosso poeta, que possue uma boa collecção camoniana, o qual com a melhor vontade obsequiosamente se offereceu a auxiliar-nos no trabalho de confrontação e genuina interpretação do poema, de maneira que póde bem o leitor adjudicar-lhe não pequena parte n'este nosso trabalho litterario, devendo especialmente particularisar a minuciosa confrontação das duas edições de 1572; pelo que novamente lhe tributâmos os nossos agradecimentos pelo seu gracioso e amavel offerecimento, e espontanea e valiosa coadjuvação.

Passaremos agora a explicar o systema que se seguiu. Conferimos primeiro as duas edições de 1572, confrontando-as com todo o cuidado, e após estas algumas outras, que julgámos de maior importancia. A de Manuel Correia (1613), por ser de um amigo de Camões, e por isso dever estar mais ao facto de como interpretava Camões alguns logares. A de Manuel de Faria e Sousa (1639), por ser o commentador que mais trabalhou sobre Camões e as suas obras; e algumas outras edições antigas, e entre estas a de 1651, que parece mais correcta. Entre os modernos, Ignacio Ferreira Garcez (1731), por ser em parte critico de Camões. A de Freire de Carvalho (1843), e a de Hamburgo (1834), dos srs. Barreto Feio e Gomes Monteiro. As rollandianas, e entre estas uma que possuimos annotada por Thimoteo Lecussan Verdier, a do morgado de Matheus e a de Coimbra (1800).

A de Freire de Carvalho, bem examinada, não nos agradou na pontuação, sendo a que nos pareceu, n'esta parte, estar mais bem trabalhada a do morgado de Matheus, que se encostou muito á de 1613.

Feito este trabalho desfizemos a oitava, fazendo a construcção grammatical, virgulando-a ou accentoando-a, conforme a edição que nos pareceu mais rasoavel ou como o pareceu á nossa propria rasão. Nos logares duvidosos consultámos tambem como os interpretaram, alem dos commentadores, alguns traductores.

A edição que seguimos é a segunda de 1572, porque nos pareceu de rasão, havendo duas edições do mesmo anno, em vida do seu auctor, seguir a que se julga segunda, que em alguns pontos nos pareceu preferivel, acontecendo porém o contrario em outros, que estão melhorados na primeira, o que dá bem a conhecer, alem da confrontação a que procedemos, um trabalho minucioso feito n'este sentido, que nos parece da letra do erudito bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo.

Desejariamos seguir fielmente a pontuação da edição que escolhemos, ou a da de 1613, commentada por Manuel Correia amigo de Camões, que muitas vezes ouviria recitar ao poeta o seu poema, porém viemos no conhecimento de que o não podiamos fazer, porque em muitas partes ficaria este confuso, como se demonstra das seguintes estancias, que extrahimos das tres edições de 1572 (1.ª), 1572 (2.ª), e da de 1613, o que acontece ainda em muitos outros logares.

Não quiz ficar nos Reinos occioso,
O mancebo Joanne, e logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena,
Sahiu-se em fim do trance perigoso,
Com fronte não torvada: mas serena
Desbaratado o pay sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento.

(1.ª Edição, Cant. IV, Est. 58)

Em quanto isto se passa, na formosa
Casa Etherea do Olimpo omnipotente
Cortava o mar a gente bellicosa:
Ja la da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de sam Lourenço, e o Sol ardente
Queimava entam os Deoses, que Tyfêo
Co temor em pexes convèrtêo.

(2.ª Edição, Cant. I, Est. 42)

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia
Se vai ao Castelhano promettendo,
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sujeito.

(Edição de 1613, por Manuel Correia.—Cant. III, Est. 36)

Mas dirá alguem, que se deveria seguir exactamente a mesma pontuação de uma obra publicada em vida de seu auctor. Sem duvida o fariamos se tivessemos a certeza que essa pontuação foi a sua, pois sobre os seus hombros pesaria a responsabilidade dos erros proprios. As oitavas porém supracitadas respondem cabalmente aos mais escrupulosos, porque não devemos suppor, que o Camões, homem de tantos conhecimentos, quizesse compor um galematias inintelligivel. Custa a crer, porém é uma triste verdade, que o poeta não presidiu, pelo menos em parte, á revisão do seu poema, e a explicação d'esta, á primeira vista, incuria é obvia. É necessario transportarmo-nos ao tempo em que elle escreveu e imprimiu, e ao systema provavel pelo qual se regiam as officinas typographicas. O original,

muitas vezes errado e com incurias, saía assim das mãos dos censores, por elles rubricado, para o officina, o qual depois de impresso, voltava ás estações competentes para ser conferido. Desde esse momento toda a responsabilidade recaía sobre a typographia, e por isso devia resultar uma repulsa ou contrariedade por parte do dono da officina, recusando-se a qualquer emenda, pela qual se viesse no conhecimento, quando o exem plar já impresso voltasse para ser conferido pelos censores, que se tinha transgredido o preceito da lei canonica e civil.

No privilegio para a impressão da traducção castelhana de Garcez, que saíu no anno do 1591, encontrâmos mesmo noticia de que o revisor era ás vezes nomeado ex-officio, como se deprehende d'estas palavras: «ou tragays fé en publica forma en como por *corrector nombrado por nuestro mandado* se vio e corregio la dicha impression por el original».

E não admira que existissem estas meticulosas precauções até na parte, á primeira vista insignificante, da pontuação, quando se não ignora que uma virgula mal collocada dá logar a uma heresia. A outras poeticas, grammaticaes, e até historicas, deu origem a mal seguida pontuação das edições referidas, motivo pelo qual nos abalançámos a substitui-la por outra, ao que nos parece mais correcta.

Lembrou-nos, para satisfazer a todos, apontar em nota os logares onde desprezámos a pontuação antiga, porém isso nos dobraria quasi o texto do original, e sem proveito. Temos em nosso favor o exemplo sem exclusão seguido com mais liberdade por todos os editores anteriores, o bom senso, e a consciencia que nos diz que não fazemos pequeno serviço á intelligencia do poema. Cingimo-nos comtudo quanto foi possivel á pontuação da edição que escolhemos, abordoando-nos não pou-

cas vezes áquella que nos pareceu que melhor poderia interpretar o pensamento do auctor, apontando, quando o logar é de mais importancia, onde está errado e a emenda, accusando a fonte d'onde este dimana.

No meio da anarchia orthographica que encontrámos nas duas primeiras edições de 1572, *ubi nullus ordo,* não duvidámos, seguindo o exemplo dos Scyllas antigos e modernos, arvorar-nos em dictador, mas dictador manso. Não degolámos nem fuzilámos a torto e a direito: uniformisámos o que na mesma edição era inconstante e variado, seguindo uma orthographia regular e conforme ao gosto do leitor e mais affinada á musica da poesia, evitando as vogaes dobradas, abreviaturas; e outras pequenas liberdades, conservando comtudo outros vocabulos orthographados de maneira que, sem prejudicar a euphonia, conservem a ancianidade e sabor antigo do tempo em que foi escripto o poema. Com esta advertencia julgâmos que ficarão satisfeitos os mais escrupulosos, e os leitores mais fanaticos poderão ler o poema debaixo de uma fórma mais agradavel e euphonica, sem que se tenha sacrificado em cousa alguma essencial a sua genuinidade primitiva.

Reunimos as estancias desprezadas e variantes dos dois manuscriptos encontrados por Manuel de Faria e Sousa e as do manuscripto de Luiz Franco, sentindo que as d'este abranjam sómente o primeiro canto, porque eram feitas por um amigo de Camões, e provavelmente sobre o seu original.

Em logar dos argumentos em verso que precedem algumas edições dos *Lusiadas*, attribuidos a João Franco Barreto, preferimos dar um argumento em prosa, com referencia ás estancias, que indique as differentes partes de que se compõe o poema.

Camões ou por não parecer adulador, ou para conservar a

imparcialidade, não incluiu nos *Lusiadas* os vice-reis ou governadores que tiveram as redeas do estado durante o tempo que militou na India, postoque a D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, e a D. Constantino de Bragança dirigiu poesias lyricas designadamente, e a todos os outros seus compatriotas illustres incluiu n'estes versos

> Estes e outros varões por varias partes
> Dignos todos de fama, e maravilha,
> Fazendo-se na terra bravos Martes,
> Virão lograr os gostos d'esta ilha.

Outros pretendem que as verdadeiras ou suppostas offensas recebidas de Francisco Barreto fossem a causa d'esta omissão. Nós fazemos melhor conceito do caracter do poeta; aquelle que levantou a sua voz contra o grande Affonso de Albuquerque, depois de o haver exaltado, pelo rigor de disciplina exercido na pessoa do soldado Ruy Dias, não teria duvida de fazer soar as suas queixas contra a prepotencia praticada para com elle, tendo ao mesmo tempo a imparcialidade de não deprimir o caracter e merecimento de um homem a quem Carlos V lançava o tosão de oiro. Seja porém qual fosse o motivo, o certo é que nos não parece justo que um homem como este, um D. Luiz de Athaide e outros ficassem á porta do templo da gloria portugueza, e assim nos lembrou dar-lhes ali entrada da maneira que nos era possivel com as estancias de um poeta tambem illustre, Gabriel Pereira de Castro, ficando assim completado o elogio dos heroes da India até á funesta batalha de Alcacerquibir, epocha que coincide com a morte do homem que ainda sustentou em seus hombros todo o peso do nosso poder na India, que com a sua morte começou a baquear; fallâmos do grande D. Luiz de Athaide.

Juntámos em um corpo os apotegmas ou sentenças espalhadas pelo poema, para fazermos conhecer a elevada e sã philosophia do poeta, chegando alguns a converterem-se em proverbio. Usavam os antigos editores dos classicos marcar estas sentenças dos auctores que editavam, notando-as com typo differente; não lhe seguimos o exemplo, não só porque nos pareceu que prejudicava a belleza typographica, mas porque assim estão mais á mão de consultar.

Emquanto ás estampas que acompanham este volume, preferimos que ellas tirassem antes o seu interesse da parte historica correlativa ás personagens que figuram no poema, e ao seu assumpto principal, do que fossem obra de pura imaginação.

O retrato de Vasco da Gama é copiado de um bello quadro que pertenceu á casa dos condes da Vidigueira, hoje marquezes de Niza, descendentes e representantes do grande descobridor da India; tem sido até agora attribuido a Antonio Moor; porém mr. Robinson, auctor da *Memoria sobre a antiga escola de pintura em Portugal*, lhe attribue outro auctor. Este quadro foi passado á gravura pelo sr. Joaquim Pedro de Sousa, lente de gravura da academia real de bellas artes, com a sua reconhecida habilidade artistica.

Os bustos de Vasco da Gama e de seus companheiros, a saber, Paulo da Gama, seu irmão, e Nicolau Coelho, até agora desconhecidos e occultos nos *Lusiadas* de pedra e cal, no grandioso claustro do magestoso templo de Belem, passados á estampa n'este livro, poderão d'ora avante fazer nova derrota até onde elle chegar, levando as effigies venerandas d'esses ousados argonautas, que com a sua aventurosa Odyssea patentearam o mundo desconhecido á Europa, e reproduzidos ornar os gabinetes dos curiosos e museus publicos, passados á tela, ao bronze

ou á pedra. São quatro estes bustos, e estão collocados na parte interna da parede do claustro e de uma maneira engenhosa. Os tres bustos dos navegadores da India estão voltados para um sol indicando o Oriente, e o de Pedro Alvares Cabral para o poente. É sabido que no antigo palacio dos vice-reis da India em Goa existiam duas espaçosas salas, nas quaes em uma se viam os retratos de todos os vice-reis e governadores em corpo inteiro, e na outra, por ordem chronologica, quadros representando as frotas que tinham ido á India, com os nomes dos seus capitães, começando pela de Vasco da Gama [1]. A primeira sala ainda existe, e se vê ornada com os retratos que se acham reproduzidos nas *Lendas da India,* de Gaspar Correia, e no manuscripto da bibliotheca imperial de París, de Pedro Barreto de Resende, de que fez tirar uma copia o primeiro duque de Palmella.

Dos quadros que representavam as armadas tinham-se perdido todos os vestigios; graças porém á generosa condescendencia do nosso respeitavel amigo o sr. Francisco Bertrand podémos extrahir de um importante manuscripto do seculo XVI, que possue, uma aguarella contemporanea reproduzindo a armada de Vasco da Gama copia d'aquelles quadros antigos, que apresentâmos á curiosidade publica de nacionaes e estrangeiros como interessante specimen de archeologia nautica nacional, e como saudoso emblema das nossas glorias passadas [2]. Minha sobrinha,

[1] O padre João dos Santos na sua *Ethiopia oriental* faz menção d'esta sala por esta fórma: «Na primeira sala dos paços dos vice-reis estão todas as armadas e frotas que passaram de Portugal á India, pintadas em paineis, com todas suas naus e caravellas, e nomes dos capitães que n'ellas foram: cousa certa mui curiosa.» Liv. IV, cap. 3.º, pag. 88. Descreve doze paineis incluindo este de Vasco da Gama.

[2] Este curioso manuscripto tem na lombada por titulo «*Cousas raras da India*». Não tem rosto e começa com uma relação dos vice-reis e governadores da

a ex.^ma sr.^a D. Maria José de Azevedo Coutinho, teve a amabilidade de se me offerecer a copiar esta aguarella, trabalho, aliás difficil, que executou primorosamente, sendo depois reproduzida com esmero na lithographia da imprensa nacional.

O gosto desenvolvido geralmente na Europa pelos autographos e fac-similes nos aconselhou a reunir os fac-similes dos homens mais notaveis que figuram no poema, e que principalmente fóra de Portugal são desconhecidos; a estes juntámos o do rei de Calicut, que encontrámos em um documento do anno de 1503 existente no archivo nacional.

Desejariamos dar aqui n'este volume, e assim o tencionavamos, o retrato de D. Ignez de Castro tirado da sua campa; porém para não demorar mais a publicação, nos reservâmos a da-lo no seguinte e ultimo, quando tratarmos da sua vida commentando o episodio do poema.

A respeito da execução typographica do presente volume é ocioso dizer cousa alguma sobre aquillo que está á vista de todos; e quem conhece os distinctos serviços que o ex.^mo sr. conselheiro Firmo Augusto Pereira Marécos tem feito, em geral, á arte typographica em Portugal, e o grau de aperfeiçoamento a que tem elevado o estabelecimento nacional, póde avaliar qual seria o seu empenho como distincto cultor das letras e admira-

India até o vice-rei D. Constantino de Bragança e o anno de 1558, e no verso da folha comprehende o conde de Redondo e D. João de Mendonça até 1564, porém por letra differente. A fl. 23 traz o seguinte titulo: «*Este livro é de Lizuarte de Abreu que o mandou fazer*». Mais abaixo declara que o livro fôra feito na nau Rainha no anno de 1558 em que ia D. Constantino para a India. Comprehende mais algumas noticias sobre a questão de Lopo Vaz de Sampaio e sobre outros governadores, a derrota da nau Rainha para a India, a expedição de D. Constantino para Damão, uma descripção da India, e as aguarellas contendo os retratos dos vice-reis até D. Constantino e as armadas até á mesma epocha.

dor do poeta, para que a parte artistica saísse digna do auctor novamente editado.

Emquanto a nós, apesar do zêlo e melhor vontade, confessâmo-nos artifice pouco adextrado para tão vasta machina, por isso pedimos desculpa ao leitor das imperfeições que encontrar; contâmos com a sua indulgencia, por isso não temos duvida em affrontar quaesquer criticas descortezes ou acintosas.

Finge um poeta italiano (Bocalini) que Apollo entregára a um critico um feixe de trigo para extremar o trigo da palha, e que feita a escolha o deus da poesia guardára para si o trigo e dera a palha ao critico. Oxalá que n'este nosso trabalho aconteça o inverso, porque gostosamente faremos sacrificio da nossa tal ou qual reputação litteraria, para que a fama do poeta cresça sempre com virentes louros cultivados por mãos mais habeis. O critico mais severo de nós mesmos, somos nós; e nescio é aquelle que o não é. O *nosce te ipsum* é o moto que deve acompanhar sempre todo o escriptor que não quer tropeçar; a critica intima e pessoal é a consciencia da verdade, que nos adverte antes que os outros o façam. Mas a timidez não nos deve acobardar ao ponto de receiar a critica não polida e injusta dos despotas litterarios, que se enthronisam a si proprios na elevação do throno onde os incensam os compadres com os seus thuribulos, d'onde fùmega o incenso partidario ou da camaradagem. Não tenha pois duvida o pobre auctor em soffrer resignado o raio que despedem estes Jupiters tonantes, contra quem não sujeita a sua consciencia politica ou litteraria á omnipotencia da sua vontade omnisciente e soberana, lembrando-se que a luz com que assombram e fulminam é estopa queimada, o rebombo com que atroam umas balas que rolam no pavimento. A litteratura não conhece senhores feudaes, er-

gue bandeira de independencia; quebra todas as cadeias, embora as queiram dourar com enganoso artificio. E'se o escriptor tem a ousadia de se pronunciar catholico! de usar da hermeneutica para avaliar os factos pelo que são, á vista da imparcialidade historica, sem os sujeitar ao romance e á mentira para crear, nutrir e propagar a anarchia religiosa e politica! então *crucifige eum*. Porém se sujeita servilmente a sua opiniãò aos sediços themas *impostos*, e aos palavrões sonoros já bem conhecidos, *tolluntur ad astra*.

Isto emquanto á critica injusta, acintosa e descortez, porque a polida e feita com o simples pensamento de advertir o auctor, deve ser agradecida, como quem avisa um cego que vae caír em um precipicio; por isso se a vida nos não faltar, e nos der tempo para publicar o ultimo volume d'este nosso já cansado trabalho, teremos a corrigir em parte e a agradecer as correcções e advertencias que nos tenham sido feitas urbanamente, e com o fim de nos esclarecer.

No primeiro volume advertimos o que a todos era já conhecido, que a vida do poeta assentava quasi sempre em conjecturas, o que não era para admirar, quando se perderam trabalhos biographicos contemporaneos, e aquelles de nossos conterraneos que se approximaram da epocha em que o grande epico viveu foram tão omissos em procurar esclarecimentos de homens que ainda o conheceram.

No entanto quem com imparcialidade e indulgencia quizer julgar estas nossas, embora imperfeitas, mas trabalhosas investigações, será forçado a declarar que deixámos assentados novos factos biographicos com documentos officiaes, e que nas conjecturas procurámos achega-las á proximidade da verdade, as quaes se devem confirmar ou reformar conforme appareçam

rasões ou documentos para uma ou outra cousa. É preciso confessar que tendo-se empregado n'este estudo homens eminentes tanto antigos como modernos, pisando sempre o mesmo circulo, nós saímos d'esta zona; não o dizemos por vaidade, mas para provar que a tenacidade da vontade quando é impellida pelo gosto de uma occupação póde muito. N'aquelle poema immortal, que affrontará constantemente os seculos, como a Iliada e a Eneida, embora pereçam as nações, viamos a personificação da gloria da nossa patria, á saudosa recordação da qual nos convinha acolher por muitos motivos; embora lhe conhecessemos os erros inherentes a todos os seculos e proprios da fragilidade humana, aquella aureola de gloria illuminava os nossos olhos e irradiava no coração: gloria e mais gloria, é quasi toda a historia de nossos antepassados, e de mais liberdade do que se julga! Não admira pois que empregassemos toda a actividade no poeta que symbolisava tanto amor patrio, unico refugio de uma dor hoje insanavel.

Desentranhámos algumas poesias ineditas e variantes das obras do poeta, comquanto não fiquemos pela genuidade de algumas, o que acontece ás já anteriormente publicadas, porque não sendo tiradas de autographos, postoque algumas de apographos, ahi vão a cargo de copiadores, embora alguns antigos.

Conheciam-se poucas traducções e obras relativas ao poeta, augmentámos consideravelmente este peculio bibliographico; e emquanto a traductores sabe já hoje o publico, por empenho nosso, que em quatorze linguas se encontram divulgadas as nossas glorias pela reproducção do poema e por differentes traductores.

Isto é até ao presente o que podémos conseguir; estimaremos que algum critico illustrado nos vença e lance a barra

adiante n'este *triplicado empenho;* reputaremos que será esta a mais valiosa das criticas: as outras são faceis.

Isto que aqui deixâmos consignado não o tome o leitor á conta de vaidade, porque temos para nós que de todos os defeitos do escriptor é este o mais indesculpavel; todos errâmos e todos acertâmos. Demais a critica não é outra cousa, senão uma opinião individual; porque todo o leitor medianamente illustrado e instruido não precisa d'este bordão para esclarecer-se e fixar a sua opinião.

Lançámos aqui estas reflexões, porque tendo por costume não entrar em discussões, não queremos que se julgue que nos abstemos de tomar parte n'estas lutas quando estas se apresentem por sobranceria, que nada podia justificar, ou por pouco respeito e attenção com os contendores, mas porque as reputámos sempre inglorias, não proveitosas e por vezes pouco cortezes. Nunca nos abaixámos na rua a levantar a pedra para a despedir contra os transeuntes que passam socegados sem incommodar ninguem, ou para responder á arremessada; se esta nos acerta, preferimos deixar-nos lapidar, a usar da mesma arma que encontrariamos de caminho; é arma de que nunca usámos; por isso não espere o leitor encontrar-nos n'esta arena.

Estas forçadas explicações tornam-se necessarias para justificar o nosso systema de completa abstenção nos pugilatos litterarios.

Esquecia-nos dizer que as photographias dos bustos, tiradas no claustro de Belem, foram excellentemente executadas pelo sr. L. A. Marrão, e gravadas pelo sr. Barreto, empregado na commissão geodesica, mui habil artista, discipulo do bem conhecido e distincto gravador suisso, já defunto, mr. Comte.

Ao nosso estimabilissimo amigo, o sr. João Pedro Basto, lente

da aula de diplomatica, devemos a interessante e copiosa collecção dos *fac-similes*, que o sr. Pegado, continuo do archivo nacional, teve a bondade de passar ao papel vegetal sobre os proprios autographos. As aquarellas das naus, bem como os *fac-similes*, foram executados na imprensa nacional.

Sentimos não poder apresentar n'este volume, como já dissemos, o retrato de D. Ignez de Castro, tirado da sua sepultura; cabe aqui porém agradecer ao distincto cavalheiro o sr. Carlos Augusto de Mascaranhas Relvas de Campos, rico proprietario agricola da Gollegã, que sabe empregar nos jardins das bellas artes, de que é esmerado cultor, as horas que não occupa na direcção das suas vastas propriedades ruraes, o delicado mimo que nos fez de uma bella photographia d'este rico monumento da antiga esculptura, por elle esmeradamente tirada á luz artificial. Infelizmente porém não póde servir ao nosso intento pela exiguidade da sua dimensão, e por não mostrar, pelo lado d'onde foi tirada, de face o vulto d'aquella infeliz senhora.

Terminâmos, pedindo ao leitor a sua necessaria e benevola indulgencia para o que já vae escripto, e que queira afinar a paciencia para nos aturar no seguinte e ultimo volume que destinâmos, na parte mais principal, a esclarecer os heroicos feitos dos homens illustres que constituem o amago do poema nacional.

ARGUMENTO

CANTO I

CANTO II

CANTO III

CANTO IV

CANTO V

CANTO VI

CANTO VII

CANTO VIII

CANTO IX

CANTO X

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

I

As Armas, e os Barões assinalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda alem da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por tod'a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

I

As Armas, e os Barões assinalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda alem da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por tod'a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes, que fizeram:
Cale-se d'Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias, que tiveram:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Fói de mi vosso rio alegremente;
Dai-me agora hum som alto e sublimado,
Hum estylo grandiloquo e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V

Dai-me huma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, a que Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande:

VII

Vós, tenro e novo ramo florecente
D'huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperâmos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro;
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio:

IX

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto e quasi eterno:
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi; vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cubiço.
Pois pelos doze pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande e prospera victoria:
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

XV

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio afigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparelhado;
Que affeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas;
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria e obras valerosas:
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam;
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.

XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela Via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado:
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Ali se acharam juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII

Estava o Padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo e soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano,
Com huma corôa e sceptro rutilante
De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam:
Precedem os antiguos mais honrados;
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Jupiter alto assi dizendo
C'hum tom de voz começa, grave e horrendo:

XXIV

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

XXV

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'hum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tão temido,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim com fama e gloria
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII

Agora vedes bem, que commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas e ceos exp'rimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos;
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

XXX

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baccho ali não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII

Vê que já teve o Indo subjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana:
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he a Latina.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherea;
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, hum pela infamia que arrecea,
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida:
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia;
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho e irado:

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro:
E dando huma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O ceo tremeo; e Apollo de torvado,
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

XXXVIII

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito:

XXXIX

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
Co'o temor grande em peixes converteo.

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo;
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece;
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça; e de alegria
Nãò sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta? em si diziam.
Que costumes, que lei, que Rei teriam?

XLVI

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas e compridas:
As velas, com que vem, eram de esteira
D'humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cór era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deo, de ousado e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos;
Por armas tem adargas e terçados:
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Pará que junto ás ilhas amainassem:
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham?
Quem eram? de que terra? que buscavam?
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto;
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos ceos e terras temos visto:
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois? que terra he esta que habitais?
Ou se tendes da India alguns sinais?

LIII

Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei e nação;
Que os proprios são aquelles, que criou
A natura sem lei e sem razão.
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV

Esta ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habita-la:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito, que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitão e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou
Co'o carro de crystal o claro dia,
Dando cargo á irmãa, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada,
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia.

LX

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino,
O Imperio tomaram a Constantino.

LXI

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia:
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia:
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia.

LXIII

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso Capitão,
Por hum, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas, que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e invisibil;
Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil;
Que padeceo deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffribil;
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI

Deste Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razão;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras, e no gesto o não mostrou:
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado:
Diz-lhe, que o largo premio levarão
Do trabalho, que nisso for tomado.
Promette-lhes o Mouro, com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
Aquelles de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra, do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV

Está do Fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV

Já quizeram os deoses, que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo submettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte:
Mas ha-se de soffrer, que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI

Não será assi: porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu descerei á terra: e o indignado
Peito revolverei da Maura gente:
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a fórma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas:
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agua á terra muito cedo
O Capitão, dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem c'os teus armado
Espera-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem deste geito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á nao lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares co'elle ande,
Que, se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cahir, d'onde nunca se alevante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas póde suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia;
Outros muitos já postos em cilada:
E porque o caso leve se lhe faça,
Põem huns poucos diante por negaça.

LXIII

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso Capitão,
Por hum, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas, que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e invisibil;
Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil;
Que padeceo deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffribil;
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI

Deste Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razão;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIII

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso Capitão,
Por hum, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas, que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e invisibil;
Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil;
Que padeceo deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffribil;
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI

Deste Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razão;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado:
Diz-lhe, que o largo premio levarão
Do trabalho, que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
Áquelles de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra, do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV

Está do Fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV

Já quizeram os deoses, que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo submettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte:
Mas ha-se de soffrer, que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu descerei á terra; e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a fórma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas:
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra-nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agua á terra muito cedo
O Capitão, dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem c'os teus armado
Espera-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada.
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem deste geito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á nao lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares co'elle ande,
Que, se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cahir, d'onde nunca se alevante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pôde suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia;
Outros muitos já postos em cilada:
E porque o caso leve se lhe faça,
Põem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde, que he primeiro.

LXXXVIII

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra:

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria;
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta;
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC

Não se contenta a gente Portugueza;
Mas seguindo a victoria estrue e mata:
A povoação sem muro e sem defeza
Esbombardea, accende e desbârata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
Que bem cuidou compra-la mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o pao e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII

Huns vão nas almadias carregadas;
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos para a armada,
Co'o despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antiguo, mais que nunca, accesa;
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra.
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encèrra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes, que tratava.

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
(Foi delle alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, attento,
As velas manda dar ao largo vento.

XCVI

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, e costas que passava.

XCVII

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII

E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe mande, e pede;
Que a ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.

C

Para lá se inclinava a leda frota:
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

CI

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava:
Mas não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia;
Huma cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria:
Regida por hum Rei de antigua idade:
Mombaça he o nome da ilha e da cidade.

CIV

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baccho muito de antes o avisara,
Na fórma d'outro Mouro, que tomara.

CV

O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

OS LUSIADAS

CANTO SEGUNDO

OS LUSIADAS

CANTO SEGUNDO

I

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as infidas gentes se chegaram
Ás naos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III

E porque está em extremo desejoso
De te ver; como cousa nomeada,
Te roga, que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil e cansada,
Diz que na terra podes reforma-la,
Que a natureza obriga a deseja-la.

IV

E se buscando vás mercadoria
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo;
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo:
Porém que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

VII

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida e nefanda,
Das naos se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos ledos e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam;
Que onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis; que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'huma casa da cidade,
Com rosto humano e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

XI

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura:
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão turvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous, que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo;
Que ali se agasalharam e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'huma mostra tão clara e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam:
Alegres vinham todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

XVII

Na terra cautamente apparelhavam
Armas e munições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta traïção determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem;
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como huma setta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia;
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar, que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX

Já na agua erguendo vão com grande pressa,
Co'as argenteas caudas branca escuma:
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa:
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa:
Repartem-se, e rodeam nesse instante
As naos ligeiras, que hiam por diante.

XXII

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando:
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado:
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a nao forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta;
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Ei-los subitamente se lançavam
A seus bateis veloces que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, a nado se acolhiam:
De hum bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem porventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
D'aqui e d'ali saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e chara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX

Vendo o Gama, attentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX

Oh caso grande, estranho e não cuidado!
Oh milagre clarissimo e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV

E como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar vizinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e chara,
Se lh'apresenta assi, como ao Troiano,
Na selva Idea já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia:
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII

C'hum delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante,
Co'o riso huma tristeza misturada,
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, e se ri n'hum mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada;
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

XXXIX

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil e amoroso,
Postoque a algum contrario lhe pezasse:
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei em fim que fui mofina.

XL

Este povo, que he meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando, choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois, porque o amo he maltratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante:

XLII

E destas brandas mostras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que d'ali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe acrescenta,
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta;
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem commigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados:
Os Turcos bellacissimos e duros,
Delles sempre vereis desbaratados:
Os Reis da India, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII

Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e subjugado:
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo.
Do Mouro ali verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasfema.

LI

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Ali soberba, altiva e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente:
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente;
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo e insolente,
Que cithara jámais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e gloria.

LIII

Nunca com Marte instructo e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia e presa rica,
Preso da Egypcia linda e não pudica;

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano;
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacifico porto e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII

Já pelo ar o Cyllenêo voava;
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galero costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co'o rumor famosissimo e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX

D'ali para Mombaça logo parte,
Aonde as naos estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas:
Porque mui pouco val esforço e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia e siso,
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX

Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrellas no ceo co'a luz alhea
Tinham o largo mundo alumiado,
E só co'o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite; que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava:
A outra gente a quartos vigiava.

LXI

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano;
Fuge, que o vento e o Ceo te favorece;
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava.
Terás certas aqui, se muito esperas:
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto donde o sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade:
Ali, tua frota alegre recebendo,
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sabia guia.

LXIV

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esprito ao mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento que assoprava.

LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros; de huma e de outra banda
Levam, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI

Neste tempo, que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias humidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento:
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII

Tinha huma volta dado o sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas viram:
Hum, de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX

Não he o outro que fica tão manhoso;
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e se a tivera,
Mais damno, resistindo, recebera.

LXX

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe succedeo como cuidava,
Que nenhum delles há que lhe ensinasse,
A que parte dos ceos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade,
Porque já lh'o dissera, deste geito,
O Cyllenêo em sonhos; e partia
Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea;
Quando hum e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sêllo poz a quanto tinha feito:

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia:
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A côr purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores, e pandeiros:
E assi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV

Enche-se toda a praia melindana
Da gente, que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana:
Péga no fundo a ancora pesada:
Mandam fóra hum dos Mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV

O Rei que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que sahissem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas que então na terra havia:
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado:
Escarlata purpurea, côr ardente;
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como he fóra dellas, se endurece.

LXXVIII

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da Summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido;
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo, as gentes vão matando,
P'ra roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto e sublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente,
Que barbaro costume e usança fea,
Que não vedem os portos tamsomente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arrecea,
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano e raro.

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

LXXXIV

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando:
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI

E com risonha vista e ledo aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento.

LXXXVII

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos.

LXXXIX

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra, que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam ali os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio
Nas bombas que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra: e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

XCII

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãe de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho;
Hiam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

XCIV

Hum batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça huma fota guarnecida,
De ouro e de seda, e de algodão tecida.

XCV

Cabaia de damasco rico e dino,
Da Tyria côr, entre elles estimada;
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada:
C'hum resplandor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao velludo.

XCVI

Com hum redondo amparo alto de seda,
N'huma alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro á solar quentura veda
Que não offenda e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto preza:

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta, que dá o murice excellente,
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente:
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres, resoando:
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava:
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'humas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de tão longe á India vinha.

CII

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse:
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a corôa
Do reino, onde as Hesperidas viveram:
E com muitas palavras apregoa
O menos, que os de Luso mereceram,
E o mais, que pela fama o Rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria e adversidade
Dos mares exp'rimenta a furia insana;
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV

Tu só, de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achâmos bom, fido e jucundo.
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja:
Mas para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto e ancorado
N'agua o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama
Nas cousas de que tem noticia e fama.

CVIII

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora:
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo,
Que, sem sabe-las, sei que são de preço:

CX

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros, alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta; que agora vem co'os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo sol, da fria Aurora trazem:
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

CXI

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro:
Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno, e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana.
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS

CANTO TERCEIRO

OS LUSIADAS

CANTO TERCEIRO

I

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama:
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores do Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterrano.

VII

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha: mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade
Co'os que tinham então a Egypcia terra:
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra),
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

X

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noruega;
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.

XI

Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao imperio de Allemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

XII

Entre o remoto Istro e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que, cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV

Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bellica arte:
Pobre está já da antigua potestade:
Tanto Deos se contenta da humildade!

XVI

Gallia ali se verá, que nomeada
Co'os cesáreos triumphos foi no mundo,
Que do Séquana e Rhodano he regada,
E do Garumna frio e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada,
Pyrene, se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

XVII

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça ali da Europa toda;
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá, com força ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

XVIII

Com Tingitania entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o Ceo justo, que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI

Esta he a ditosa patria minha amada;
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz ali commigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

XXII

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi desta arte.

XXIII

Hum Rei, por nome Affonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle e á morte offerecer-se.

XXIV

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes
Levassem premio digno e dões iguaes.

XXV

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exp'rimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre nem prezado:
E, para mais sinal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Teresa, sua filha, o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI

Este, despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judea subjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Hungaro extremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deo a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX

Mas o velho rumor, não sei se errado,
(Que em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta que a mãi, tomando todo o Estado,
Do segundo hymeneo não se despreza:
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX

Mas o Principe Affonso (que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o sensual era maior.

XXXII

Ó Progne crua! ó magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea
São as causas deste erro principais:
Scylla, por huma, mata o velho pai,
Esta, por ambas, contra o filho vai.

XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
Nellas sós exp'rimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

XLI

Oh grão fidelidade portugueza
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias, que tomara.

XLII

Mas já o Principe Affonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e bellicoso
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força e gente tão pequeno.

XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos, que o Ceo regia;
Que tão pouco era o povo baptisado,
Que para hum só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exp'rimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena e fria,
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o Ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: Real, Real,
Por Affonso, alto Rei de Portugal.

XLVII

Qual, co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que, em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago accendido
Por Deos e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea:

L

Dest'arte o Mouro attonito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Ali se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

LIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e presa rica:
Desbaratado e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.

LIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido:
Em cada hum dos cinco, cinco pinta;
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches subjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI

A estas nobres villas submettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiádes escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII

Lá do Germanico Albis e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a bôca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

Desta arte, em fim, tomada se rendeo
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns poderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não póde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lavã, e Torres Vedras.

LXII

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcacere do Sal estão rendidas.

LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar,
Por estender co'a fama a curta vida:
Não se lhe póde muito sustentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV

Com estas subjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della,
Que a soccorre-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro
Co'os ciumes da vacca arreçeosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

LXVII

Dest'arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exercito procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo,
No mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece,
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãi, que estava presa;

LXX

Que estando na cidade, que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
Á batalha, onde foi vencido e preso.

LXXI

Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruïna;
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria dina;
Postoque o frio Phasis ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente:

LXXII

Posto que a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos e Colchos, cuja fama
O veo dourado estende; e os Capadoces,
E Judea, que hum Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte;

LXXIII

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido;
Porque Affonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado
Do Sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido;

LXXV

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo
Com gente, e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, barbaro e nefando.

LXXVI

E com esta victoria cobiçoso,
Já não descança o moço, até que veja
Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o ceo;
Já vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino, que foi do nobre Juba.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esforço e accordo generoso,
Tudo provê com animo e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço e resistencia.

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI

E co'a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio
Dão louvores e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos deste geito
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, Affonso, os eccos: mas em vão.

LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exp'rimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram:

LXXXVI

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade onde Christo padeceo;
Quando Guido, co'a gente em sêde accesa,
Ao grande Saladino se rendeo
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto marte:
Assi como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado, Sylves toma,
E o bravo morador destrue e doma.

LXXXIX

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte:
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

XCI

Morto despois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha, como Phálaris, achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o bravo se chamou,
Despois de ter o reino segurado,
Em dilata-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania, com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helícona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do bacharo e do sempre verde louro.

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.
Mas despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte e excellente.

XCIX

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorre-la.

C

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gothica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E, se não for comtigo soccorrido,
Ver-me-has delle e do reino ser privada;
Viuva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino e sem ventura.

CV

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela;
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude e corre pai; que se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

CVI

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.

CVII

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E sómente co'o gesto esforça e anima
A' qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja,
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
As terras, como suas, repartindo
Antemão entre o exercito Agareno;
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome saraceno;
Assi tambem com falsa conta e nua.
Á nobre terra alheia chamam sua.

CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e de esforço apercebido;
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII

Dest'arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza
De Marrocos o Rei commette e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam (segundo as leis que ali seguiam)
Huns Mafamede, e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com grita o ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV

Com esforço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o Ponente, o Vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado;
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

E se tu tantas almas só podeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos vates foi prophetisado,
E despois por Jesu certificado.

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera e mesquinha,
Que, despois de ser morta, foi Rainha.

CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero amor, que a sêde tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

CXXI

Do teu Principe ali te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria;

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que póde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia.
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas creanças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vence-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

CXXVIII

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perde-la não fez erro:
Mas, se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Ali co'o amor intrinseco, e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavalleiros?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que Amor matou de amores
Aquelle, que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem poderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva meza de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da bôca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores.

CXXXVI

Não correu muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

CXXXVII

Este castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes e adulterios:
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides ou Theseo.

CXXXVIII

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vêde da natureza o desconcerto!)
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez e fraco; e bem parece,
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquinio o vio:
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruio
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece·
Com ser tanto a Cleopátra affeiçoado.
Tu tambem, Pœno prospero, o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII

Mas quem póde livrar-se porventura
Dos laços, que Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não; mas em desejo acceso?

CXLIII

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS

CANTO QUARTO

PAULO DA GAMA

VASCO DA GAMA

OS LUSIADAS

CANTO QUARTO

I

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II

Porque se muito os nossos desejaram
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
Por sinaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E como cousa em fim, que o Ceo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

V

Alteradas então do reino as gentes
Co'o odio, que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

V

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões e varias terras.

VIII

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
Áquelles cujos golpes já provastes.

XI

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Sansão Hebrëo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha:
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria; e se convem,
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

XIV

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

XV

Como? da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

XVI

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Presos, afora a preza que tiveram?

XVII

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta,
A terra nunca de outrem subjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI

Dest'arte a gente força, e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando á bôca aberta:
Viva o famoso Rei, que nos liberta.

XXII

Das gentes populares, huns approvam
A guerra com que a patria se sostinha;
Huns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los e rege-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mães, irmãas, damas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande duvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes e atambores;
Alferezes volteiam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto;
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

Deo sinal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mãis, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos ali se vem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes, que o perigo:
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atroam;
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis ali seus irmãos contra elle vão:
(Caso feo e cruel!) Mas não se espanta;
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

XXXIII

Ó tu, Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Turvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio: ali perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affronta, que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração!
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, emquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara:

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro;
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX

Porque eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Mestre morre ali de Sanct'Iago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo;
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo.
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria;
Com offertas despois e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei, que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana, má e desleal manha.

L

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou, quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino, e neste Rei,
Não usou ella tanto desta lei.

LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida;
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Affonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humilima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV

Este póde colher as maçãas de ouro,
Que somente o Tyrinthio colher póde:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzila.

LVI

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais afinando a fama Portugueza.

LVII

Porém despois, tocado de ambição
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Cadix ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesár mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

LX

Porém despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada;
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E d'ali ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras que se regam
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egyto,
Que de Christo lá guarda o santo rito.

LXIII

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem nao passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

LXIV

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Ali co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
D'ali vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas,
Da India, da Carmania e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram;
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel e seus merecimentos
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo:

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara)
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado; no tempo, que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que sahem,
A repouso convidam quando cahem;

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são;
Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue, a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias fórmas lhe apparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
D'onde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera:
E lá bem junto d'onde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longinquos e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agrestes, feras e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores sylvestres e hervas varias,
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias
De mais conversação, por si mostravam,
Que desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
Par'elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa. mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha:
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
Dest'arte para o Rei de longe brada:
Ó tu, a cujos reinos e corôa,
Grande parte do mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos, que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro he o Indo, Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV

Não disse mais o rio illustre e santo,
Mas ambos desparecem n'hum momento:
Accorda Manoel c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manhãa no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinám o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom sinal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave.

LXXVIII

E com rogo e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve:
Trabalho illustre, duro e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais, mas logo: Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava:
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava;
Descer em fim ás sombras vãas e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, ó Rei, o esp'rito e carne he pronta.

LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor e d'amisade,
Não menos cubiçoso de honra e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia e de conselho,
D'experiencia em armas e furor,
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'hum alvoroço nobre, e c'hum desejo,
(Onde o licor mistura e branca arêa
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados
De varias cores vem e varias artes;
E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI

Despois de apparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
D'onde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia,
(Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente), concorria,
Saudosos na vista e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c'hum choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas, que o temeroso
Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro;
Porque me deixas, misera e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo,
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?

XCII

Nestas e outras palavras que diziam
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade;
A branca arêa as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que, postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

Mas hum velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do esperto peito:

XCV

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'huma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exp'rimentas!

XCVI

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos: e de imperios:
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo de algum nome preeminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII

Mas ó tu, geração daquelle insano,
Cujo peccado e desobediencia,
Não somente do reino soberano
Te poz neste desterro e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

XCIX

Já que nesta gostosa vaïdade
Tanto enlevas a leve phantasia:
Já que á bruta crueza e feridade
Pozeste nome, esforço e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perde-la quem a dá:

C

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI

Deixas criar ás portas o inimigo
Por hires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia?

CII

Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se he justa a justa lei, que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome e a gloria!

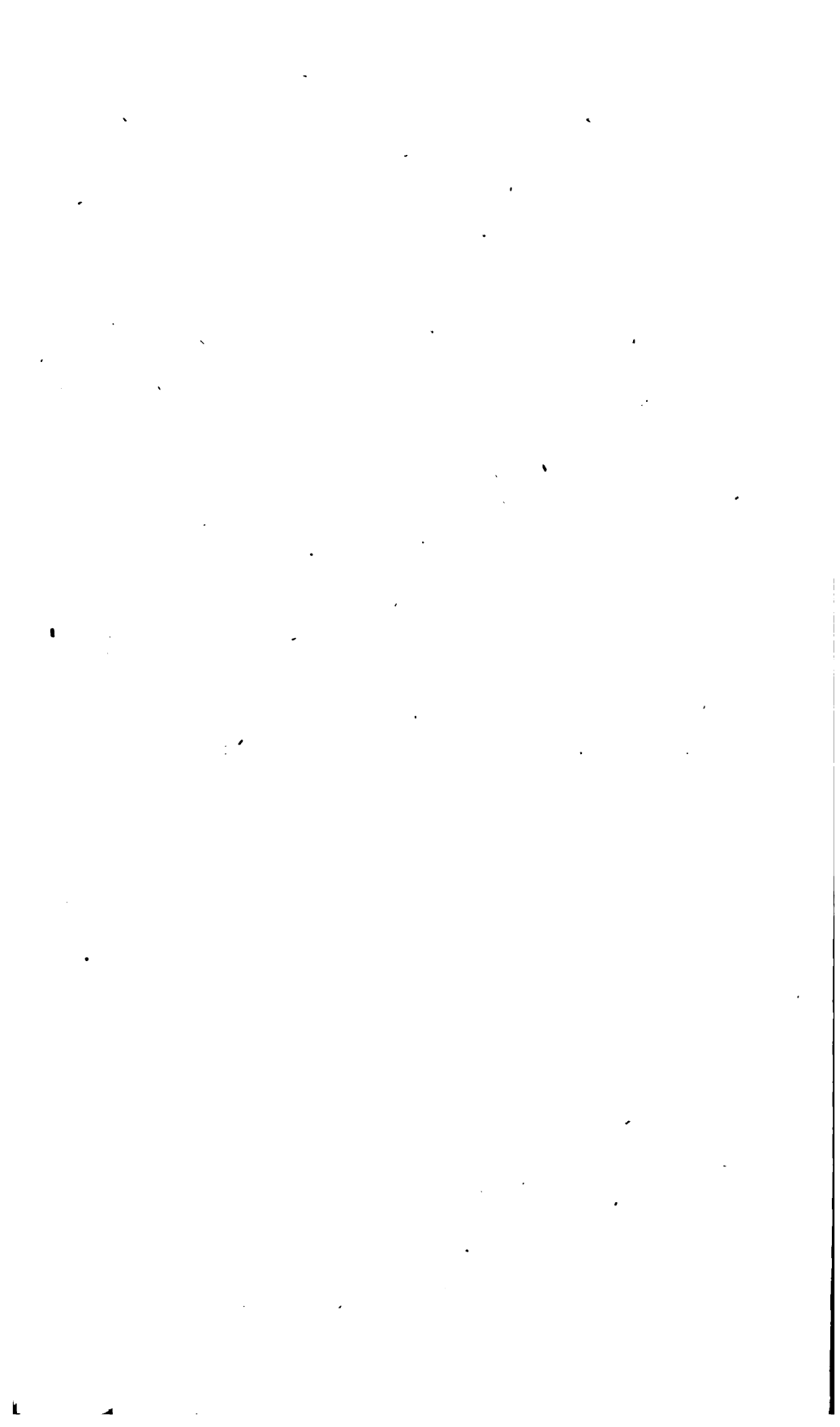
CIII

Trouxe o filho de Jápeto do Ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector, co'o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro, fama ao rio:
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!

OS LUSIADAS

CANTO QUINTO

OS LUSIADAS

CANTO QUINTO

I

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemæo truculento;
E o mundo, que co'o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam:
Ficava o charo Tejo e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam:
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

IV

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda, que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.

VI

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII

Passámos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia:
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct'Iago:
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
D'aqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A Provincia Jalófo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logrâmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico reçebe:

XI

As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãas, que outro tempo ali viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d'hum só olho se serviam.
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fêa,
De viboras encheste a ardente arêa.

XII

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfão nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
O Grande rio, onde batendo sôa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.

XIII

Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o término ardente já passado,
Onde o meio do mundo he limitado.

XIV

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d'estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro polo:
Por calmas, por tormentas e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, apesar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporsinho, e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

XX

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima delle huma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

Qual rôxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

XXII

Mas despois, que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escritura,
Que segredos são estes da natura.

XXIII

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras, que deixaram!
Que influição de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horisonte do Oriente.

XXV

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergâmos;
As ancoras pesadas se adereçam,
As velas já chegados amainâmos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estâmos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo e sabio:

XXVI

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pisou:
Porém eu co'os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por sinaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra vinha.

XXXII

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'ali ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe démos tão crescida,
Que em mais que nos barretes se suspeita,
Que a cór vermelha levam desta feita.

XXXIV

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

XXXVI

Contou então, que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali mata-lo:
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sahindo nós para toma-lo,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

Porém já cinco soes eram passados,
Que d'ali nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando huma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?

XXXIX

Não acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A bôca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo:
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, só de ouvi-lo e ve-lo.

XLI

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já, que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho:

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o dano, que o perigo.

XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos;
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura:
Ali, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

XLIX

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.
A bôca e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que pozesse serra sobre serra;
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as deosas desprezei do Ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Hum dia a vi co'as filhas de Nereo
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa, que mais queira.

LIII

Como fosse impossibil alcança-la
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de toma-la,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella c'hum formoso riso honesto
Respondeo: qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o d'hum gigante?

LIV

Comtudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escude o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella, que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte
De aspero matto e de espessura brava:
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'hum penedo outro penedo.

LVII

Ó nympha a mais formosa do Oceano.
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
D'aqui me parto irado e quasi insano
Da magoa e da deshonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse,
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX

Assi contava, e c'hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando,
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante:
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiópes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam, concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d'outras peças, que levaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum sinal do que buscâmos,
As velas dando, as ancoras levâmos.

LXV

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo Antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI

Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co'o mar hum tempo andámos em porfias:
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento, que assoprava.
Injuriado Noto da porfia,
Em que co'o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

LXXV

E foi, que estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se viam,
N'hum rio, que ali sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas, que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece,
Que com gente melhor communicavam:
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que fallavam:
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII

Pela Arabica lingua, que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por naos, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá donde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol; terra onde havia
Gente assi como nós da côr do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos sinaes, que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Sinais:
Hum padrão nesta terra alevantámos;
Que para assinalar lugares tais
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

LXXIX

Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos,
Nojosa creação das aguas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas.
Dos hospedes, que tinhamos vizinhos,
Com mostras aprazíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX

Mas não foi da esperança grande e immensa,
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no Ceo sereno se dispensa:
Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi, que de doença crua e feia
A mais, que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gingivas na bôca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia:

LXXXII

Apodrecia com fetido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava:
Não tinhamos ali medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fôra morta; e bem convinha.
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

Em fim que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberam de todo o illustre os ossos.

LXXXIV

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum sinal de mais firmeza;
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
De cuja falsidade e má vileza,
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI

Julgas agora, Rei, que houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII

Esse que bebeu tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina:
Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona e divina,
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co'o som se ensoberbece:

LXXXVIII

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas que co'o canto os adormeçam:
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones e a terra, onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito que se affinem
Nestas fabulas vãas, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua escritura.

XC

Da bôca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d'animo e nobreza.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual, que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as redeas vira,
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços;
E elRei se vai do mar aos nobres paços.

XCII

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o experta e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos,
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz, que seus feitos celebrava.

XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama,
Como a sua, que o Ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.

XCV

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros e dá Augustos;
Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fulvia, certo, que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI

Vai Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe e alcança,
He nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsómente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros:
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

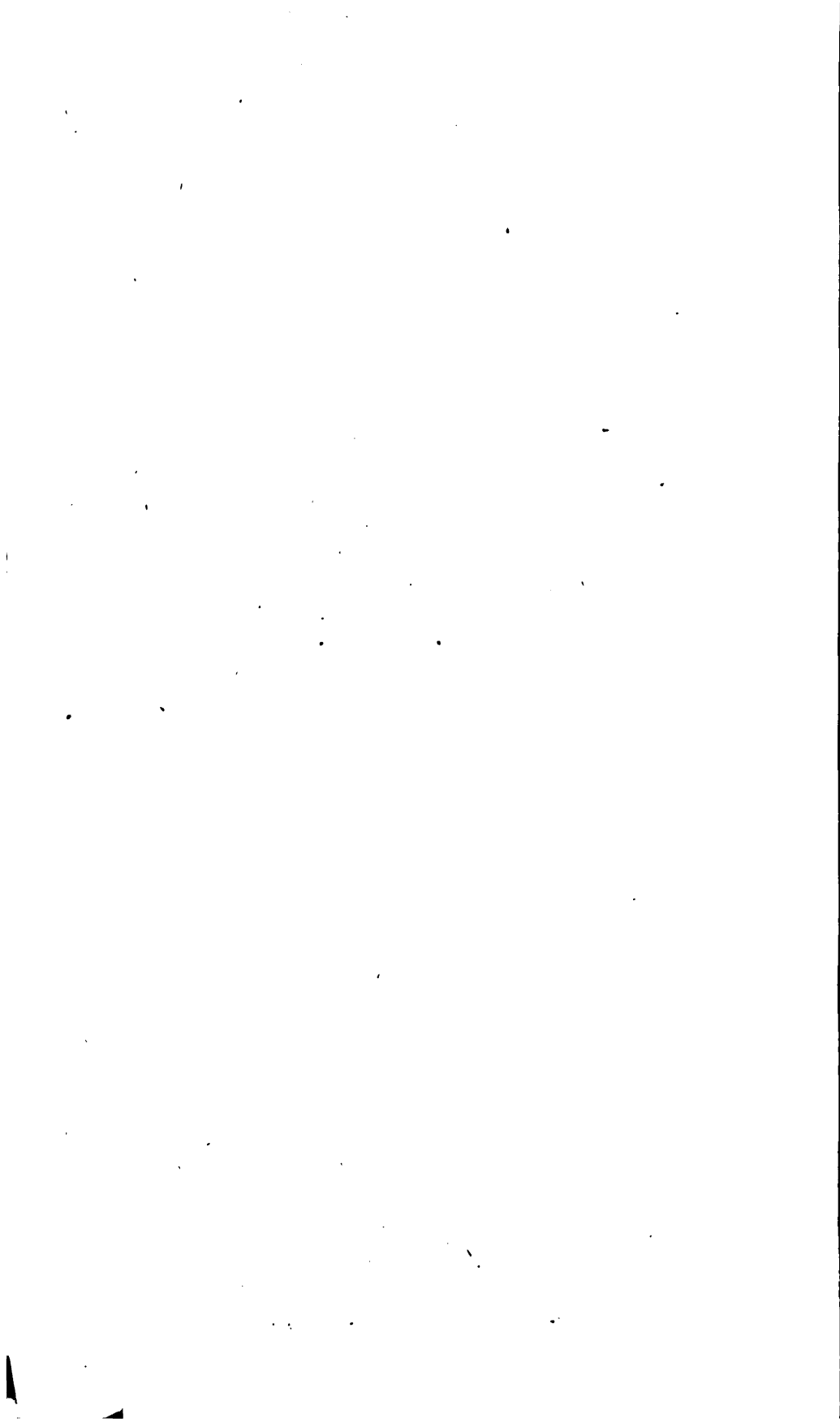
XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As tellas d'ouro fino, e que o cantassem:

C

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o presupposto
Das Tagides gentis, e seu respeito:
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

OS LUSIADAS

CANTO SEXTO

OS LUSIADAS

CANTO SEXTO

I

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes tão possantes:
Peza-lhe, que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hercules ao mar abrio o caminho.

II

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra e engana,
Este famoso Rei todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

III

Mas vendo o Capitão, que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida, que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu reino e estado:
E que em quanto seu corpo o esp'rito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavam
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema e desatina.

VII

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Româ:
Não no póde estorvar, que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca e toma;
Entra no humido reino, e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas ali de prata fina;
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Dò rico aljofar, que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho cahos a tão confusa face:
Vem-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

XI

Ali sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou logar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vasio.

XII

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara fórma ali estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

N'outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveram os deoses co'os gigantes;
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas; mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando
De ver, que commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos.

XVI

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

XVII

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que ali se geram:
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar, todos cobertos cento e cento:
Camarões e cangrejos e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras, e briguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos despois da Grega insania.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas, que gerara;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Protêo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Ali veio tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida huma cámisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não he para esconder-se.

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse;
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão, igual partido;
Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela arêa
No collo o toma a bella Panopêa.

XXIV

E o deos, que foi n'hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o fêo engano,
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII

Principe, que de juro senhoreas
D'hum polo ao outro polo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes,
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem póde ser, que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos e atrevidos?

XXIX

Vistes, que com grandissima ousadia
Foram já commetter o ceo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas e insolencias taes, que temo
Que do mar e do ceo em poucos annos
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX

Vedes agora a fraca geração,
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? porque a pondes em tardança?

XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do Ceo desci,
Nem da magoa, da injuria, que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente:

XXXIII

Que o grão Senhor, e fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres que nunca determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses; que, a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer, e não passou d'aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quizera primeiro ali Proteo
Dizer neste negocio o que sentia;
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
«Neptuno sabe bem o que mandou.»

XXXVII

Já lá o soberbo Hyppótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

XXXVIII

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota:
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX

Vencidos vem do somno, e mal despertos
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

XLI

Não he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida e robusta,
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa, ou nova;
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Despois que socegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV

Entre as damas gentis da côrte Ingleza,
E nobres cortezãos, acaso hum dia
Se levantou Discordia em ira acceza;
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco peza
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

XLV

E que se houver alguem com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso ou estacada,
Lhe darão fea infamia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

XLVI

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer, que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII

Era este Inglez potente, e militara
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra exp'rimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas,
De vosso aggravo os façam sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras de affagos e de amores
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que ali tereis soccorro e forte esteio.

L

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes:
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda, que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com fervida vontade;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavallos e concertos de mil cores.

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez exp'rimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro dextro, ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia:

LIV

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis, e varias manhas:
Agora, que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

E quando caso for, que eu, impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for convosco ao praso instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que he devido;
Mas se a verdade o esp'rito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão, que eu comvosco lá não seja.

LVI

Assi diz: e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Navarra, co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha,
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e amimados.

LVIII

Chega-se o praso e dia assignalado,
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de cores e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na côrte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n'hum sublime e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço e d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI

Mastigam os cavallos, escumando,
Os aureos freos com feroz sembrante:
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido diamante:
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze, que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra, e veste ali do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrepito parece,
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme:
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algum d'ali tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba ingleza do seu throno,
Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce e chara terra.

LXVIII

Mas dizem, que comtudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes;
E como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato e de Corvino.

LXIX

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
C'hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede, que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento,
Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

LXX

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'huma e d'outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Álerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra, que apparece.

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'hum ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

LXXII

O Ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor e desaccordo,
Que no romper da vela a nao pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte accordo;
Vão outros dar á bomba, não cessando:
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á nao, n'hum bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros e forçosos,
A manear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
Sẽ aproveitar dos homens força e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

LXXV

A nao grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nao de Coelho com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece, que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra e fea se alumia
Co'os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo a tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceo fossem viradas;
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto e forte,
Que o impossibil póde, desta sorte:

LXXXI

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar e terra senhoreas;
Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas e ondas feas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:

LXXXII

Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis já passados,
Outras syrtes e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII

Oh ditosos aquelles, que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sustiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perde-la,
Doce fazendo a morte as honras della!

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos, que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte:
A deosa, que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

LXXXVI

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse: mas não será, que ávante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve:
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á porfia:
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham, que as estrellas.

LXXXVIII

Assi foi; porque tanto que chegaram
Á vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos, que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX

Não creas, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura he de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante:
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi d'aqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo se converte.

XC

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto; que bem sabe
Que dias ha que em vê-la se recrea,
Que bem crê, que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe:
De contente de ver, que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

XCI

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores:
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela prôa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito vôa:
Disse alegre o piloto Melindano,
«Terra he de Calecut», se não me engano.

XCIII

Esta he por certo a terra que buscais,
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não póde o Gama mais
De ledo em ver, que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exp'rimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscovia zebellinos:

XCVI

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento:

XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

XCIX

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

OS LUSIADAS

CANTO SETIMO

OS LUSIADAS

CANTO SETIMO

I

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia:

III

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feas guerras occupado
(Que inda co'o cego error se não contenta!)
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V

Vede-lo duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tão longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

VI

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle e derriba-lo!

VII

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Ali se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
De Carlos, de Luiz, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem, de si inimigo:
Comtigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX

Ó miseros Christãos, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes que tem por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos, que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes, que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areas?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veas:
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilharia,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo!):
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV

Mas em tanto, que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera, lá chegara.

XV

E vejamos em tanto, que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores:
Para lá logo as proas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

XVII

Alem do Indo jaz, e áquem do Gange,
Hum terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso:
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX

Entre hum e outro rio, em grande espaço,
Sahe da larga terra hũa longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta:
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta,
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores;

XX

Mas agora de nomes e de usança
Novos e varios são os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra e gente são mais abundantes:
Decanijs, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI

O reino de Cambaia bellicoso,
(Dizem que foi de Poro, Rei potente)
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica e bella:
Samorim se intitula o senhor della.

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

XXIV

Entre a gente, que a vê-lo concorria,
Se chega hum Mohometa, que nascido
Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido:
Ou pela vizinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade:

XXVII

E que, em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha,

XXVIII

O Portuguez aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fôra já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella,
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX

Elle começa: Ó gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado:
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas d'hum só fôra
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido e inteiro.

XXXIII

Porém como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes,
Succedeo, que pregando convertessem
O Perimal, de sabias e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV

Náos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV

A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

XXXVI

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe e ande:
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este, que agora o imperio manda e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e sómente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga:

XXXVIII

Porque os que usaram sempre hum mesmo officio,
D'outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que, quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa e apura.

XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária:
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antiguo e de grande preeminencia:
Observam os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro poz nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia:
Sómente no venereo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.

XLI

Geraes são as mulheres, mas sómente
Para os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra he grossa em trato em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII

Assi contava o Mouro: mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandara
O capitão da armada, que chegara.

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado:
Das cores a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que vá (costume usado),
Que nos hombros dos homens he levado.

XLV

Desta arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera:
Os outros portuguezes vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera:
O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama e o Catual hiam fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia:
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras, que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII

Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo e em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia:
Vem-se as abominaveis esculpturas,
Qual a Chimera em membros se varia:
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em fórma humana, estão maravilhados.

XLVIII

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava:
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão:
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vem ver o estranho Capitão:
Estão pelos telhados e janellas,
Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo e na cidade juntamente.

LI

Pelos portaes da cerca a subtileza
Se enxerga da Dedálea faculdade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava hum grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava:
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava;
Tão proprio, que se ali estiver Semele.
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII

Mais avante bebendo secca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De huma tão bella, como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio.
Esculpido o feroz ginete ardente.
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV

D'aqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e subjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas:
D'hum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor:
No recostado gesto se assinala
Hum venerando e prospero senhor:
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto delle hum velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo e geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:

LX

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo,
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII

E se queres com pactos e lianças
De paz e de amisade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII

E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia;
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era
O Rei, e a gente e terra, que dissera.

LXV

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova
Dos estranhos quem são; que ouvido tinha,
Que he gente de sua patria mui vizinha.

LXVIII

Que particularmente ali lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia:
Sómente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antiguos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece:

LXX

Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis e famosos:
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

LXXI

Não menos tem mostrado esforço e manha
Em quaesquer outras guerras, que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam:
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam:
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informar-te, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e offende:
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz e na milicia.

LXXIII

Já com desejos o Idolátra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava:
Á capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
Nella estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita Epicurêa, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrara á gente:
Mas comer o Gentio não pretende;
Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota: mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia ali descreve.

LXXVII

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano:
Os olhos põe no bellico transunto
De hum velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não póde ser defunto,
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII

Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que commetto insano e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX

Olhai que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condena,
N'huma mão sempre a espada e n'outra a penna:

LXXX

Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alheios degradado:
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A trôco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creais, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepozer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha, que he justo, e que he direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha, que he justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende e cuida que he prudente,
Para taixar com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

OS LUSIADAS

CANTO OITAVO

I

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
«Quem era, e por que causa lhe convinha
«A divisa, que tem na mão tomada?»
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II

Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III

Foi filho ou companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou:
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que ali quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV

O ramo, que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro, ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

V

Ulysses he, o que faz a sancta casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado;
Não tem com elle, não, nem ter poderam
O primor, que com Pyrrho já tiveram.

VII

Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta:
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

VIII

Vês, comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Olha tão subtis artes e maneiras,
Para adquirir os povos, tão fingidas;
A fatidica cerva, que o avisa:
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter, co'os Mouros, superado
Gallegos e Leonezes cavalleiros,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X

Quem he, me dize, est'outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tão pouca tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?

XI

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creas, que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhano:
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano:
Os filhos e mulher obriga á pena:
Para que o senhor salve, a si condena.

XV

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est'outro a si e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI

Vês este, que sahindo da cilada,
Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte;
Já o Rei tem preso, e a villa descercada:
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII

He Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co'o fogo, que accendeo junto da serra
De Abyla, nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos, com justa palma.

XVIII

Não vês hum ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma, que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.

XIX

Hum sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira:

XX

Vê-lo cá onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra:
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra:
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI

Olha aquelle, que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias:
Ella por armas toma a similhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII

Não vês hum Castelhano, que aggravado
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara co'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comsigo:
Mas vê, que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:

XXIII

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar póde a palma e o louro.
Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vê-lo entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro:
Olha o sinal no ceo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova e Sevilha
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço;
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
Que a corôa de palma ali coroa.

XXV

Olha hum Mestre, que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço e com benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI

Vês? com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente:
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres, que em França e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII

Vê-los? co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que póde não temer a lei Lethea.

XXVIII

Attenta n'hum, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX

Olha, por seu conselho, e ousadia,
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só póde, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esforço e valentia
Outro estrago, e victoria clara e bella,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso e Guadiana habita?

XXX

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

XXXI

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea.
Ditosa patria, que tal filho teve!
Mas antes pai: que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

Na mesma guerra vê, que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente:
Outra vez vê, que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV

Olha, que dezesete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antiguo, e no moderno!

XXXVI

Sabe-se antiguamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo, que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII

Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz, que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia?
Vês? outro Conde está, que representa
Em terra Marte em forças e ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

XXXIX

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL

Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geração, que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa, que descende.
Cegos! Que dos trabalhos, que tiveram,
Se alta fama e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham:
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãas lhe não convenham;
E como a seu contrario natural,
Á pintura, que falla, querem mal.

XLII

Não nego, que ha comtudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza, que lhes fica:
E se a luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice ali pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas, que ali via.

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antípodas o dia:
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

XLV

Entretanto os harúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevêm sempre os casos duvidosos,
Por sinaes diabolicos e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruïção de gente e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.

XLVII

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em fórma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida, que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serãó mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista:
Porém, despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI

Isto dito, elle e o somno se despede:
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede.
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita.
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres e contrarios
Ali se dão, segundo o que entendiam:
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro e dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo, que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar, que os conselheiros, ou privados,
De consciencia e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

LV

Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encoberta:
E quando hum bom em tudo he justo e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei hum sinal certo
Do mundo, que deixava descoberto:

LVII

N'isto trabalha só, que bem sabia,
Que, despois que levasse esta certeza,
Armas, e naos e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza;
Com que a seu jugo e lei submetteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que elle não era mais, que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cubiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende e atiça:
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça,
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida:
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com naos e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que sinal nem penhor não he bastante,
As palavras d'hum vago navegante.

LXIII

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia ou morte;
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias, que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo, que tão mal o Rei cuidava:
C'huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram, que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade
(Ó poderoso Rei) da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.

LXVI

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias:

LXVII

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês, que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse,
Viria exp'rimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais, que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece, que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito e fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

LXX

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propozeram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber, que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este, por sua industria e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir póde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

LXXII

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns succedendo aos outros proseguiram:
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima colunã:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta he a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual he, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão, que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se;
Que facil he a verdade d'entender-se.

LXXVI

Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia:
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na auctoridade grão valia;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cubiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda, que direito
Ás naos se vá, e seguro d'algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX

Embarcação, que o leve ás naos lhe pede:
Mas o mao regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto podér dos regios paços;
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro, sua partida differisse:
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle até'li não entendera.

LXXXI

Era este Catual hum dos que estavam
Corruptos pela Ma'ometana gente,
O principal, por quem se governavam
As cidades do Samorim potente:
Delle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente:
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere,
Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
Não póde ser por outrem derogado.

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil e astuto
Engano diabolico e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo;
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Ma'ometanos,
Porque não saiba nunca, onde se estende
A terra Eoa, o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos bàrbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadías todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão,
Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estão,
Porque melhor d'ali fosse e tornasse.
Sinal he de inimigo e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lh'as assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama:
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Tremulo, aqui e ali, dessocegado:

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co'os bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Ma'ometanos.

LXXXIX

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e iguala-los:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evita-los:
Com militar engenho e subtil arte,
Entender os imigos e engana-los:
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão que diga: Não cuidei.

XC

Insiste o Malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquella noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

XCII

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio, busca guerra.
Postoque os maos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se, que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.
Partem as almadías a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio póde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda;
Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV

Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, d'onde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo, que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cubiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Póde o vil interesse e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII

A Polydoro mata o Rei Threïcio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Póde tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada em pago morre.

XCVIII

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando e as consciencias.

XCIX

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr, com tudo, de virtude.

OS LUSIADAS

CANTO NONO

OS LUSIADAS

CANTO NONO

I

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dois feitores;
Que os infieis por manha e falsidade
Fazem, que não lha comprem mercadores;
Que todo seu proposito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

II

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsínoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa agua Ma'ometana.

III

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
D'aqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes naos pelo Indico Oceano
Especiaria vem buscar cada anno.

IV

Por estas naos os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abrasassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

V

Mas o Governador dos ceos e gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as naos, que longe estavam,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Ma'ometanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava,
Que se tornem ás naos; e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns, que ás naos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.

X

Eram estes antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra:

XI

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres e filhos, que se matam,
Daquelles, que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Ma'ometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e, tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio, que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos sinaes levando do que achara.

XIV

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprara:
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceylão he rica, illustre e bella.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos:

XVII

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes;
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada hum tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphionêas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido e manso:

XX

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão, que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E'os humanos subir ao ceo sereno.

XXI

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas, alguma insula divína,
Ornada d'esmaltado e verde arreio:
Que muitas tem no reino, que confina
Da primeïra co'o terreno seio,
Afora as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

XXII

Ali quer, que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações,
Com danças e chorêas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII

Tal manha buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido:
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nest'outra a ajude e siga.

XXIV

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristéra, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz com brando movimento.

XXV

Já sobre os Idalíos montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente e bella forma humana:
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si sómente, e a quem Philaucia ensina:
Vê que esses, que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sãa doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII

Vê que aquelles, que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam sómente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade:
Da fea tyrannia e de aspereza
Fazem direito, e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

XXIX

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja:
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando:
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes:
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo he só que queima e não consume.

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda:
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da setta aguda:
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII

Formosas são algumas, e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeas
Por palavras subtis de sabias magas:
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando:
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli e Cinyrea:
Hum mancebo de Assyria, hum de Judea.

XXXV

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes:
Mas eu creio, que deste amor indino,
He mais culpa a da mãi, que a do menino.

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o Ceo se atreve,
A recebel-a vem ledo e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão;
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Poderam mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL

E para isso queria, que feridas
As filhas de Nereo no ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo,
Todas n'huma ilha juntas, e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dões de Flora e Zephyro adornada:

XLI

Ali com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos e rosas,
Em crystallinos paços singulares
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Em fim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as nymphas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cubiçarem.

XLII

Quero, que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque entendam, que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia vale contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII

Assi Venus propoz, e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria, e impudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Que posto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa Gigantêa, temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde vôa,
O que vê, com mil bôcas apregoa.

XLV

Vão-a buscar, e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara:
Falla verdade, havida por verdade;
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando, os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por mao zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII

Despede nisto o fero moço as settas
Huma após outra; geme o mar co'os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros;
Cahe qualquer, sem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a vista póde a fama.

XLVIII

Os cornos ajuntou da eburnea lũa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta algũa,
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir, que vão morrendo.

XLIX

Dai logar, altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
He forçado, que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

L

Já todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em choréas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus as guiava:
Ali a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava:
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas, com subita alegria,
Houveram vista da ilha namorada;
Rompendo pelo ceo a mãi formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.

LII

De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegam a movia
A Acidalia, que tudo em fim podia.

LIII

Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a prôa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytherêa.

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co'os pesos amarellos:
Os formosos limões, ali cheirando
Estão virgineas tetas imitando.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente côma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos:
Myrtos de Cytherêa, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraiso.

LVIII

Os dões, que dá Pomona, ali natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, co'huns cachos roxos e outros verdes.
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava ali Zephyro e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lyrio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LXII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Ali no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas:
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas arpas e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV

Assi lho aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vista dos Barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cubiçosos;
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidam, que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII

Alguns, que em espingardas e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam:
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores;
Cores de quem a vista julga e sente,
Que não eram das rosas ou das flores;
Mas da lãa fina e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX

Dá Velloso espantado hum grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, he esta:
Se inda dura o gentio antiguo rito,
A deosas he sagrada esta floresta.
Mais descobrimos, do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI

De huma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

LXXII

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam:
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Humas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cubiçosas vão negando.

LXXIII

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agua: outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado (que co'a mora
De se despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo, que nelle arde.

LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo ao rosto o ferreo cano, erguido
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remette á que não era irmãa de Phebo.

LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fôra delle maltratado;
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança:

LXXVI

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro, que as outras, dar queria
O que deo para dar-se a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia:
Ó formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo:
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Ó não na creas, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII

Não canses, que me cansas; e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura he tal, que, inda que esperes,
Ella fará, que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo,
«Tra la spiga e la man qual muro è messo.»

LXXIX

Ó não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

LXXX

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração, que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, despois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

LXXXI

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella:
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais, que espere.

LXXXII

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste, que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas maguas, que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro, que soava!
Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhãa e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exp'rimenta-lo, que julga-lo,
Mas julgue-o quem não póde exp'rimenta-lo.

XC

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso;

XCI

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
Eneas e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortaes,
Indigetes, Heroicos e de Magnos.
Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII

E ponde na cubiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame e urgente:
Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merece-los sem os ter,
Que possui-los sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados:
Impossibilidades não façais;
Que quem quiz sempre póde: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS

CANTO DECIMO

NICOLAU COELHO

PEDRO ALVARES CABRAL

OS LUSIADAS

CANTO DECIMO

I

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sôpro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava:

II

Quando as formosas nymphas, co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os passos radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes,
Lhes tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

NICOLAU COELHO

PEDRO ALVARES CABRAL

OS LUSIADAS

CANTO DECIMO

I

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sôpro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava:

II

Quando as formosas nymphas, co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os passos radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes,
Lhes tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

IX

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono:
Mas tu me dá, que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero, á nação minha!

X

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte:

XI

Cantava d'hum, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera, d'amizade,
Soffrerá suas cidades e logares,
Com ferro, incendios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV

E todos outra vez desbaratando
Por terra e mar o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

XVI

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles, que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'hum tempo: mas voando
D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime;
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições e vãos venenos:
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez setima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza e aggrava;
Mas com tudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que até li vão lhe fôra commette-las.

XIX

Pela agua levará serras de fogo,
Para abrazar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte e engenho, logo
Fará ser vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

XX

Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados;
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

XXI

Aquelle, que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario estrue e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII

Mas nesse passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
Ó Belizario, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem pódes consolar-te!

XXIII

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça e que a verdade.

XXIV

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios, de Aiace merecidos,
Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos,
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

Das grandes naos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela:
Despois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saia,
As armadas de Egypto e de Cambaia.

XXX

Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro, que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella sôlta voou da prisão fora,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos crueis e a Mamelucos.

XXXIII

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exp'rimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
Á de Melique Yaz acautelada,
Co'os pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

Mas a de Mir-Hocêm, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas e alaridos.

XXXVII

Mas ah, que desta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo, que triste e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esp'rito,
Que não tiraram toda a India e Egyto.

XXXVIII

Ali Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não poderam;
E rudos paos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
As gentes vãas, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

XL

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI

Ali de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate e Calayate:
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço e arte
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados ínclytos fazendo
Mais que leões famelicos e touros,
Na luz, que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI

Mas em tempo, que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c'huma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma ira insana não refrea,
Põe na fama alva noda negra e fea.

XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exp'rimentado,
Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
Sentio Cyro, que andava já abrazado
Araspas de Panthêa em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia,
Que nenhum mao desejo o venceria:

XLIX

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de amor, que em fim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por força de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

L

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.

LI

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa;
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico ali vizinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII

Virá despois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres.

LIV

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

LV

Não vencerá sómente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito, que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cubiça triumpha, e incontinencia;
Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado

LVII

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas e submettas.

LVIII

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil e sem razão
Com forças, e poder em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira.

LIX

Mas comtudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme.
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta:
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exp'rimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

LXIII

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brazil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado:
Despois Capitão mor do Indico mar,
O muro de Damão soberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

LXV

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida;
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo:
Em si verá Beadála o marcio jogo.

LXVI

Tendo assim limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadála:
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita e fea.

LXVII

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha ali Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado,
Conforme successor ao succedido;
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII

Persas feroces, Abassís e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem;
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado, e ao ceo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

LXXI

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Co'o restante da gente Lusitana;
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana:
Huns, paredes subindo, escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII

Este despois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII

Estes e outros barões, por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

LXXIV

Assi cantava a nympha, e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
«Por mais que da fortuna andem as rodas,»
N'huma cônsona voz todas soavam,
«Não vos hão de faltar, gente famosa,
«Honra, valor e fama gloriosa!»

LXXV

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonica e doce suavidade,
Viram os altos feitos, que descobre;
Tethys, de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI

Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co'os olhos corporais
Veres o que não póde a vãa sciencia
Dos errados e miseros mortais!
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu co'os mais.
Assi lhe diz: e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pisava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava
De modo, que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem, que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e hum centro a todos só tem posto:
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue ou se abaixa, e hum mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba em fim por divina arte:

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Ethérea e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo,
Que he sem principio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende;
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXVII

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes:
Bem vês como se veste, e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda e seu pai, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopêa a formosura,
E do Orionte o gesto turbulento;
Olha o Cysne morrendo, que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nao e a doce Lyra.

LXXXIX

Debaixo deste grande firmamento
Vês o ceo de Saturno, deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo:
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'huns grave, e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve:
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro.

XCI

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exp'rimentam;
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus e varias leis.

XCII

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza:
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda cheia de bruteza,
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII

Vê do Benomotápa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua:
Nasce por este incognito hemispherio
O metal por que mais a gente sua:
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

XCIV

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real e defensão,
E na fidelidade dos vizinhos:
Olha delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos;
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassís, de Christo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos:
Vê Méroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso e charo:
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII

O cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a bôca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa, e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá são, Arquíco e Suanquem.

XCVIII

Vês o extremo Suez, que antiguamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade;
Outros dizem que Arsínoe; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Sancta Catharina:
Olha Toro e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce e crystallina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da secca Ádem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

C

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Olha a costa, que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartaque ali sabida.

CI

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas attenta, já cá de est'outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII

Olha o cabo Asabóro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
Á côr da Aurora; e vê na agua salgada
Ter o Tygris e o Euphrates huma entrada.

CIII

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerúm, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ella o nome despois e a gloria teve.

CIV

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV

Mas deixemos o estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dões usados della:
Carmania teve já por appellido:
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaqueta a intima enseada;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII

Vês corre a costa celebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori,
Já chamada Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII

As provincias, que entre hum e o outro rio
Vês com varias nações, são infinitas:
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica:
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e não duvida
Poder tira-lo a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI

Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII

Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:
A gente ficou d'isto alvoroçada,
Os Brahmenes o tem por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder auctoridade.

CXIII

São estes Sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Hum filho proprio mata, e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu mais approvado.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam mata-lo em fim de tudo.

CXVII

Hum dia, que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente hum arruido:
Já Christo neste tempo lhe ordenava,
Que, padecendo, fosse ao Ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido:
Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo:
Chorou-te toda a terra, que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da sancta Fé, que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX

E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhai que se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX

Mas passo esta materia perigosa.
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada;
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

CXXI

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia, que se preza
De abundante; mas olha, que está posta
Para o Austro d'aqui virada a costa.

CXXII

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram;
Monstros filhos do feo ajuntamento
D'huma mulher e hum cão, que sós se acharam;
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam; o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta ali tem produzido.
Mais avante fareis, que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

Dizem, que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntaram:
Alguns que fosse Ophír imaginaram.

CXXV

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos se estreita:
Daqui, tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

CXXVII

Vês passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta;
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII

Este receberá placido e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada, que ditosa.

CXXIX

Vês corre a costa, que Champá se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada.
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX

Olha o muro e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio e o outro se edifica;
Certissimo sinal e conhecido,
Da potencia Real, soberba e rica.
Estes, o Rei que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle, que he famoso
Por cavalleiro sabio e virtuoso.

CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-se.
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japão, onde nasce a prata fina,
Qué illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII

Olha cá pelos máres do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue portuguez inda compradas;
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr, que pinta o roxo frûto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornêo, onde não faltam
Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora he chamado,
Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV

Ali tambem Timôr, que o lenho manda
Sândalo salutifero e cheiroso:
Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz, que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao, que nelle cáe.

CXLI

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D'huma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra ali vizinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceitos
Ás eternas esposas e formosas,
Que corôas vos tecem gloriosas:

CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXXXVIII

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

Vedes a grande terra, que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo.
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

CXL

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co'o pao vermelho nota:
De Sancta Cruz o nome lhe poreis:
Descobri-la-ha a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D'huma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra ali vizinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceitos
Ás eternas esposas e formosas,
Que corôas vos tecem gloriosas:

CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXLIV

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela Foz do Tejo ameno;
E á sua patria e Rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça e na rudeza
D'huma austera, apagada e vil tristeza.

CXLVI

E não sei por que influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII

Olhai, que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravo touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe, sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido,
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exp'rimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento;
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento;
Com jejuns, disciplina pelos vicios
Communs, toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLI

Os cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido e fervente,
Estendem não sómente a Lei de cima,
Mas inda vosso Imperio preeminente:
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem; huns os vivos,
E (o que he mais) os trabalhos excessivos.

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos e Inglezes,
Possam dizer, que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'exp'rimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibál escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da bôca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se acham raramente.

CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada:
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLIV

Ou fazendo, que mais, que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os Muros de Marrocos e Trudante;
A minha já estimada e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

FIM

ESTANCIAS DESPREZADAS

ESTANCIAS

DESPREZADAS E OMITTIDAS POR LUIZ DE CAMÕES

NA PRIMEIRA IMPRESSÃO DO SEU POEMA

CONFORME OS DOIS MANUSCRIPTOS DESCOBERTOS POR MANUEL DE FARIA E SOUSA

PRIMEIRO MANUSCRIPTO

No canto I, depois da estancia LXXVII, havia mais duas, e a mesma LXXVII com a mudança que aqui se verá:

Isto dizendo, irado e quasi insano,
Sobre a Thebana parte descendeo,
Onde vestindo a fórma e gesto humano,
Para onde o sol nasce se moveo.
Já atravessa o mar Mediterrano,
Já de Cleopátra o reino discorreo;
Já deixa á mão direita os Garamantes,
E os desertos de Lybia circumstantes.

Já Meroe deixa atraz, e a terra ardente,
Que o septemfluo rio vai regando,
Onde reina o mui sancto Presidente,
Os preceitos de Christo amoestando:
Já passa a terra de aguas carecente,
Que estão as alagôas sustentando;
D'onde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodilo.

D'aqui ao cabo Prasso vai direito;
E entrando em Moçambique, nesse instante
Se faz na fórma Mouro contrafeito,
A hum dos mais honrados similhante.
E como a seu regente fosse acceito,
Entrando hum pouco triste no semblante,
Desta sorte o Thebano lhe fallava,
Apartando-o dos outros com que estava.

No mesmo canto I, depois da estancia LXXX, havia de mais a que se segue:

E para que dês credito ao que fallo,
Que este capitão falso está ordenando,
Sabe que quando foste a visitallo
Ouvi dous neste caso estar fallando:
No que digo não faças intervallo,
Que eu te digo, sem falta, como, quando
Os podes destruir; que he bem olhado
Que quem quer enganar fique enganado.

No canto III, depois da estancia X, havia de mais no manuscripto a seguinte:

Entre este mar, e as aguas onde vem
Correndo o largo Tánais de contino,
Os Sarmátas estão, que se mantem
Bebendo o rôxo sangue, e leite equino.
Aqui vivem os Míssios, que tambem
Tẽe parte de Asia; povo baixo e indino;
E os Ábios que mulheres não recebem;
E muitos mais que o Borysthenes bebem.

No mesmo canto III, em logar da estancia XXIX, havia esta:

Mas a iníqua mãe seguindo em tudo
Do peito feminil a condição,
Tomava por marido a dom Bermudo,
E a dom Bermudo a toma hum seu irmão.
Vêde hum peccado grave, bruto e rudo,
De outro nascido! Oh grande admiração!
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada e por mulher.

No canto IV, á estancia II, se seguiam estas tres:

Sempre foram bastardos valerosos
Por letras ou por armas, ou por tudo;
Foram-o os mais dos deoses mentirosos,
Que celebrou o antigo povo rudo.
Mercurio, e o docto Apollo são famosos
Por sciencia diversa e longo estudo;
Outros são só por armas soberanos;
Hercules e Lyeu, ambos Thebanos.

Bastardos são tambem Homero e Orpheo,
Dous a quem tanto os versos illustraram;
E os dous de quem o imperio procedeo,
Que Troia e Roma em Italia edificaram.
Pois se he certo o que a fama já escreveo,
Se muitos a Philippo nomearam
Por pae do Macedonico mancebo,
Outros lhe dão o manho Nectanebo.

Assi o filho de Pedro justiçoso,
Sendo governador alevantado
Do reino, foi nas armas tão ditoso,
Que bem póde igualar qualquer passado.
Porque vendo-se o reino receoso
De ser do Castelhano sujugado,
Aos seus o medo tira, que os alcança;
Aos outros a falsífica esperança.

No mesmo canto IV, depois da estancia XI, havia a seguinte:

Nem no reino ficou de Tarragona
Quem não siga de Marte o duro officio:
Nem na cidade nobre, que se abona
Com ser dos Scipiões claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelona
Mandou soldados dextros no exercicio:
Todos estes ajunta o Castelhano
Contra o pequeno reino Lusitano.

Ahi mesmo, depois da estancia XIII, se lia est'outra:

Oh inimigos máos da natureza
Que injuriaes a propria geração!
Degenerantes, baixos! Que fraqueza
De esforço, de saber e de razão,
Vos fez, que a clara estirpe que se presa
De leal, fido e limpo coração,
Offendais dessa sorte? Mas respeito
Que este dos grandes he o menor defeito.

No mesmo canto IV, em logar da estancia XXI, apparecia no manuscripto a seguinte:

Qual o mancebo claro, no Romano
Senado, os grandes medos aquebranta
Do grão Carthaginez, que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta;
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com furia tanta,
Que a patria duvidosa libertou,
O que Fabio invejoso não cuidou.

Pouco mais abaixo, depois da estancia XXVII, apparecia esta:

Já a fresca filha de Titão trazia
O sempre memorando dia, quando
As vesperas se cantam de Maria,
Que este mez honra, o nome seu tomando.
Para a batalha estava já este dia
Determinado: logo, em branqueando
A alva no ceo, os Reis se apparelhavam,
E as gentes com palavras animavam.

No mesmo canto IV, depois da estancia XXXIII, havia esta:

E vós Imperadores, que mandastes
Tanta parte do mundo, sempre usados
A resistir os asperos contrastes
De traidores crueis e alevantados:
Não vos queixeis: que agora se attentastes,
Hum dos mais claros Reis, e mais amados,
Vê contra si, contra seu reino e lei,
Seus vassallos por outro estranho Rei.

No mesmo canto IV, depois da estancia XXXV, appareciam as tres que se seguem:

Passaram a Giraldo co'as entranhas
O grosso e forte escudo, que tomára
A Perez que matou, que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito já deixára.
Morrem Pedro e Duarte (que façanhas
Nos Brigios tinham feito) a quem criára
Bragança: ambos mancebos, ambos fortes,
Companheiros nas vidas e nas mortes.

Morrem Lopo e Vicente de Lisboa,
Que estavam conjurados a acabarem,
Ou a ganharem ambos a coroa
De quantos nesta guerra se afamarem.
Por cima do cavallo Affonso voa;
Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco, que matára)
O vão privar assi da vida chara.

De tres lanças passado Hilario cai;
Mas primeiro vingado a sua tinha;
Não lhe peza porque a alma assi lhe sai,
Mas porque a linda Antonia nelle vinha:
O fugitivo esp'rito se lhe vai,
E nelle o pensamento que o sostinha;
E saindo da dama, a quem servia,
O nome lhe cortou na bocca fria.

N'este mesmo canto IV, em logar da estancia XXXIX, havia no manuscripto a que aqui segue:

Favorecem os seus com grandes gritas
O successo do tiro; e elle logo
Toma outra: (que jaziam infinitas
Dos que as vidas perderam neste jogo)
Corre enrestando-a forte; e d'arte incita
Á brava guerra os seus, que ardendo em fogo
Vão ferindo os cavallos de esporadas,
E os duros inimigos de lançadas.

Depois d'esta, e depois da estancia XL d'este canto IV, havia no mesmo original as oito que se seguem:

Velasquez morre, e Sanches de Toledo,
Hum grande caçador, outro letrado:
Tambem perece Galbes, que sem medo
Sempre dos companheiros foi chamado:
Montanchez, Oropesa, Mondonhedo:
(Qualquer destro nas armas e esforçado)
Todos por mãos de Antonio, moço forte,
Destro mais que elles, pois os trouxe á morte.

Guevara roncador, que o rosto untava,
Mãos e barba, do sangue que corria;
Por dizer, que os muitos que matava
Saltava nelle o sangue e o tingia:
Quando destes abusos se jactava,
De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe, com que ali lhe foi partida
Do corpo a vãa cabeça e a torpe vida.

Pelo ar a cabeça lhe voou,
Inda contando a historia de seus feitos:
Pedro, do negro sangue que esguichou,
Foi todo salpicado, rosto e peitos;
Justa vingança do que em vida usou.
Logo com elle ao occaso vão direitos
Carrilho, João da Lorca, com Robledo;
Porque os outros fugindo vão de medo.

Salazar, grão taful, e o mais antigo
Rufião, que Sevilha então sostinha;
A quem a falsa amiga, que comsigo
Trouxe, de noite só fugido tinha.
Fugio-lhe a amiga, emfim, para outro amigo,
Porque vio que o dinheiro com que vinha,
Perdeo todo de hum resto; e não perdera,
Se huma carta de espadas lhe viera.

O desprezo da amiga o desatina;
E o mundo todo, a terra, e o ceo vagante,
Blasphemando ameaça, e determina
De vingar-se em qualquer que achar diante:
Encontra com Gaspar (que Catharina
Ama em extremo) e leva do montante,
Que no ar fere fogo; e certo cria
Que hum monte da pancada fenderia.

Bem cuida de corta-lo em dous pedaços;
Porém Gaspar, vendo o montante erguido,
Cerra com elle, e leva-o nos braços:
Commettimento destro e atrevido.
Braceia o Castelhano, e de ameaços
Se serve ainda; e estando já vencido,
O Portuguez forçoso, em breve móra,
Lhe leva a arma das mãos, e salta fóra.

E porque elle não lhe use a propria manha
Que este lhe usara já, de ponta o fere:
Nos peitos o montante, emfim, lhe banha,
Porque de outra vingança desespere.
Fugio-lhe a alma indigna, e na montanha
Tartárea inda blasphema; ali refere
De mais não açoutar a imiga ingrata,
Que os açoutes de Alecto o pena e mata.

E do metal de espadas aos damnados
Diz males e blasphemias sem medida;
Que já por não lhe entrar perde os cruzados,
E agora por entrar-lhe perde a vida.
Por pena quer Plutão de seus peccados,
Que se lhe mostre a amiga já fugida,
Em brincos de outro, e beijos enlevada:
Remette elle para elles, e acha nada.

N'este mesmo canto IV, depois da estancia XLIV, havia no original as duas seguintes:

Oh pensamento vão do peito humano!
Agora neste cego error cahiste?
Agora este fermoso e ledo engano
Da sanguinosa e fera guerra viste?
Agora que com sangue, e proprio dano,
A dura experiencia acerba e triste
T'o tem mostrado. E agora, que o provaste,
Os conselhos darás, que não tomaste.

Dos corpos dos imigos cavalleiros,
Do matto os animaes se apascentaram;
As fontes de mais perto nos primeiros
Dias sangue com agua destillaram.
Os pastores do campo, e os monteiros
Da vizinha montanha, não gostaram
As aves de rapina em mais de hum ano,
Por terem o sabor do corpo humano.

Os ultimos quatro versos da estancia XLIX do mesmo canto IV, estavam muito differentes no manuscripto, e depois d'estes havia mais duas estancias, tudo como se segue:

Ponderando tamanho atrevimento,
Disse a Neptuno então Protheo propheta:
Temo que desta gente, gente venha,
Que de teus reinos o grão sceptro tenha.

Já toma a forte porta inexpugnavel,
Que o conde desleal primeiro abrio,
Por se vingar do amor inevitavel
Que a fortuna em Rodrigo permittio.
Mas não foi esta a causa detestavel
Que a populosa Hespanha destruio:
Juizo de Deos foi por causa incerta;
A casa o mostra por Rodrigo aberta.

Já agora, ó nobre Hespanha, estás segura
(Se segurar te podem cavalleiros)
De outra perda como esta, iniqua e dura,
Pois que tens Portuguezes por porteiros.
Assi se deo á prospera ventura
Do Rei Joanne a terra, que aos fronteiros
Hespanhoes tanto tempo molestara;
E vencida ficou mais nobre e clara.

Na estancia LXI d'este mesmo canto IV, eram os ultimos cinco versos no manuscripto como aqui vão:

Da prospera cidade de Veneza:
Veneza, á qual os povos, que escaparam
Do gothico furor, e da crueza
De Attila edificaram pobremente,
E foi rica despois e preeminente,

Depois da estáncia LXVI do mesmo canto IV, havia no original a seguinte:

Não foi sem justa e grande causa eleito
Para o sublime throno e governança,
Este, de cujo illustre e forte peito
Depende huma grandissima esperança:
Pois não havendo herdeiro mais direito
No reino, e mais por esta confiança,
Joanne o escolheo, que só o herdasse,
Não tendo filho herdeiro, que reinasse.

Quasi ao fim do mesmo canto IV, depois da estancia LXXXVI, havia no manuscripto as duas seguintes:

Ali lhe promettemos, se em socego
Nos leva ás partes onde Phebo nace,
De, ou espalhar sua fé no mundo cego,
Ou o sangue do povo pertinace.
Fizemos para as almas sancto emprego
De fiel confissão, pura e verace,
Em que, postoque hereges a reprovam,
As almas, como a Phenix, se renovam.

Tomámos o divino mantimento,
Com cuja graça sancta tantos dias,
Sem outro algum terrestre provimento,
Se sustentaram já Moysés e Helias:
Pão, de quem nenhum grande pensamento,
Nem sutís e profundas phantesias
Alcançam o segredo, e virtude alta,
Se do juizo a fé não suppre a falta.

No canto VI, depois da estancia VII, achava-se no mesmo original mais uma:

Lá na sublime Italia hum celebrado
Antro secreto está, chamado Averno;
Por onde o capitão Troiano ousado
Ás negras sombras foi do escuro inferno.
Por ali ha tambem hum desusado
Caminho, que vai ter ao centro interno
Do mar, aonde o deos Neptuno mora:
Por ali foi descendo Baccho agora.

Depois da estancia XXIV do mesmo canto VI, havia a que se segue:

A dor do desamor nunca respeita,
Se tem culpa, ou se não tem culpa a parte;
Porque se a cousa amada vos engeita,
Vingança busca só de qualquer arte.
Porém quem outrem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que por outro o negue,
Se sempre fuge amor de quem o segue?

Ahi mesmo, depois da estancia XL, havia as cinco seguintes:

De que serve contar grandes historias
De capitães, de guerras afamadas,
Onde a morte tem asperas victorias
De vontades alheas sujugadas?
Outros farão grandissimas memorias
De feitos de batalhas conquistadas:
Eu as farei (se for no mundo ouvido)
De como só de huns olhos fui vencido.

Não foi pouco aprazivel a Velloso
Tratar-se esta materia, vigiando;
Que com quanto era duro e bellicoso,
Amor o tinha feito manso e brando.
Tão concertado vive este enganoso
Moço co'a natureza, que tratando
Os corações tão doce e brandamente,
Não deixa de ser forte quem o sente.

Contai (disse), senhor, contai de amores
As maravilhas sempre acontecidas,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas.
Concederam os mais vigiadores,
Que ali fossem de todos referidas
As historias, que já de amor passaram;
E assi sua vigia começaram.

Disse então Leonardo: Não espere
Ninguem, que conte fabulas antigas:
Que quem alheias lagrimas refere,
Das proprias vive isento, e sem fadigas.
Porque, despois que amor co'os olhos fere,
Nunca por tão suaves inimigas,
Como a mi só no mundo tem ferido
Pyramo, nem o nadador de Abido.

Fortuna, que no mundo póde tanto,
Me deitou longe já da patria minha,
Onde tão longo tempo vivi, quanto
Bastou para perder hum bem que tinha.
Livre vivia então; mas não me espanto,
Senão que sendo livre, não sostinha
Deixar de ser captivo, que o cuidado,
Sem porque, tive sempre namorado.

Depois d'estas cinco, e da estancia LXXX, seguia-se a LXXXI com esta differença:

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que o astrífero polo senhoreas;
Tu que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas erythreas:
Se por mores perigos me trouxeste,
Que ao itacence Ulysses, ou a Eneas,
Passando os largos términos de Apolo,
Pelas furias de Tethys e de Eolo.

Ao fim d'este mesmo canto VI, depois da estancia XCIV, continuavam no primeiro manuscripto as seguintes sete:

Olhai como despois de hum grande medo,
Tão desejado bem logo se alcança;
Assi tambem detraz de estado ledo
Tristeza está, certissima mudança.
Quem quizesse alcançar este segredo
De não se ver nas cousas segurança,
Creio, se esquadrinha-lo bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoudecesse.

Não respondo a quem disse, que a Fortuna
Era em todas as cousas inconstante;
Que mandou Deos ao mundo por coluna
Deosa, que ora se abaixe, ora levante.
Opinião das gentes importuna
He ter, que o homem aos anjos similhante,
Por quem já Deos fez tanto, se pozesse
Nas mãos do leve caso, que o regesse.

Mas quem diz, que virtudes, ou peccados,
Sobem baixos, e abaixam os subidos;
Que me dirá se os máos vir sublimados?
Que me dirá, se os bons vir abatidos?
Se alguem me diz, que nascem destinados,
Parece razão aspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado ao meu destino,
Que mais me val ser sancto, que malino?

Viram-se os Portuguezes em tormenta,
Que nenhum se lembrava já da vida;
Subitamente passa, e lhe apresenta
Venus a cousa delles mais querida.
Mas o Cabral, que o numero accrescenta
Dos naufragios, na costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto
A perde, ou por destino, ou por acerto.

Se havia de perdê-la em breve instante,
O salva-la primeiro, que lhe val?
Fortuna ali, se he habil e prestante,
Porque não dava hum bem de traz de hum mal?
Bem dizia o philosopho elegante
Simónides, ficando em hum portal
Salvo, donde os amigos morrer vira,
Na sala arruinada, que cahira.

Oh poder da fortuna tão pesado,
Que tantos n'hum momento assi mataste!
Para que maior mal me tens guardado,
Se deste, que he tamanho, me guardaste?
Bem sabia que o ceo estava irado:
Não ha damno, que o seu furor abaste:
Nem fez hum mal tamanho, que não tenha
Outro muito maior, que logo venha.

Mui bem sei, que não falta quem me désse
Razões sutis, que o engenho lhe assegura;
Nem quem segundas causas resolvesse;
Materias altas, que o juizo apura.
Eu lhe fico, que a todos respondesse,
Mas não o soffre a força da escriptura:
Respondo só, que a longa experiencia
Enleia muitas vezes a sciencia.

SEGUNDO MANUSCRIPTO

(Que fôra de M. Correia Montenegro)

No canto VIII, depois da estancia XXXII, havia as tres seguintes:

Este deu grão principio á sublimada
Illustrissima casa de Bragança,
Em estado e grandeza avantajada
A quantas o hespanhol imperio alcança.
Vês aquelle, que vai com forte armada
Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
O valeroso intento, que pretende,
E a villa de Azamor combate e rende?

He o Duque Dom Gemes, derivado
Do tronco antiguo, e successor famoso,
Que o grande feito emprende, e acabado
A Portugal dá volta victorioso;
Deixando desta vez tão admirado
A todo o mundo, e o Mouro tão medroso,
Que inda atégora nunca ha despedido
O grão temor entonces concebido.

E se o famoso Duque mais ávante
Não passa co'a catholica conquista,
Nos muros de Marrocos, e Trudante,
E outros logares mil á escala vista;
Não he por falta de animo constante,
Nem de esforço, e vontade prompta e lista;
Mas foi por não passar o limitado
Término, por seu rei assignalado.

Depois da estancia XXXVI, neste mesmo canto VIII, havia mais uma, como se segue:

Achou-se nesta desigual batalha
Hum dos nossos de imigos rodeado;
Mas elle de valor, mais que de malha,
E militar esforço acompanhado,
Do primeiro o cavallo mata, e talha
O collo a seu senhor, com desusado
Golpe de espada; e passo a passo andando,
Os torvados contrarios vai deixando.

No canto x, depois da estancia LXXII, haviam dez na fórma que se seguem:

Verá-se, emfim, toda a India conjurada
Com bellico apparelho; varias gentes,
Chaul, Goa e Maláca ter cercada
Em hum tempo logares differentes.
Mas vê como Chaul quasi tomada,
O mar com suas ondas eminentes,
Vai soccorrer a gente Portugueza,
Que só de Deos espera já defeza.

Vês qual o Rei gentio presuroso
Arde, cerca, discorre, e anda listo,
Incitando o exercito espantoso
A destruir hum esquadrão de Christo?
Mas nota o ponto de honra generoso,
Em cerco, nem batalha nunca visto;
Os soldados fugindo do seguro,
Passar-se ao posto perigoso e duro.

Ali o prudentissimo Ataíde,
Confortado da ajuda soberana,
Onde a necessidade e tempo o pide,
Soccorrerá com força mais que humana.
Até que com seus damnos se despide
Do cru intento a gente vil, profana,
Que em batalhas, e encontros mil vencidos,
Virão a pedir paz arrependidos.

Em quanto isto passar cá na lumiosa
Costa de Asia e America sombria,
Não menos lá na Europa bellicosa,
E nas terras da inculta Barbaria,
Mostrará a gente elysia valerosa
Seu preço, de temor tornando fria
A zona ardente, em ver que huma conquista
Lhe não faz que das outras tres desista.

Verão o valentissimo Barriga,
Adail de Zafim, grande, afamado,
Sem ter por armas quem lh'o contradiga,
Correr de Mauritania serra e prado.
Mas vê como a infiel gente inimiga
O prende por hum caso desastrado,
E com elle outra gente leva presa;
Que em tal caso não póde ter defeza.

Mas passado este trance perigoso,
Olha onde preso vai, como arrebata
A lança de hum dos Mouros, e furioso
Com ella a seu senhor derriba e mata.
E revolvendo o braço poderoso,
Os seus livra, e os imigos desbarata:
E assi todos alegres e triumphantes,
Se tornam d'onde foram presos antes.

Ei-lo cá por engano outra vez preso,
Está na escura e vil estrebaria,
Carregado de ferros, de tal peso,
Que de hum logar mover-se não podia.
Vê-lo de generoso fogo acceso,
Que o páo ensanguentado sacudia,
Com que ao soberbo Mouro a morte dera,
Que em sua honrada barba a mão pozera?

Descobrimento he quinta, que bem certo
Á gente Lusitana só se deve;
Pois tendo Norte a Sul já descoberto,
Adonde o dia he grande, e adonde breve:
E por caminho desusado, incerto,
De Ponente a Levante, inda se atreve
Cercar o mundo em torno por direito:
Feito despois, nem antes, nunca feito.

Deixo de referir a piedade
Do peito Portuguez, e cortezia,
Temperança, fé, zêlo e caridade,
Com outras muitas, que contar podia.
Pois a segundo o ponto da verdade,
E regras da moral philosophia,
Não póde conservar-se huma virtude,
Sem que das outras todas se arme, e ajude.

Mas destas, como base, e fundamento
Daquellas cinco insignes excellencias,
Em que ellas tẽe seu natural assento,
E de quem tomam suas dependencias:
Não quero aqui tractar, que meu intento
Não he descer a todas minudencias,
Que geraes são no mundo a muita gente,
Senão das que em vós se acham tão sómente.

Mas não será de todo limpo e puro,
O curso desigual de vossa historia:
Tal he a condição do estado escuro
Da humana vida, fragil, transitoria:
Que mortes, perdições, trabalho duro
Aguarão grandemente vossa gloria;
Mas não poderá algum successo, ou fado,
Derribar-vos deste alto e honroso estado.

Religião, a primeira, sublimada,
De pio e sancto zêlo revestida;
Ao culto divinal sómente dada,
E em seu serviço e obras embebida.
Nesta, a gente no Elyseo campo nada,
Se mostrou sempre tal em morte e vida,
Que póde pretender a primazia
Da illustre e religiosa monarchia.

Lealdade he segunda, que engrandece,
Sobre todas, o nobre peito humano;
Com a qual similhante ser parece
Ao côro celestial e soberano.
Nesta por todo o mundo se conhece
Por tão illustre o povo lusitano,
Que jámais a seu Deos, e Rei jurado,
A fé devida e publica ha negado.

Fortaleza vem logo, que os auctores
Tanto do antiguo Luso magnificam,
Que os vossos Portuguezes com maiores
Obras, ser verdadeira certificam:
Dando materia a novos escriptores,
Com feitos, que em memoria eterna ficam;
E vencendo do mundo os mais subidos,
Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

Conquista será a quarta, que no imperio
Portuguez só reside com possança:
Pois no sublime e no infimo hemispherio
As quatro partes só do mundo alcança:
E as quatro nações dellas por mysterio
Com que conquista, e tem certa esperança,
Que Christãos, Mouros, Turcos e Gentios,
Junctaram n'huma lei seus senhorios.

Descobrimento he quinta, que bem certo
Á gente Lusitana só se deve;
Pois tendo Norte a Sul já descoberto,
Adonde o dia he grande, e adonde breve:
E por caminho desusado, incerto,
De Ponente a Levante, inda se atreve
Cercar o mundo em torno por direito:
Feito despois, nem antes, nunca feito.

Deixo de referir a piedade
Do peito Portuguez, e cortezia,
Temperança, fé, zêlo e caridade,
Com outras muitas, que contar podia.
Pois a segundo o ponto da verdade,
E regras da moral philosophia,
Não póde conservar-se huma virtude,
Sem que das outras todas se arme, e ajude.

Mas destas, como base, e fundamento
Daquellas cinco insignes excellencias,
Em que ellas tẽe seu natural assento,
E de quem tomam suas dependencias:
Não quero aqui tractar, que meu intento
Não he descer a todas minudencias,
Que geraes são no mundo a muita gente,
Senão das que em vós se acham tão sómente.

Mas não será de todo limpo e puro,
O curso desigual de vossa historia:
Tal he a condição do estado escuro
Da humana vida, fragil, transitoria:
Que mortes, perdições, trabalho duro
Aguarão grandemente vossa gloria;
Mas não poderá algum successo, ou fado,
Derribar-vos deste alto e honroso estado.

Tempo virá, que entr'ambos hemispherios
Descobertos por vós, e conquistados,
E com batalhas, mortes, captiveiros,
Os varios povos delles sujeitados:
De Hespanha os dois grandissimos Imperios
Serão n'hum senhorio só juntados,
Ficando por metropoli, e senhora,
A cidade que cá vos manda agora.

Ora, pois, gente illustre, que no mundo
Deos no gremio catholico conserva,
Redemidos da pena do Profundo,
Que para os condemnados se reserva,
Por vos dotar o que perdeo o immundo
Lusbel, com sua infame e vil caterva:
Pois sabeis alcançar a gloria humana,
Fazei por não perder a soberana.

Ultimamente, depois da estancia CXLI d'este canto X, se achava mais esta que aqui vai:

D'aqui saíndo irá, donde acabada
Sua vida será na fatal ilha:
Mas proseguindo a venturosa armada
A volta de tão grande maravilha;
Verão a nao Victoria celebrada
Ir tomar port juncto de Sevilha,
Depois de haver cercado o mar profundo,
Dando huma volta em claro a todo o mundo.

TERCEIRO MANUSCRIPTO

(Que foi do Luiz Franco)

Isto dizendo, irado e quasi insano,
Sobre a Thebana patria descendeo,
Onde vestindo a fórma e gesto humano,
Lá por onde o sol nasce se moveo.
Já atravessava o mar Mediterrano,
Já de Cleopatra o reino discorreo,
Já deixa á mão direita os Garamantes,
E os desertos de Lybia circumstantes.

Já Meroe deixa atraz, e a terra ardente,
Que o septemfluvio vai regando,
Por onde impera o sancto presidente
Os preceitos de Christo amoestando.
Já passa a terra de aguas carecente,
Que estão as alagoas sustentando;
Donde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodilo.

D'aqui ao cabo Prasso vai direito,
E entrando em Moçambique, nesse instante
Se faz na fórma Mouro contrafeito,
A hum dos mais honrados similhante,
Que como a seu regente fosse aceito,
Entrando hum pouco triste no semblante,
Desta sorte o Thebano lhe fallava:
(Apartando-o dos outros com quem estava.)

Saberás, Xeque nosso, que sabido
Tenho desses Christãos sanguinolentos,
Que todo o mar tem descorrido
Com roubos, com incendios violentos,
E já trazem de longe engano urdido
Contra nós lá nos altos pensamentos,
Para nos destruirem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LIÇÕES VARIAS

LIÇÕES VARIAS

PRIMEIRO MANUSCRIPTO

CANTO I

Estancias

4—E vós, *Tagides minhas,* pois creado
E vós, *Tagides Musas,* pois creado
Se sempre em verso humilde celebrado
Pois sempre em verso humilde celebrado

5—Gente vossa, *que a Marte* tanto ajuda;
Gente vossa, *que Marte* tanto ajuda;

8—Vós, *poderoso Rei,* cujo alto imperio
Vós, *ó sagrado Rei,* cujo alto imperio
Do torpe *Ismaelita* cavalleiro,
Do torpe *Mauritano* cavalleiro,

10—Ouvi, vereis o *nome* engrandecido
Ouvi, vereis o *peito* engrandecido

11—Ouvi, que não vereis com *vans* façanhas,
Ouvi, que vereis com *communs* façanhas,

12—Os *doze* de Inglaterra, e o seu Magriço:
Os *onze* de Inglaterra, e o seu Magriço:

14—Albuquerque *terribil,* Castro forte,
Albuquerque *invencibil,* Castro forte,

18—*De regerdes os povos, que* o desejam,
Muito mais do que os vossos o desejam,

20—Pisando o crystalino ceo formoso
Pelo caminho lacteo excellente,
Se junctam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do oriente [1]

22—Com *gesto alto, severo* e soberano:
Com *hum gesto* severo e soberano,

[1] No meio d'esta estancia acham-se quatro versos trocados e um differente, como ficam indicados.

Estancias

23—*Mais abaixo os menores* se assentavam:
Os outros mais abaixo se assentavam:

24—Deveis de ter sabido claramente,
Deve-vos de ser noto e evidente,

25—Pois contra *o castelhano* tão temido
Pois contra o *Brigio duro* tão temido

26—*Hum por seu capitão, que* peregrino
Fingio na cerva espirito divino.
Por capitão geral o peregrino,
Que achou na cerva espirito divino.

32—[1]

33—*Por quantas qualidades* via nella
Por quanta similhança via nella

34—Que ha de ser celebrada a *clara* dea,
Que ha de ser celebrada a *alma* dea,

38—*Cuja valia* e obras tanto amaste,
Cujo valor e obras tanto amaste,
Não ouças mais, pois és juiz *direito,*
Não ouças mais, pois és juiz *perfeito,*

42—Ilha *de S. Lourenço;* e o sol ardente
Ilha *Madagascar;* e o sol ardente

43—*Na costa de Ethiopia,* nome antigo;
D'onde tomam as ondas nome antigo;

44—Vasco da Gama, o *forte* capitão;
Que *a tamanhas emprezas se offerece,*
Vasco da Gama, o *grande* capitão,
Que *toda a armada manda e lhe obedece,*

48—Da ancora o mar *ferido* em cima salta
A ancora o mar *ferindo* em cima salta

54—*Chama-se a pequena* ilha Moçambique.
É o nome da ilha Moçambique

58—Os *furiosos ventos* repousavam
Os *ventos desabridos* repousavam

61—Dá-lhe conserva doce, *e dá-lhe o ardente*
Não usado licor, que *dá alegria.*
Dá-lhe conserva *doce, excellente*
Co'o purpureo liquor que *Baccho cria.*

[1] Esta estancia não estava no manuscripto.

Estancias

64—Busco as terras da India *tão famosa.*
Busco as terras da India *valerosa.*

67—Partazanas agudas, *chuças bravas:*
Partazanas agudas, *maças bravas:*

71—Que aos *estrangeiros* subito tomou:
Que aos *da armada* subito tomou:

72—Na terra do *obsequente* ajuntamento,
Na terra do *inimigo* ajuntamento,

78—[1]

79—*E sabe mais, lhe diz, como entendido*
Saberás, Xeque nosso, que sabido
Que quasi todo o mar tem *destruido*
Que quasi todo o mar tem *descorrido*
São para nos *matarem,* e roubarem,
São para nos *destruirem* e roubarem,

81—Seja *astuto* no engano, e tão prudente,
Seja *instructo* no engano, e tão prudente,

86—*Hum de escudo embraçado,* e de azagaia,
Outro de arco encurvado e setta ervada,
Qual em cavallo ardente e de azagaia
Na mão, qual arco curvo e setta ervada

87—Andam *pela ribeira alva arenosa*
Andam *na escaramuça polvorosa*
Com a adarga, e *co'a hastea* perigosa
Com a adarga e *com a lança* perigosa

88—*Salta, corre, sibilla,* acena e brada:
Corre, salta, assovia, acena e brada:

92—*Os pangaios* subtis da bruta gente:
Os fortes paraus subtis da bruta gente:
A vil malicia, perfida, inimiga.
A má tenção contraria inimiga.

98—Povo *antiguo christão* sempre habitou.
Povo *christão* sempre *habita.*

104—Na *fórma d'outro* Mouro, que tomara.
Na *figura do outro* Mouro, que tomara.

[1] Faltava no manuscripto.

CANTO II

Estancias

1—Chegava á desejada e *lenta* meta,
Chegava á desejada e *humida* meta,
Quando as *infidas* gentes se chegaram
Quando as *fingidas* gentes se chegaram
4—O rubi fino, o *rigido* diamante:
O rubi fino, o *duro* diamante:
5—E diz que, porque *o Sol no mar* se esconde,
E diz que, porque *a noute o Sol* esconde,
11—Como os que só *das linguas* que cahiram
Como os que só *co'as linguas* que cahiram
12—Onde com este engano *Baccho* estava,
Onde com este engano *Bromio* estava,
13—Da *moça* de Tritão a roxa fronte:
Da *filha* de Tritão a roxa fronte:
14—Dentro no *salso* rio entrar queria.
Dentro no *falso* rio entrar queria.
16—Com isto o *nobre Gama* recebia
Com isto o *Gama illustre* recebia
19—Convoca as *alvas filhas* de Nereo,
Convoca as *lindas* filhas de Nereo,
20—Por cima da agua *crespa* em força summa:
Por cima da agua *fresca* em força summa:
Abrem caminho as ondas *encurvadas,*
Abrem caminho as ondas *levantadas,*
24—O leme a hum bordo e a outro *atravessando:*
O leme a hum bordo e a outro *trabalhando:*
26—*Saltando n'agua*, a nado *se acolhiam:*
E por salvar-se a nado *arremettiam:*
28—Tambem foge, saltando na agua *amara.*
Tambem foge, saltando na agua *clara.*
29—Vendo o *Gama, attentado,* a estranheza
Vendo o *capitão claro* a estranheza
30—Oh descoberto engano *inopinado!*
Oh descoberto engano *inesperado!*
Não acudir á *fraca força* humana?
Não acudir á *fraca gente* humana?

Estancias

34—Que *as estrellas*, e o ceo, e o ar vizinho,
Que *aos deoses*, ao ceo, e ao ar vizinho,

36—Os *crespos* fios d'ouro se esparziam
Os *frescos* fios d'ouro se esparziam

39—Te achasse brando, *affabil* e amoroso;
Te achasse *amigo*, brando, affabil e amoroso;
Posto que a algum *contrario* lhe pezasse:
Posto que a algum *celeste* lhe pezasse:

41—Que pois eu fui... E n'isto, *de mimosa*,
Que pois eu fui... E n'isto, *como irosa*,

44—Nem que *ninguem commigo* possa mais,
Nem que *outro algum celeste* possa mais,
Que esses *chorosos olhos* soberanos:
Que esses *olhos chorosos* soberanos:

45—[1]

46—Serão *dadas* na terra leis melhores.
Serão *postas* na terra leis melhores.

50—Invejoso vereis *o grão Mavorte*
Invejoso vereis *estar* Mavorte

52—*E vereis* em Cochim assinalar-se
Vereis mais em Cochim desbaratar-se

53—Nas *civis* Actias guerras *animoso*,
Nas Actias guerras *forte e animoso*,

58—Do Lusitano o preço grande e *raro*;
Do Lusitano o preço grande e *claro*;[2]

61—*Sereno o tempo* tens, e o Oceano,
Manso o vento tens, e o Oceano,

64—Acorda e vê *ferida* a escura treva
Acorda e vê *ferir* a escura treva

68—Ao longe dous navios, *brandamente*
Ao longe dous navios, *mansamente*
Co'os ventos navegando, que *respiram:*
Co'os ventos navegando, que *suspiram:*

70—E como o *Gama muito* desejasse
E como o *illustre Gama* desejasse

[1] N'esta estancia estavam no manuscripto os dois versos de Eneas antepostos aos de Antenor.

[2] N'esta estancia estava o ultimo verso primeiro que o penultimo.

Estancias

74—Que toda a d'outra *terra* atrás deixada.
Que toda a d'outra *costa* atrás deixada.

77—Que de longe *trazia* apparelhado,
Que *lá* de longe *tinha* apparelhado,
Escarlata purpurea, côr *ardente*
Escarlata purpurea, côr *excellente*
O ramoso coral, *fino e* presado,
Com o coral *puniceo tão* presado,

80—Mas da *soberba* Europa navegando,
Mas da *famosa* Europa navegando,
Imos buscando as terras *apartadas*
Imos buscando as terras *nomeadas*

86—Nenhum *frio* temor em vós se imprima;
Nenhum *temor ou medo* em vós se imprima;

95—*Onde a materia da obra he superada:*
De obra subtil de poucos alcançada:
Na cinta a rica adaga bem lavrada:
O pyropo na adaga bem lavrada:

96—Hum ministro *á solar* quentura veda,
Hum ministro *ao sol ardente* veda,
De aspero som, *horrisimo ao ouvido,*
De aspero som, *e de outrem não sabido,*

98—*Pluma na gorra,* hum pouco declinada.
Co'a pluma a gorra hum pouca declinada.

101—Já no batel *entrou* do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava:
Já no batel *entrava o* Capitão
Do Rei, que nos seus braços o levava:

104—Que *o ceo* revolve, e rege a gente humana;
Que *o sol* revolve, e rege a gente humana;

106—A frota co'as *bombardas* o festeja,
A frota co'as *bandeiras* o festeja,

107—Por fallar de vagar co'o *forte* Gama
Por fallar de vagar co'o *illustre* Gama

111—Que quem *ha, que por fama* não conhece
As *obras* portuguezas singulares?
Que quem *he o que ignora, e* não conhece
As *famas* portuguezas singulares?

Estancias

112—Não menos he trabalho *illustre* e duro,
Não menos he trabalho *estranho* e duro,

CANTO III

1—De quem Orpheu pariste, *ó linda* dama,
De quem Orpheo pariste, *ó docta* dama,
Te negue o amor *devido*, como soe.
Te negue o amor *divino*, como soe.

3—O que o *sublime Gama* contaria;
O que o *Capitão claro* contaria;

10—A *Lapia* fria, a inculta Noruega,
A fria *Dania*, a inculta Noruega,
Escandinava ilha, que se arrea
Os Hunos, a grande Golthia, que se arrea
O *congelado* inverno, se navega
O *desabrido* inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Gran parte do Sarmatico Oceano
Pelo *Brussio, Suecio, e frio Dano.*
Pelo *Baltico Russio, e Lithiano.*

14—*Das aguas*, que tão *baixa* começou.
Da agua que tão *humilde* começou.
De esforço, *nações varias* sujeitou,
De esforço, *o mundo todo* sujeitou,

16—*Galia* ali se verá, que nomeada
França ali se verá, que nomeada

17—Dos *bellicosos* peitos que em si cria.
Dos *belligeros* peitos que em si cria.

18—Onde o *sabido Estreito* se enobrece
Onde o *Estreito claro* se enobrece

20—E onde *Phebo* repousa no Oceano:
E onde *o sol* repousa no Oceano:
Nas armas *contra o torpe* Mauritano,
Deitando-o de si fóra, e lá na ardente
Nas armas *com que ao proprio* Mauritano,
Deitou dos proprios fins, e lá na ardente

21—Esta he aquella patria minha amada;
Á qual se o ceo me dá, que torne vivo

Estancias

21—Com tamanha empreza já acabada,
Ser me ha gosto entre os homens excessivo.
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que do antiguo Divo,
Bacho Thebano foram companheiros,
Nella, parece, os incolas primeiros [1]

22—*Desta* o pastor nasceo, que no seu nome
Daqui o pastor nasceo, que no seu nome
Pois a *grande* de Roma não se atreve.
Pois a *eterna* Roma não se atreve.

24—*E c'hum* amor intrinseco accendidos
Com este amor intrinseco accendidos
Quiz o famoso *Affonso*, que obras taes
Quiz o famoso *Rei*, que obras taes
Levassem *premio digno e dões iguaes.*
Levassem *premios dignos e galardões.*

25—Portugal *houve em sorte*, que no mundo
Lhe deram Portugal que então no mundo
Então não era *illustre*, nem presado:
Então não era *conhecido*, nem presado:

27—Que vio de *Deos* a carne em si lavada;
Que vio de *Christo* a carne em si lavada;

31—E não vê a *soberba* o muito que erra
E não vê a *inquieta* o muito que erra

33—Porém, vencido de ira o *entendimento.*
Porém, vencido de ira o *sentimento,*

34—*Para vingar a* injuria de Theresa,
Convocado da injuria de Theresa,
Contra o tão *raro* em gente Lusitano
Contra o tão *fraco* em gente Lusitano

35—*Foi refazer-se o imigo* magoado.
Torna o Castelhano magoado.

36—Do *moço* illustre a outrem ser sujeito.
Do *Lusitano* illustre a outrem ser sujeito.

37—Em que o Rei *Castelhano* já aguardava
Em que o Rei *de Castella* já aguardava

[1] A estancia 21 está assim no manuscripto.

Estancias

38—De minha temeraria *confiança,*
De minha temeraria *segurança,*
40—Põe no cepo a garganta, e já *entregado*
Põe no cepo a garganta, e já *inclinado*
40—Egas estava a tudo *offerecido.*
Egas estava a tudo *sumettido.*
42—O Lusitano exercito *ditoso*
O Lusitano exercito *orgulhoso*
43—Senão no *sumo* Deos que o ceo regia;
Senão *naquelle* Deos que o ceo regia;
Por *mais temeridade,* que ousadia,
Por *muito mais doudice,* que ousadia,
44—Cinco Reis *Mouros são os* inimigos,
Cinco Reis *são os Mouros* inimigos,
45—Amostrando-se a *Affonso,* o animava.
Amostrando-se *ao principe* o animava.
46—Por *Affonso, alto* Rei de Portugal.
Por *D. Affonso* Rei de Portugal.
49—Co'o vento, o *secco* mato vai queimando:
Co'o vento, o *cego* mato vai queimando:
Ao *estridor* do fogo, que se atea,
Ao *estrondo* do fogo, que se atea,
51—*Para se desfazer* huma alta serra,
Que podiam mover huma alta serra,
55—Com esta a *forte* Arronches subjugada
Com esta a *secca* Arronches subjugada
56—A estas *nobres* villas submettidas
A estas *fortes* villas submettidas
Ajunta *tambem* Mafra em pouco espaço,
Ajunta *a forte* Mafra em pouco espaço,
58—*Muitos* com tenção sancta eram partidos,
Povos com tenção sancta eram partidos,
Foi posto cerco aos *muros* Ulysseos.
Foi posto cerco aos *Mouros* Ulysseos.
59—E outras tantas mostrara *cheio* o rosto,
E outras tantas mostrara *claro* o rosto,
60—Que o *Ibero o vio e o Tejo* amedrontados;
Que o *Rheno, Albis e Ibero* amedrontados;

Estancias

62—Obedeceis ás forças *mais que humanas*,
Obedeceis ás forças *sobrehumanas*,
65—*Desbarata* hum exercito potente;
Vence hum *grande* exercito potente;
66—*Innumeros* peões, d'armas e de ouro
Sessenta mil peões, de seda, de ouro
Guarnecidos, *guerreiros* e lustrosos.
Guarnecidos, *valentes* e lustrosos.
67—Dest'arte *Affonso, subito mostrado,*
Dest'arte *dava o principe indignado,*
Na gente dá, que *passa* bem segura;
Na gente dá, que *passava* bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Huns captiva, outros mata denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura:
Já fuge o Rei que só da vida cura:
Sendo estes que fizeram tanto abalo,
Porque esses que fizeram tanto abalo,
No mais que *só* sessenta de cavallo.
Não são mais que sessenta de cavallo.
68—Cercar vai *Badajoz*, e logo alcança
Cercar vai *Paz Augusta* e logo alcança
77—Ao som da Mauritana *e ronca* tuba
Ao som da Mauritana *dura* tuba
79—Nada *do esforço* e accordo generoso,
Nada *da força* e accordo generoso,
83—O velho Affonso, *principe* subido,
O velho Affonso *prospero* subido,
88—Mas a *formosa* armada que *viera*
Mas a *famosa* armada que *trouxera*
Por contraste do vento áquella parte,
O contraste do vento áquella parte,
89—Da *soberba* Tui, que a mesma sorte
Da *galega* Tui, que a mesma sorte
90—*Porque d'antes os Mouros o tomaram,*
Que de antes os perros o deixaram,
93—Mas o reino, de altivo e *costumado*
Mas o reino, de altivo e *sublimado,*

Estancias

93—*A senhores* em tudo soberanos,
E de senhores em tudo soberanos,
Que não *for* mais que todos excellente.
Que não *he* mais que todos excellente.

96—*Na terra* já tranquilla claros lumes.
No reino já tranquillo claros lumes.

97—Tudo o *soberbo* Apollo aqui reserva:
Tudo o *Delphico* Apollo aqui reserva:

99—*Porque não he* das forças Lusitanas
Que nunca foi das forças Lusitanas

100—Do Sarraceno *barbaro* estupendo,
Do Sarraceno *exercito* estupendo,

101—A força inexpugnabil, *grande* e forte,
A força inexpugnabil, *muita* e forte,

102—Pelos *paternaes* paços sublimados;
Pelos *paternos* paços sublimados;

105—Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella;
Rompe toda a tardança: acude cedo
Á miseranda gente de Castella. [1]

106—Fallando está, que a *triste* Venus, quando
Fallando está, que a *bella* Venus, quando

107—Os Eborenses campos vão *coalhados;*
Os Eborenses campos vão *trilhados;*

111—Vendo o *pastor inerme* estar diante
Vendo o *fraco e gentil pastor* estar diante
Despreza o *fraco* moço mal vestido,
Despreza o *sancto* moço mal vestido,

112—Se faz temer *ao reino* de Granada.
Se faz temer *a gente* de Granada.

113—Chamam (segundo as leis *que* ali seguiam)
Chamam (segundo as leis *a que* ali seguiam)

114—Com *esforço tamanho* estrue e mata
Com *tamanha presteza* estrue e mata
Sem lhe valer defeza ou peito d'aço.
Não lhe vale elmo, malha ou peito d'aço.

[1] É assim que estão collocados, na estancia citada, os quatro versos do meio.

Estancias

114—Inda não bem contente o *forte* braço,
Inda não bem contente o *duro* braço,

115—Foi pelos *fortes* Reis desbaratado
Foi pelos *altos* Reis desbaratado

116—Não matou a *quarta* parte o forte Mario
Não matou a *terça* parte o forte Mario
Que *alqueires tres* de anneis dos mortos toma.
Que *tres moios* de anneis dos mortos toma.

117—[1]

120—*Nos saudosos campos* do Mondego,
Só o soidoso campo do Mondego,

123—*Por lhe tirar* o filho, que tem preso;
Por tirar ao filho, que tem preso;

124—Razões a morte *crua* o persuade.
Razões a morte *baixa* o persuade.
Ella com tristes e *piedosas* vozes,
Ella com tristes e *saudosas* vozes,

125—Os olhos, *porque* as mãos lhe estava atando
Os olhos, *que já* as mãos lhe estava atando

130—Os que *por bom tal feito* ali apregoam.
Os que *por bons taes feitos* ali apregoam.

132—Taes contra Ignez os *brutos* matadores
Taes contra Ignez os *duros* matadores
No colo de alabastro, que sostinha
Na marmorea columna que sostinha
As espadas *banhando,* e as brancas flores
Ás espadas *tingindo,* e as brancas flores

133—Como da *ceva* meza de Thyestes,
Como da *crua* meza de Thyestes,

134—*Tal está* morta a *pallida* donzella,
Assi está morta a *misera* donzella,
A branca e *viva* côr, co'a doce vida.
A branca e *linda* côr, co'a doce vida.

135—*Longo tempo* chorando memoraram;
Longamente chorando memoraram;

[1] Não existia no manuscripto.

Estancias

Vêde que *fresca* fonte rega as flores,
Vêde que *gentil* fonte rega as flores,

136—*Não visse Pedro* das mortaes feridas;
Pedro não visse das mortaes feridas;

138—Remisso e *sem cuidado* algum, Fernando,
Remisso e *viciosissimo* Fernando,

139—Que hum *baixo* amor os fortes enfraquece.
Que hum *fraco* amor os fortes enfraquece.

140—[1]

141—[2]

142—De hum vulto *de Medusa propriamente,*
De hum vulto *Meduseo sereno ardente,*

143—Quem vio hum olhar seguro, hum *gesto* brando,
Quem vio hum olhar seguro, hum *riso* brando,

CANTO IV

1—Despois que o Rei *Fernando* falleceo.
Despois que o Rei *perdido* falleceo.

2—*Do descuido remisso* de Fernando;
Da fraqueza ou descuido de Fernando;
Despois de *pouco tempo* o alcançaram,
Despois de *poucos dias* o alcançaram,
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
Que este só era então do reino herdeiro,

4—Alteradas *então* do reino as gentes
Alteradas *tambem* do reino as gentes

7—Se *a corrompida fama* lho concede.
Se *o morto Conde Andeiro* lho concede.

8—Vem de toda a provincia, que *de hum* Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Vem de toda a provincia, que *do antigo* Brigo
O nome tomou despois mudado;
Das *terras que Fernando e* que Rodrigo
Das *cidades e villas* que Rodrigo
Ganharam do tyrano e Mauro estado.
Com tanta honra ganhou, e Mauro estado.

[1] Esta estancia não estava no manuscripto.
[2] Idem.

Estancias

9—Trazendo por *insignias* verdadeiras
Trazendo por *divisas* verdadeiras
10—*Cidade nobre e antigua*, a quem cercando
Obra antigua de Bruto, a quem cercando
11—*Tambem movem da guerra as negras* furias
Tambem *guerra movem as tres* furias
15—Ha de haver quem refuse o *patrio* Marte?
Ha de haver quem refuse o *bravo* Marte?
16—Do grande Henriques, *feros* e valentes,
Do grande Henriques, *claros* e valentes,
17—Por Diniz e seu filho *sublimados*,
Por Diniz e seu filho *celebrados*,
19—Vencerei *não só estes* adversarios,
Vencerei *no só os Brigios* adversarios,
21—*Dest'arte* a gente fórça, e esforça Nuno,
Aquella gente fórça, e esforça Nuno,
22—*Arma-se cada hum* como convinha;
Cada hum se arma como *lhe* convinha;
24—Para *Francezes*, para Italianos.
Para *Gallos*, para Italianos.
25—Antão *Vasques* de Almada *he* capitão,
Antão *Vás* he de Almada *o* capitão,
Que despois foi de *Abranches* nobre Conde,
Que despois foi de *Abrantes* nobre Conde,
Com Joanne Rei *forte* em toda parte
Com Joanne Rei *claro* em toda parte
26—Já chegam as esquadras *bellicosas*
Já chegam as esquadras *gloriosas*
De fronte das imigas companhias,
A vista das imigas companhias,
E todas grande duvida concebem.
Mas maior he o medo que concebem.
28—Deu sinal a trombeta *castelhana*
Deu sinal a trombeta *Lusitana*
E as mais que o som *terribil* escuitaram,
E as mais que o som *terrifico* escuitaram,
29—Dos membros corporaes, *da* vida chara.
Dos membros corporaes *a* vida chara.

Estancias

33—Ó tu, Sertorio, ó *nobre* Coriolano,
Ó tu, Sertorio, ó *forte* Coriolano,

36—Qual *parida* leôa, fera e brava,
Qual *ferida* leôa, fera e brava,

37—*Os montes sete irmãos atróa e* abala:
O monte bello e os sete irmãos abala:

38—Com força atira, e prega o escudo e lado,
Co'o cavallo na terra a Maldonado [1]

41—Muitos *tambem do vulgo vil sem* nome
Muitos *do vulgo em fim que não tem* nome
A soberba do *imigo* furibundo,
A soberba do *Brigo* furibundo

44—Outros a *sede dura* vão culpando
Outros a *infausta sede* vão culpando

48—A *lei* de Christo á *lei* de Mafamede.
A *fé* de Christo á *fé* de Mafamede.

51—[2]

53—Este porque *se* Hespanha não *temesse,*
Este porque Hespanha não *perecesse,*

54—*Poder ninguem vencer* o Rei terribil.
Vencer-se de ninguem o Rei terribil.

58—Não quiz ficar *nos reinos* ocioso
Não quiz ficar *no reino* ocioso

61—Hespanha, França, Italia *celebrada;*
Hespanha, França, Italia *com presteza;*

62—*Pelo mar alto Siculo* navegam;
As ondas Adriaticas navegam;
E d'ali ás ribeiras altas chegam,
Pelo mar de Cannopo ás costas chegam,
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Sobem-se á Ethiopia sobre Egypto,

63—*Ficam-lhe atraz* as serras Nabatheas,
E vendo as altas serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
Detraz o monte Caspio lhe ficou.

[1] É assim que se acham os dois ultimos versos na estancia 38.
[2] Esta estancia não tinha o verso 6.

Estancias

Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.
Vendo a Felice, a Pétrea e a Deserta.

67— *O qual, como do nobre* pensamento
E como nunca já do pensamento
Não deixasse de ser hum só momento
Deixasse de ser hora nem momento

69—D'onde *diante* varios mundos via,
D'onde *debaixo* varios mundos via,
Nascerem duas *claras* e altas fontes.
Nascerem duas *largas* e altas fontes.

74—Custar-te-hemos *comtudo* dura guerra;
Custar-te-hemos *primeiro* dura guerra;

75—Pelo *escuro* hemispherio somnolento:
Pelo *caro* hemispherio somnolento:
De *pudibunda* rosa e roxas flores.
De *rubicunda* rosa e roxas flores.

82—*Ambos são de valia* e de conselho,
Entr'ambos de ousadia e de conselho,
D'experiencia em armas e *furor*.
D'experiencia em armas e *primor*.

84—Onde o licor mistura e *branca* area
Onde o licor mistura e *rica* area

85—De ser *no Olympo* estrellas, como a de Argos.
De ser *nos ceos* estrellas, como a de Argos.

86—*Para* o summo Poder, que a etherea côrte
Ante o summo Poder, que a etherea côrte

87—Que refrear não posso os olhos d'agua
Que a mais obrigarão lembrança e magoa [1]

88— *De mil religiosos* diligentes,
Dos frades n'este officio diligentes

95— *C'huma aura* popular, que honra se chama!
Com hum vento popular que honra se chama!

96— *Chamam-te* illustre, *chamam-te* subida,
Chamar-te illustre, *chamar-te* subida,

98—Que na de ferro e d'armas te *deitou*
Que na de ferro e d'armas te *deixou*

[1] Estavam assim estes dois ultimos versos.

Estancias

100—Não tens junto *comtigo* o Ismaelita,
Não tens junto *comnosco* o Ismaelita,
Não he elle *por* armas esforçado,
Não he elle *nas* armas esforçado,
102—Nunca juizo algum alto e *profundo,*
Nunca juizo algum alto e *facundo,*
103—E quanto *para* o mundo menos dano,
E quanto *a todo* o mundo menos dano,
Fogo de *altos desejos,* que a movera.
Fogo de *entendimento,* que a movera.

CANTO V

13— [1]
18—Sorver as *altas* agoas do Oceano.
Sorver as *falsas* agoas do Oceano.
19—No *ar* hum vaporsinho, e subtil fumo,
No *mar* hum vaporsinho, e subtil fumo,
22—Mas o sabor do sal lhe *tira* e tolhe.
Mas o sabor do sal lhe *toma* e tolhe.
27—Que tomaram *por força,* emquanto apanha
Que tomaram *de pressa,* em quanto apanha
28—Selvagem mais que o *bruto* Polyphemo;
Selvagem mais que o *rudo* Polyphemo;
31—E de arrogante *cré* que vai seguro;
E de arrogante *diz* que vai seguro;
33—A resposta lhe demos tão *crescida,*
A resposta lhe demos tão *tecida,*
39—Se nos mostra no *ar,* robusta e valida,
Se nos mostra no *mar,* robusta e valida,
43—*Sabe* que quantas naos esta viagem
Sabei que quantas naos esta viagem
Que *tu fazes,* fizerem de atrevidas,
Que *vós fazeis,* fizerem de atrevidas,
45—A *destruida* Quiloa com Mombaça.
A *dura* Quiloa *asperrima* com Mombaça.

[1] O manuscripto não tinha esta estancia.

Estancias

49—E dando hum *espantoso e grande* brado,
E dando hum *temeroso e rouco* brado,
51—Mas conquistando as *ondas* do Oceano,
Mas conquistando as *costas* do Oceano,
53—Determinei por *armas* de toma-la
Determinei por *guerra* de toma-la
54—Eu que caír não *pude* neste engano,
Eu que caír não *sube* neste engano,
55—Da *branca* Thetys *unica* despida:
Da *linda* Thetys *inclyta* despida:
57—Da magoa e da *deshonra* ali passada,
Da magoa e da *vergonha* ali passada,
60—Bramido muito longe o mar *soou.*
Bramido muito longe o mar *toou.*
Dos Anjos, que tão longe *nos* guiou,
Dos Aanjos, que tão longe *me* guiou,
61 - Co'os outros dous o carro *radiante*,
Co'os outros dous o carro *rutilante*,
67—Em que co'o mar *(parece) tanto* estava,
Em que co'o mar *tamanho espaço* estava,
Com que nos faz *vencer* a grão corrente.
Com que nós faz *romper* a grão corrente.
74—*Encommendado ao sacro* Nicolao,
Invenção do sagrado Nicolao,
76—*Palavra alguma Arabia* se conhece
Alguns nomes Arabios se conhece
88—Sirenas que *co'o canto* os adormeçam:
Sirenas que *cantando* os adormeçam:
91—E El-Rei se vai *do mar* aos nobres paços.
E El-Rei se vai *da nao* aos nobres paços.

CANTO VI

1—O Rei *pagão* os *fortes* navegantes,
O Rei *Mouro* os *famosos* navegantes,
2—Este *famoso* Rei todos os dias,
Este *sereno* Rei todos os dias,
3—Já do *pagão* benigno se despede,
Já do *Mouro* benigno se despede,

Estancias

6—Á *gente Lusitana,* dellas dina,
A *forte Lusitania,* dellas dina,

8—Nereidas, e outras deosas do *mar,* onde
Nereidas, e outras deosas *muitas,* onde

9—Que assi se mostra claro e *radiante.*
Que assi se mostra claro e *rutilante.*

10—*Na qual* do irado Baccho a vista pace:
Da quale do irado Baccho a vista pace
Do velho cahos a *tão* confusa face:
Do velho cahos a *mui* confusa face:

14—Da vinda sua, o estava já *aguardando,*
Da vinda sua, o estava já *esperando,*

25—As deosas *em riquissimos* estrados,
As deosas *enriquecem* os estrados,

26—[1]

28—Os peitos, *com razão* endurecidos
Os peitos *n'outro tempo* endurecidos

29—Soberbas e *insolencias taes,* que temo
Tão grandissimas insolencias, que temo

30—Que *d'hum vassallo* meu o nome toma,
Que *de hum meu capitão* o nome toma,

31—Eu vi, que contra *os Minias,* que primeiro
E vi que contra *aquelles* que primeiro

33—Que o *grão senhor* e fados, que destinam,
Que *Jupiter* e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Não por razão, senão por caso o mundo,

38—No fundo *aquoso,* e leda *lassa* frota
No fundo *ponto,* a leda *rica* frota

39—Vencidos vem do somno, e *mal* despertos
Vencidos vem do somno, e *bem* despertos
Historias contam, casos *mil* referem.
Historias contam, casos *seus* referem.

40—Para *passar* o tempo, que de amores?
Para *enganar* o tempo, que de amores?

[1] N'esta estancia faltavam os versos 5 e 6.

Estancias

70—*Mas n'este passo assi promptos estando,*
Desta arte arrazoavam vigiando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda.
Quando o mestre, que olhando os ares anda,
71—Em pedaços a *fazem* c'hum ruido,
Em pedaços a *rasgam* c'hum ruido,
72—Vão outros dar á bomba não *cessando:*
Vão outros dar á bomba, não *tardando:*
73—Tres marinheiros *duros*, e forçosos,
Tres marinheiros *rijos* e forçosos,
75—Não menos *gritos* vãos ao ar derrama
Não menos brados *vãos* ao ar derrama
81—Que *os ceos, o mar e terra* senhoreas;
Que o *astrifero polo* senhoreas;
92—Enxergaram terra *alta* pela proa.
Enxergaram terra *baixa* pela proa.

SEGUNDO MANUSCRIPTO

CANTO I

4—E vós *Tagides minhas,* pois creado
E vós *Musas do Tejo,* pois creado
9—Que n'esse *tenro* gesto vos contemplo,
Que n'esse *bello* gesto vos contemplo,
10—Por hum pregão do ninho meu *paterno.*
Por hum pregão do ninho meu *superno.*
D'aquelles de quem sois senhor *superno:*
D'aquelles de quem sois senhor *paterno:*
16—Em quem vê seu *exicio* afigurado:
Em quem vê seu *remate* afigurado:
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
O collo mostra ao jugo já inclinado;
21—E os que o *Austro tem,* e as partes onde
E os que o *antartico polo* e as partes onde
22—Com gesto alto, *severo* e soberano:
Com gesto alto, *sereno* e soberano:
49—Enchem vasos do *vidro,* e do que deitam
Enchem vasos de *prata,* e do que deitam

Estancias

58—Da *lua* os claros raios rutilavam
De *Phebe* os claros raios rutilavam
62—Está a gente *maritima* de Luso
Está a gente *nautica* de Luso
67—*Arcos,* e sagitiferas aljavas,
Béstas, e sagitiferas aljavas,
89—A plumbea pella mata, o *brado* espanta,
A plumbea pella mata, o *estouro* espanta,
106—Contra hum *bicho* da terra tão pequeno ?
Contra hum *verme* da terra tão pequeno?

CANTO II

1—Lhe estava o deos *nocturno* a porta abrindo;
Lhe estava o deos *Neptuno* a porta abrindo;
43—Dos fados as *entranhas* revolvendo,
Dos fados os *segredos* revolvendo,
52—Tanto hum *peito soberbo e insolente,*
Tanto hum *coração tão vivo e valente,*
53—Nas *civis Actias* guerras animoso,
Nas *intestinas* guerras animoso,
56—Como isto désse, manda o *consagrado*
Como isto désse, manda o *bem fallado*

CANTO III

49—Recolhe o *fato,* e foge para a aldea:
Recolhe o *gado,* e foge para a aldea:
71—*Ter* teu sogro *de ti* victoria dina
Que teu sogro victoria *alcance* dina
84—Os *semeados* campos alagaram,
Os *saudosos* campos alagaram,
97—O *valoroso officio* de Minerva;
O *supremo exercicio* de Minerva;
126—*Nas rapinas aerias* tem o intento,
Em cruentas rapinas tem o intento,
140—*Do peccado* tiveram sempre a pena
Deste vicio tiveram sempre a pena

CANTO IV

Estancias

1 —Traz *a manhã* serena claridade,
Traz *ás vezes o sol* serena claridade,

32—Contra irmãos e parentes, *(caso estranho!)*
Contra irmãos e parentes *(caso feo!)*
Quaes nas guerras *civis de Julio e Magno*
Qual nas guerras *de Cesar e Pompeo*

CANTO VI

21—Que o corpo *crystallino* deixa ver-se;
Que o corpo *alabastrino* deixa ver-se;

79—Quantas arvores *velhas* arrancaram
Quantas arvores *firmes* arrancaram

CANTO VII

74—Do rico fio são, que o *bicho* gera;
Do rico fio são, que o *verme* gera;

CANTO VIII

5—Grandes *batalhas* tem desbaratadas,
Grandes *esquadras* tem desbaratadas,

62—Que presentes me trazes *valorosos*,
Que presentes me trazes *preciosos*,
Se *lia* dos Reis altos a amisade:
Se *liga* dos Reis altos a amisade:

64—Que *Venus Acidalia* lhe *influia*,
Que *o esp'rito divino* lhe *infundia*,

CANTO IX

7—E dos *trovões horrendos* de Vulcano;
E dos *sulphureos tiros* de Vulcano;

10—Outros *quebram* co'o peito *duro* a barra:
Outros *volvem* co'o peito *a dura* barra:

17—Que *o coração para elle he vaso estreito.*
Que *não lhe cabe o coração no peito.*

21—*Da primeira co'o terreno seio,*
Co'o terreno que cerca o grão Protheo,

Estancias

43—Com gesto ledo a Cypria, *e impudico*
Com gesto ledo a Cypria, *então pudico*

49—Faça quanto *lhe Venus* admoesta.
Faça quanto *a virtude lhe* admoesta.

59—*Entregai-vos ao* damno, que co'os bicos
Escondei-vos do damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.
Fazem na fructa os passaros inicos.

76—O que deu para dar-se a *natureza.*
O que deu para dar-se a *fortaleza.*

91—Que *Jupiter,* Mercurio, Phebo e Marte,
Que *Neptuno,* Mercurio, Phebo e Marte,

95—E nesta ilha de *Venus* recebidos.
E nesta ilha da *fama* recebidos.

CANTO X

4—Mas da *ambrosia,* que Jove tanto estima,
Mas do *nectar* que Jove tanto estima,

88—E do Orionte o gesto *turbulento,*
E do Orionte o gesto *vê tremendo;*

104—Já seu braço em Ampaza, que *deixada*
Já seu braço em Ampaza, que *deitada*

TERCEIRO MANUSCRIPTO

(De Luiz Franco)

CANTO I

1—As armas, e os *barões* assinalados,
As armas, e os *varões* assinalados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Passarão ainda além da Taprobana,

2—D'aquelles *Reis, que* foram dilatando
D'aquelles *que a fé* foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
E o imperio e as terras viciosas
Se vão *da lei* da morte libertando;
Se vão *das leis* da morte libertando;

Estancias

Cantando espalharei por toda a parte,
Espalharei cantando por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
S'a tanto me ajudar engenho e arte.
3—Cale-se d'*Alexandro* e de Trajano,
Cale-se de *Alexandre*, e de Trajano,
Que eu canto o peito illustre Lusitano.
Qu'eu canto o peito illustre Lusitano.
Cesse tudo o que a Musa *antigua* canta.
Cesse tudo o que a Musa *antiga* canta.
4—E vós, Tagides *minhas*, pois creado
E vós, Tagides *Musas*, pois creado
Tendes em mim hum novo *engenho* ardente,
Tendes em mim hum novo *ingenho* ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Pois sempre em verso humilde celebrado
Dai-me agora hum som alto e *sublimado*,
Dai-me agora hum som alto e *soblimado*,
Que não tenham inveja as de *Hippocrene*.
Que não tenham inveja as de *Ipocrene*.
5—Que o peito accende, e a côr ao *gesto* muda:
Que o peito accende, e a côr ao *justo* muda:
6—Maravilha fatal da nossa *idade*,
Maravilha fatal da nossa *hidade*,
7—D'huma arvore de *Christo* mais amada,
D'huma arvore de *Xp.º* mais amada,
Vêde-o *no vosso* escudo, que presente
Vêde *o vosso* escudo, que presente
8—Vós, poderoso Rei, *cujo alto* imperio
Vós, poderoso Rei, *a cujo* imperio
Vê-o tambem no meio do *hemispherio*,
Tambem o vê no meio do *Emispherio*,
9—*Inclinai* por hum pouco a magestade,
Incrinai por hum pouco a magestade,
10—De premio vil; mas alto e *quasi* eterno;
De premio vil; mas alto e *casi* eterno;
11—Ouvi; que não vereis *com vãas* façanhas,
Ouvi; que não vereis *communs* façanhas,

Estancias

11—*E Orlando*, indaque fôra verdadeiro.
Orlando inda que fôra verdadeiro.

12—Que fez ao Rei, e ao reino *tal* serviço;
Que fez ao Rei, e ao reino *hum tal* serviço;
Hum Egas, e hum Dom *Fuas*, que de Homero
Hum Egas, e hum Dom *Frias*, que de Homero
A cithara para *elles* só cubiço.
A cithara para *elle* só cubiço.
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Dar-vos-hei mais aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas *toma* a fama.
Que para si de Eneas *tomou* a fama.

13—E aquelle, que a seu reino *a segurança*
E aquelle, que a seu reino *segurança*
Deixou *co'a* grande, e prospera victoria:
Deixou *o da* grande, e prospera victoria:

14—Se fizeram por armas tão *subidos*,
Se fizeram por armas tão *sobidos*,
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Dois Almeidas, que inda o Tejo chora;
Albuquerque *terribil*, Castro forte,
Albuquerque *invencivel*, Castro forte,

15—Dareis materia a *nunca* ouvido canto;
Dareis materia a *mim e* ouvido canto;
Comecem a sentir o peso grosso
Comece-se a sentir o peso grosso
De Africa as terras, e do Oriente os mares.
D'Africa as terras, e do Oriente os mares.

16—*Só com vos ver* o barbaro gentio
Com vos ouvir o barbaro gentio

18—*De regerdes os povos, que* o desejam;
Muitos mais do que os vossos o desejam;

19—Cobertos, *onde* as proas vão cortando
Cobertos, *donde* as proas vão cortando

20—Pisando o crystallino ceo formoso,
Pelo caminho lacteo excellente,

[1] Estão assim transpostos os versos 5, 6, 7 e 8.

Estancias

20—Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente[1]

21—Que do poder *mais* alto lhe foi dado;
Que do poder *mui* alto lhe foi dado;
Governa o ceo, a terra e o mar irado:
Governa o ceo *e* a terra, e o mar irado:

22—Com *gesto* alto, severo e soberano:
Com *hum gesto* severo e soberano:
Do *rosto* respirava hum ar divino,
Do *rostro* respirava hum ar divino,

23—Como a razão e a ordem *concertavam:*
Como a razão e a ordem *conservavam:*
C'hum tom de voz começa, grave horrendo:
Com tom de voz começa, grave horrendo:

24—*Deveis de ter sabido claramente,*
Deve-vos ser noto e evidente,

25—*Já lhe* foi, bem o vistes, concedido
Dahy lhe foi, bem vistes, concedido,
Pois contra o *Castelhano* tão temido,
Pois contra o *Brigio* tão temido,

27—Agora vedes bem, que *comettendo*
Agora vedes bem que *acomettendo*
Inclinam seu proposito e *porfia,*
Inclinam seu proposito e *profia,*

29—[1]

30—[2]

31—*Ouvido tinha aos fados,* que viria
Baccho que dos fados ouvira que viria
Pelo mar alto, a qual *sujeitaria*
Pelo mar alto, o qual *sogigaria*

33—*Affeiçoado* á gente Lusitana,
Inclinado á gente Lusitana,
Por *quantas qualidades* via nella
Por *quanta semelhança* via nella
Da antiga tão amada sua Romana:
Da tão amada antiga sua Romana:

[1] Faltava no manuscripto.
[2] Idem.

Estancias

34—*Que ha de ser celebrada a clara* dea,
Quando honrada ha de ser por alma dea,
Onde a gente belligera se estende.
Da belicosa gente onde se estende.
Assi que, hum pela infamia que *arrecea,*
Assi que, hum pela infamia que *receia,*
Debatem, e na *porfia* permanecem;
Debatem, e na *profia* permanecem;

35—De sylvestre arvoredo *abastecida,*
De sylvestre arvoredo *bastecida,*
Entre os deoses no Olympo consagrado.
Antre os deoses no Olympo consagrado.

37—Co'o *conto* do bastão no solio puro,
Co'o *tronco* do bastão no solio puro,
O Ceo tremeo, e Apollo de *torvado,*
O Ceo tremeo, e Apollo de *trovado,*

38—*Cuja valia* e obras tanto amaste,
Cujo valor e obras tanto amaste,
Não queres que *padeçam* vituperio,
Não queres que *padeça* vituperio,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Não ouças mais *(pois és juiz direito)*

39—Bem fora que aqui Bacho *os* sustentasse,
Bem fora que aqui Bacho *o* sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão *privado:*
Pois que de Luso vem, seu tão *amado:*
Porque em fim vem de estomago damnado;
Já que em fim vem de estomago damnado;
O bem que outrem *merece,* e o Ceo deseja.
O bem que outrem *tem,* e o Ceo deseja.

40—Da *determinação* que tens tomada,
Da *detriminação* que tens tomada,

41—Para os *determinados* aposentos.
Para os *detriminados* aposentos.

42—*Casa etherea* do Olympo *omnipotente,*
Casa etherea omnipotente,
Já *lá* da banda do Austro, e do *Oriente,*
Já da banda do Austro, e do *Occidente,*

Estancias

42—Queimava *então* os deoses, que *Typheo*
Queimava *antão* os deoses, que *Tipheo*

43—Sereno o *ar,* e os *tempos* se mostravam
Sereno o *mar* e os *ventos* se mostravam
O promontorio *Prasso* já passavam
O promontorio *prazo* já passavam
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Donde tomam as ondas nome antigo

44—Vasco da Gama, o *forte* Capitão,
Vasco da Gama, o *grande* Capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
A quem toda a armada manda e obedece,
A quem fortuna *sempre* favorece;
A quem fortuna *tanto* favorece;
Para se aqui deter não vê razão,
Para aqui se deter não vê razão,
Que inhabitada *a* terra lhe parece:
Que inhabitada terra lhe parece:

45—*Eis apparecem* logo em companhia
Ali aparecem logo em companhia
Cortando o *longo* mar com larga vela:
Cortando o *grande* mar com larga vela:
Não sabe mais que *olhar* a causa della.
Não sabe mais que *oulhar* a causa della.
Que costumes, *que lei, que Rei teriam?*
Que costumes, *que Rei, que lei teriam?*

46—*Ao* mundo deo, de ousado, e não prudente:
O mundo deo, de ousado, e não prudente:

47—De *pannos* de algodão vinham vestidos,
De *pano* de algodão vinham vestidos,
Das cintas para cima vem despidos;
Da sinta para cima vem despidos;
Por armas tem adargas e *terçados;*
Por armas tem adargas e *traçados;*

48—Co'os pannos, e co'os braços *acenavam*
Co'os pannos e co'os braços *asenavão*
Como *se* aqui os trabalhos *s'*acabassem:
Como aqui os trabalhos acabassem:

Estancias

49—*No gesto ledos* vem, *e* humanamente
Ledos no gesto vem humanamente
O Capitão *sublime* os recebia.
O Capitão *illustre* os recebia.
Do *licor,* que *Lyeo* prantado havia,
Do *liquor* que *Noé* prantado havia,

50—*Pela* Arabica lingua, donde vinham?
Pola Arabica lingua donde vinham?
Quem *eram?* de que terra? que *buscavam?*
Quem *erão?* de que terra? que *buscavão?*

51—*D'hum* Rei potente somos tão amado,
De hum Rei potente somos tão amado,

52—Se entre vós a verdade não se nega,
(Se entre vós a verdade se não nega)

53—Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Somos *(hum dos das ilhas lhe tornou)*
A *natura* sem lei, e sem razão.
A *natureza* sem lei, e sem razão.
O *claro* descendente de Abrahão,
O *craro* descendente de Abrahão,

54—He em toda esta *terra* certa escala
He em toda esta *costa* certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
E de todos os que as ondas navegamos,
De Quiloa, *de* Mombaça e de Sofala:
De Quiloa, Mombaça e de Sofala:

55—Buscando o *Indo Hydaspe,* e terra ardente,
Buscando o *negro Idaspe* e terra ardente,
Guiados *pelas* ondas sabiamente:
Guiados *polas* ondas sabiamente:

56—*Co'o* carro de crystal o claro dia,
Com ho carro de crystal o claro dia,

57—*A* noite se passou na lassa frota
Ha noite se passou na lassa frota
Por acharem *da* terra tão remota
Por acharem *de* terra tão remota
Na gente, e na maneira *desusada,*
No gente, e na maneira *deshusada,*

Estancias

57—Tanto *por todo o* mundo se estenderam.
Tanto *pelo mundo* sè estenderam.
58—As estrellas *os* ceos acompanhavam,
As estrellas *o* ceo acompanhavam,
Pelas *covas escuras* peregrinas;
Pelas *escuras covas* peregrinas;
Como *por* longo tempo costumava.
Como *de* longo tempo costumava.
59—Ao claro *Hyperionio,* que acordou;
Ao claro *Iperionio* que acordava;
E de toldos alegres se adornou,
E de toldos *mui* alegres se adornou,
Por receber com *festas,* e alegria,
Por receber com *festa* e alegria,
60—Vieram; *e* por ordem do destino,
Vieram; por ordem do destino,
61—O *Mouro,* e toda sua companhia;
O *Xeque* e toda a sua companhia;
Dá-lhe de *ricas* peças hum presente,
Dá-lhe de *riquas* peças hum presente,
Dá-lhe conserva doce, *e dá-lhe o ardente*
Dá-lhe conserva doce *e excellente*
Não usado licor, que dá alegria.
Com purpureo liquor que Bacho cria.[1]
62—[1]
63—Os livros *de* sua lei, preceito, *ou* fé,
Os livros *da* sua lei, preceito *e* fé,
Quando co'os *inimigos* pelejavam.
Quando co'os *imigos* pelejavam.
64—Nem *sou* da terra, nem da geração
Nem *são* da terra, nem de geração
Busco as terras da India tão *famosa.*
Busco as terras da India *valerosa.*
65—Obedece o *visibil e invisibil;*
Obedece o *visivel e invisivel;*
Tudo o que sente, e todo o *insensibil;*
Tudo o que sente e todo o *insensivel:*

[1] Como na impressa.

Estancias

Soffrendo morte injusta e *insoffribil;*
Soffrendo morte injusta e *insoffrivel;*
66—Como amigo as verás; *porque eu me obrigo,*
Como amigo as verás, *que eu te digo*
67—Vem arnezes, e *peitos reluzentes,*
Vem arnezes, *traçados e luzentes,*
Partazanas agudas, *chuças bravas:*
Partazanas agudas, *maças graves:*
68—Entre gentes tão *poucas,* e medrosas,
Entre gentes tão *fracas,* e medrosas,
69—Hum odio *certo na alma lhe ficou,*
Hum odio *natural se lhe criou,*
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
No parecer de fora o não mostrou;
Trata-los brandamente *determina,*
Trata-los brandamente *detriminava,*
70—Diz-lhe, que o *largo premio* levarão
Disse-lhe que o *premio largo* levarão
Promette-*lhos* o Mouro, com tenção
Promette-*lhe* o Mouro, com tenção
Em lugar de *pilotos* lhe daria.
Em lugar de *piloto* lhe daria.
71—Tamanho *o* odio foi, e *a* má vontade,
Tamanho odio foi, e má vontade,
Que aos *estrangeiros subito* tomou,
Que aos *da armada supito* tomou,
Sabendo ser *sequaces* da verdade,
Sabendo ser *secases* da verdade,
Áquelles de quem *foste tanto* amigo!
Áquelles de quem *Deus foi sempre* amigo!
72—Das náos o falso *Mouro* despedido,
Das náos o falso *Xeque* despedido,
Na terra do *obsequente* ajuntamento,
Na terra do *inemigo* ajuntamento,
Se foi o Mouro ao *cognito* aposento.
Se foi o Mouro ao *regio* aposento.
73—Do *claro* assento ethereo, o grão Thebano,
Do *craro* assento ethereo, o grão Thebano,

Estancias

73—Que da *paternal* coxa foi nascido,
Que da *paterna* coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento lusitano
Oulhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
Que ao mouro foi molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum *falso* engano,
No pensamento cuida hum *novo* engano,
E emquanto isto só *na alma* imaginava,
E emquanto isto *n'alma* imaginava,

74—Está do Fado já *determinado*,
Está do Fado já *detreminado*,
E eu *só*, filho do Padre *Sublimado*,
E eu filho do Padre *soblimado*,

75—Debaixo do seu jugo o *fero* Marte.
Debaixo do seu jugo o *bravo* Marte.
Que eu *co'o* grão Macedonio, e co'o Romano,
Que eu *o* Macedonio e o Romano,

76—Que *nunca* veja as partes do Oriente:
Que *nunqua* veja as partes do Oriente:
Eu descerei á terra; e o *indignado*
Eu descerei á terra; e o *indinado*

80—E tambem sei, que tem *determinado*
E tambem sei que tem *detriminado*
Tu deves *de ir tambem co'os* teus armado
Tu deves *tambem de ir com os* teus armado
Cahirão facilmente na cilada.
Possa mais facilmente ser desbaratada [1].

81—E se inda não *ficarem* deste geito
E se inda não *fiquarem* deste geito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Destroidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho *imaginada* no conceito
Eu tenho *imaginado* no conceito
Outra manha e *ardil*, que te contente:
Outra manha *gentil*, que te contente:

[1] Traz emendado á margem:

Cairão mais facilmente na cilada.

Estancias

81—Seja *astuto no engano,* e tão prudente,
Seja *sagaz, astuto* e tão prudente

82—Tanto que estas *palavras* acabou,
Tanto que estas *rasões Bacho* acabou,
O *Mouro nos taes casos* sabio e velho,
O *já danado Xeque,* sabio e velho,
Para a guerra o belligero apparelho;
Pera a guerra o belligero apparelho:
Para que ao *Portuguez* se lhe tornasse
Para que aos *Portuguezes* se lhe tornasse

83—*Sagaz, astuto* e sabio em todo *o* dano,
Dissimulado e sabio em todo dano,
Por taes *costas e mares* co'elle ande,
Por taes *mares e costas* co'elle ande,
Vá cahir, d'onde nunca *se alevante.*
Vá cahir, onde nunca *s'alevante.*

84—Como se *fosse* o engano já sabido:
Como se *fora* o engano já sabido:

85—*E mais tambem* mandado tinha a terra
Porque mandado *d'antes* tinha á terra
De antes pelo piloto necessario:
A buscar o piloto necessario:
E foi-lhe respondido em som de guerra;
Mas na resposta vio futura guerra;

86—*Hum de* escudo embraçado, e *de* azagaia,
Qual escudo embraçado e azagaia,
Outro de arco *encurvado,* e setta ervada,
Na qual arco *curvo* e setta ervada,

87—Andam pela ribeira alva, arenosa,
Andão na escaramuça polvorosa,
Com a adarga, *e co'a hastea* perigosa,
Com adarga, *com lança* perigosa,
Qual em terra salta tão ligeiro,
Qual em terra salta, *e* tão ligeiro,

88—[1]

89—Eis nos bateis o fogo se *levanta*
Eis nos bateis o fogo se *alevanta*

[1] Como na impressa.

Estancias

90—Mas seguindo a victoria *estrue*, e mata:
Mas seguindo a victoria *fere*, e mata:
Esbombardea, accende, e desbarata.
Assola, accende, rompe e desbarata,

91—Sem força, de covarde, e *de* apressado,
Sem força, de covarde e apressado,
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Dá armas o furor desatinado:

92—*Hum corta* o mar a nado diligente;
Corta outro o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Hum se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Bebe outro o mar, e o deita juntamente.
A vil malicia, perfida, inimiga.
A má intenção da gente enemiga.

93—[1]

94—*Que toda a má* tenção no peito encerra,
Que a danada tenção no peito encerra,
Para *os* guiar á morte lhe mandava,
Para *o* guiar á morte lhe mandava,

95—Tornar a seu caminho *acostumado;*
Tornar a seu caminho *costumado;*
Que tempo *concertado*, e *ventos* tinha
Que tempo *aparelhado*, e *vento* tinha
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
Recebido o piloto, que lhe vinha,

96—O Capitão, que não *cahia em* nada
O Capitão, que não *temia* nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
O enganoso ardil, que o Mouro ordia,
Da India toda, e *costas* que passava,
Da India toda, e *terras* que passava,

97—Que o *malevolo Bacho* lhe ensinara,
Que o *malvado Xeque* lhe ensinara,
Tambem tudo o que pede lhe *declara:*
Tambem tudo o que pede lhe *decrara:*

[1] Como na impressa.

Estancias

98—*E diz*-lhe mais, co'o falso pensamento
Disse-lhe mais co'o falso pensamento
Com que Sinon aos *Phrigios* enganou,
Com que Sinon aos *Frigios* enganou,
Que perto *está* huma ilha, cujo assento
Que perto *estava* huma ilha cujo assento
Povo antiguo christão *sempre* habitou.
Povo antiguo christão *habita e* habitou.
Tanto com estas novas *se* alegrou,
Tanto com estas novas *s'*alegrou,
Que o *leve a terra* onde esta gente estava.
Que o *levasse* onde esta gente estava.

99—O mesmo o falso Mouro *determina*,
O mesmo o falso Mouro *detrimina*,
Que a ilha *he possuida* da malina
Que a ilha *e povoação he* da malina
Gente, que segue o *torpe* Mafamede:
Gente, que segue o *falso* Mafamede:
Porque em *poder e forças* muito excede
Porque em *forças e poderes* muito excede
Á Moçambique *ésta* ilha, que se chama
A Moçambique *a* ilha, que se chama

100—Para lá se *inclinava* a leda frota:
Para lá se *incrina* a leda frota;
Mas a deosa em *Cythere* celebrada,
Mas a deosa em *Cytherea* celebrada,
Se perca a gente della *tanto* amada:
Se perca a gente della *tão* amada:

101—Tal *determinação* levar ávante,
Tal *detriminação* levar ávante,

102—Como por regimento em *fim* levava;
Com por regimento em *si* levava;
Mas a que a Mafamede celebrava.
E a que havia a medo celebrava.

103—De nobres edificios *fabricada*,
De nobres edificios *adornada*,
Como por fóra ao longe descobria;
Segundo o de que fóra descobria;

Estancias

104—*E* sendo *a ella* o Capitão chegado,
Sendo *já* o Capitão *a ella* chegado,
De poder ver o povo *baptizado*,
De poder ver o povo *bautizado*,
Como o *falso piloto* lhe dissera;
Como o *piloto falso* lhe dissera;
Que Bacho muito *de* antes o avisara,
Que Bacho muito *d'*antes o avisara,
Na *fórma d'outro* Mouro, que tomara.
Na *figura do* Mouro, que tomara.

105—[1]

106—Tanta necessidade *aborrecida!*
Tanta necessidade *offerecida!*
Que não se arme, e *se indigne* o ceo sereno,
Que não *s'*arme, e *s'indine* o ceo sereno,

No fim do manuscripto está esta declaração: *Não continuo porque saíu á luz.*

[1] Como na impressa.

APOTHEGMAS

APOTHEGMAS

CANTO I

Estanc.	Vers.	
68	8	Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.
80	4	Que da tenção damnada nasce o medo.
84	8	Que o coração presago nunca mente.
85	5	Por isto, e porque sabe quanto erra Quem se crê de seu perfido adversario.
105	6	Oh caminho da vida nunca certo! Que aonde a gente põe sua esperança, Tenha a vida tão pouca segurança.

CANTO II

30	5	Quem poderá do mal apparelhado Livrar-se sem perigo sabiamente, Se lá de cima a guarda soberana Não accudir á fraca força humana?
58	3	Que o nome illustre a hum certo amor obriga, E faz a quem o tem amado e caro.

CANTO III

138	8	Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CANTO IV

12	8	Que sempre houve entre muitos differenças.
17	8	Se he certo, que co'o Rei se muda o povo.
29	3	Que nos perigos grandes o temor He maior muitas vezes que o perigo.
78	5	Faz as pessoas altas e famosas A vida que se perde e que periga.
81	3	Que a virtude louvada vive e crece, E o louvor altos casos persuade.

CANTO V

Estanc.	Vers.	
58	5	E como contra o ceo não valem mãos,
80	5	Assi no ceo sereno se dispensa.
		Com esta condição pesada e dura
		Nacemos. O pezar terá firmeza;
		Mas o bem logo muda a natureza.
83	5	Quão facil he ao corpo a sepultura!
92	1	Quão doce he o louvor e a justa gloria
		Dos proprios feitos, quando são soados!
		Qualquer nobre trabalha, que em memoria
		Vença, ou iguale os grandes já passados.
		As invejas da illustre e alheia historia
		Fazem mil vezes feitos sublimados.
		Quem valerosas obras exercita,
		Louvor alheio muito o esperta e incita.
97	8	Porque quem não sabe a arte, não na estima.

CANTO VI

15	3	Porque tambem co'os grandes e possantes
		Mostra a fortuna injusta seus poderes.
89	3	Que brandura he de Amor mais certo arreio,
		E não convem furor a firme amante.

CANTO VII

3	8	Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!
8	5	Nascem da tyrannia inimicicias,
		Que o povo forte tem, de si inimigo.
41	3	Ditosa condição, ditosa gente,
		Que não são de ciumes offendidos!
56	4	Que contra o ceo não val da gente manha.

CANTO VIII

7	3	Que o grande aperto em gente, indaque honrosa,
		Ás vezes leis magnanimas quebranta.
55	5	E quando hum bom em tudo he justo e santo,
		Em negocios do mundo pouco acerta.

63	4	Que toda a terra he patria para o forte.
»	7	Que, por se sustentar em toda idade, Tudo faz a vital necessidade.
66	1	Mas porque nenhum grande bem se alcança Sem grandes oppressões, e em todo o feito Segue o temor os passos da esperança, Que em suor vive sempre de seu peito.
69	3	O coração sublime, o regio peito Nenhum caso possibil tem por grande.
75	8	Que facil he a verdade de entender-se!
85	7	Lhe diz: porque do certo e fido amigo He não temer do seu nenhum perigo.
89	7	Crer tudo em fim; que nunca louvarei O Capitão que diga: Não cuidei.
94	5	Se mais que obrigação, que mando e rogo No peito vil o premio póde e val.

CANTO IX

93	5	Porque essas honras vãas, esse ouro puro Verdadeiro valor não dão á gente: Melhor he merecel-os sem os ter, Que possuil-os sem os merecer.

CANTO X

40	5	Alli verão as settas estridentes Reciprocar-se, a ponta no ar virando Contra quem as tirou; que Deos peleja Por quem estende a fé da madre Igreja.
42	5	Depois, obedecendo ao duro ensejo, A deixa, e occasião espera boa Com que a torne a tomar; que esforço e arte Vencerão a fortuna e o proprio Marte.
58	5	Quem faz injuria vil, e sem razão Com forças e poder, em que está posto, Não vence; que a victoria verdadeira He saber ter justiça nua e inteira.

Estanc.	Vers.	
91	2	Que não sómente ousados se contentam De soffrerem da terra firme os danos, Mas inda o mar instabil exprimentam.
113	7	Que inimiga não ha tão dura e fera Como a virtude falsa da sincera.
150	7	Que o bom religioso verdadeiro Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.
152	7	Que postoque em scientes muito cabe, Mais em particular o experto sabe.
153	5	A disciplina militar prestante Não se aprende, senhor, na phantasia, Sonhando, imaginando ou estudando, Senão vendo, tratando e pelejando.
154		Nem engenho, que aqui vereis presente, Cousas, que juntas se acham raramente.

TABELLA DAS EDIÇÕES

EDIÇÕES DAS OBRAS DE CAMÕES

	OBRAS	LUSIADAS	RIMAS	COMEDIAS	FORMATO	DATA	OBSERVAÇÕES
1	–	•	–	–	4.º	1572	Encontram-se variantes em differentes exemplares da mesma data.
2	–	•	–	–	4.º	1572	Reputada a segunda.
3	–	•	–	–	8.º	1584	É a primeira amputada e que traz notas.
4	–	–	–	•	4.º	1587	Nos autos de Antonio Prestes.
5	–	•	–	–	8.º	1591	Reproducção da de 1584.
6	–	–	•	–	4.º	1595	Edição princeps das rimas,
7	–	•	–	–	4.º	1597	Tambem amputada, mas menos que a de 1584 a 1591.
8	–	–	•	–	4.º	1598	
9	–	–	•	–	4.º	1607	
10	–	•	–	–	4.º	1609	
11	–	•	–	–	4.º	1612	
12	–	•	–	–	4.º	1613	Commentadas por Manuel Correia, amigo de Camões.
13	–	–	•	–	4.º	1614	
14	–	–	–	•	4.º	1615	*Enfatriom, Filodemo* e *Creação do homem.*
15	–	–	•	–	4.º	1616	
16	–	–	•	–	4.º	1621	
17	–	–	•	–	32.º	1626	
18	–	–	•		32.º	1629	
19	–	•	–	–	32.º	1631	
20	–	–	•	–	32.º	1632	É o tomo 2.º da edição antecedente.
21	–	–	•	–	32.º	1632	Por Lourenço Craesbeck. Na dedicatoria diz que é a terceira vez impressa n'esta letra miuda.
22	–	•	–	–	32.º	1633	
23	–	•	–	–	Folio	1639	É a edição commentada por Manuel Faria e Sousa.
24	–	•	–	–	32.º	1644	
25	–	–	•	–	32.º	1645	
26	–	•			24.º	1651	
27	–	–	•		24.º	1651	
28	–	•	–	–	12.º	1663	
29	–	–	•	–	12.º	1663	
30	–	–	•	–	4.º	1666	
31	–	–	•	–	4.º	1668	
32	–	•	–	–	4.º	1669	Esta edição de 1669, conjunctamente com a de 1666, 1668 e os Lusiadas de 1669, formam as obras completas.
33	•	–	–	–	4.º	1669	
34	–	•	•	–	12.º	1670	
35	–	–	•	–	Folio	1685	Com os commentarios de Manuel Faria e Sousa.
36	–	•	•	–	16.º	1702	
37	•	–	–	–	Folio	1720	Reproduz os commentarios do Manuel Correia.
38	–	•	•	–	16.º	1721	

	OBRAS	LUSIADAS	RIMAS	COMEDIAS	FORMATO	DATA	OBSERVAÇÕES
39	–	•	–	–	4.º	1731	Commentadas por Ignacio Garcez Ferreira.
40	–	•	–	–	16.º	1749	
41	•	–			12.º	1759	
42	•	–	–	–	12.º	1772	
43	•	–	–	–	8.º	1779	Edição publicada pelos srs. Bertrands.
44	•	–	–	–	8.º	1782	
45	–	•	–	–	24.º	1800	
46	–	•	–	–	18.º	1805	
47	•	–	–	–	12.º	1815	Reproducção nitida, impressa em Paris, da edição de 1782.
48	–	•	–	–	16.º	18	Berlim. Edição de J. H. Hetzig.
49	–	•	–	–	4.º	1817	É a edição nitida do morgado Matheus.
50	–	•	–	–	12.º	1818	
51	–	•	–	–	8.º	1819	
52	–	•	–	–	18.º	1821	Rio de Janeiro.
53	–	•	–	–	18.º	1823	
54	–	•	–	–	16.º	1827	É a primeira edição rollandiana.
55	–	•	–	–	16.º	1827	Impressão regia.
56	•	–	–	–	8.º	1834	Edição de Hamburgo de J. V. Barreto Feio e José Gomes Monteiro: alguns exemplares com frontispicio de 1843, sendo aliás a mesma.
57	–	•	–	–	24.º	1836	É a segunda rollandiana.
58	–	•	–	–	8.º	1836	Edição de Paris.
59	–	•	–	–	8.º	1841	Rio de Janeiro.
60	–	•	–	–	12.º	1842	É a terceira rollandiana.
61	–	•	–	–	16.º	1843	É a de Freire de Carvalho, a quarta rollandiana.
62	–	•	–	–	8.º	1846	Paris: é a de José da Fonseca.
63	–	•	–	–	16.º	1846	A quinta rollandiana.
64	–	•	–	–	12.º	1847	É a do dr. Caetano Lopes de Moura.
65	–	•	–	–	12.º	1849	Rio de Janeiro.
66	–	•	–	–	16.º	1850	É a sexta rollandiana.
67	•	–	–	–	18.º	1852	Pertence á collecção intitulada *Bibliotheca portugueza*, editada pelo dr. F. I. Pinheiro.
68	–	•	–	–	16.º	1854	É a setima rollandiana.
69	–	•	–	–	8.º	1855	Rio de Janeiro.
70	–	•	–	–	8.º	1855	É de José da Fonseca. A mesma de 1846, com frontispicio novo.
71	–	•	–	–	8.º	1856	Rio de Janeiro.
72	–	•	–	–	16.º	1857	É a oitava rollandiana.
73	–	•	–	–	4.º	1857	Nicthroy (Brazil), com indicação de Paris.
74	–	•	–	–	8.º	1859	Identica á de 1847, com a differença que aquella tem a designação da imprensa: *Typograf. de Firmin Didot Frères, R. Jacob, 14. Paris.* E n'esta: *Typographia de H. Fermin Didot, Mesniel (Eure).*
75	–	•	–	–	16.º	1860	É a nona rollandiana.
76	–	•	–	–	16.º	1860	Typographia de L. C. Cunha.
77	•	–	–	–	8.º	1860	Edição do visconde de Juromenha.
78	–	•	–	–	16.º	1863	É a decima rollandiana.
79	–	•	–	–	8.º	1863	Selecta camoniana do sr. A. J. Viale.

	OBRAS	LUSIADAS	RIMAS	COMEDIAS	FORMATO	DATA	OBSERVAÇÕES
80	–	•	–	–	16.º	1865	É a decima primeira rollandiana.
81	–	•	–	–	12.º	1865	Paris, de Paulino de Sousa.
82	–	•	–	–	16.º	1867	É a decima segunda rollandiana.
83	–	•	–	–	16.º	1868	Typographia L. C. Cunha.
							Episodios
84	–	–	–	–	16.º	1835	Ilha de Venus. Typographia de J. N. Esteves.
85	–	–	–	–	16.º	1835	Adamastor. Typographia de J. N. Esteves.
86	–	–	–	–	4.º	1862	Ignez de Castro. Edição nitida da imprensa nacional. Portuguez, hespanhol, italiano, francez, inglez e allemão.
87	–	–	–	–	4.º	1865	Ignez de Castro e Adamastor: com a traducção em verso francez de J. A. D. Escodeca de Boisse. Edição nitida da imprensa nacional.
							Edições desconhecidas
88	–	–	•	–	–	1601	Citada por Manuel Faria e Sousa.
89	–	•	–	–	–	1607	Citada por Barbosa Machado.
90	–	–	•	–	–	1608	Faria e Sousa, que a cita, diz que é a setima.
91	–	–	•	–	–	1611	Citada igualmente por Faria e Sousa, que diz que é a oitava.
92	–	•	–	–	–	1620	Citada por Barbosa Machado.
93	–	•	–	–	4.º	16...	Descripta no vol. 5.º d'esta edição.
94	–	•	–	–	4.º	16...	Edição que possue o sr. Innocencio Francisco da Silva.
95	–	•	–	–	4.º	16...	Idem.
96	–	•	–	–	4.º	16...	Idem.
97	–	•	–	–	32.º	18...	Typo *diamante*, papel azulado e ordinario. Parece ser de Paris. O sr. Innocencio tem uma folha que comprehende da estancia 96 do canto 3.º até á 25 do canto 4.º Na bibliotheca nacional ha outra folha, contendo até ao canto 5.º estancia 91.

[1] O sr. Innocencio Francisco da Silva teve a bondade de me mostrar e franquear um curioso exemplar dos *Lusiadas*, que cuidadosamente conferimos, sendo o resultado do exame a que procedemos o seguinte:

Comquanto a primeira folha de impressão (de folhas 1 a 8 do volume) seja evidentemente da edição de 1612, como verificámos, o resto do livro compõe-se em parte de fragmentos que parecem ser de edições desconhecidas.

A 2.ª folha, que começa na estancia 48, embora se pareça com a edição de 1609, que, como esta, não tem as estancias numeradas, offerece comtudo variantes, entre as quaes notaremos algumas: *açanava* por *acenava*, *para* por *pera*, e na estancia 50 *terrâs do Oriente*, com accento sobre o *a*, em logar de *terras do Oriente*, sem accento.

Ha alem d'isto differença na pontuação, e a letra do titulo do canto, no alto da pagina, é maior que a da edição de 1609, assim como a letra B da assignatura da folha, que n'aquella edição está debaixo dos *rr* da palavra *terras*, está debaixo do *do* e o reclamo á margem.

A edição de 1609 acaba a ultima palavra do canto 1.º em *pequeno*, com ponto de interrogação e *Fim*, e na outra *pequeno* sem interrogação e *Fim*, seguindo-se uma vinheta desconhecida com dois bustos de mulher com certa analogia com outras vinhetas que se encontram na edição dos Craesbeks (rimas) de 1616

O segundo fragmento é em italico grande, tendo os reclamos em redondo, e as estancias (que não

são numeradas) sem separação entre si, á excepção da primeira para a segunda, que tem uma linha, sendo este typo identico ao que serviu para a impressão da pagina 1, e folhas 9, 10, 15, 16 e 17 das rimas de 1616.

Ha ainda um terceiro fragmento em typo redondo, estancias não numeradas, com os reclamos com a palavra inteira; typo em que não se conhece outra edição no formato de 4.º no seculo XVI ou XVII, á excepção da de João Franco Barreto de 1669, que é typo maior e tem as estancias numeradas.

Vem portanto a haver n'este volume, além da parte que é propriamente de 1612, segundo parece do resultado da analyse a que se procedeu, fragmentos de tres edições totalmente desconhecidas, dispostas no volume por esta fórma:

Edição de 1612.—Folhas 1 a 8, 33 a 40, 171 a 174, 177 a 178, 182, 185 a 186.
Edição em italico.—Folhas 19 a 22, 25 a 32.
Edição parecida com a de 1609.—Folhas 9 a 18, 23 a 42, 89 a 96, 99 a 102, 113 a 120, 137 a 138, 143 a 144, 155 a 158, 163 a 176.
Edição em redondo.—Folhas 43 a 48, 97 e 98, 103 a 112, 121 a 136, 139 a 141, 145 a 154, 159 a 162, 164 a 170 e 175, 179 a 180, 183 a 184.

Possue tambem o sr. Innocencio uma folha de uma edição em letra diamante e em papel azulado, moderno, que parece ser edição que não foi talvez ávante, que se tentou publicar em Paris; parece que vinha embrulhando uns livros do sr. Rolland.

Agradecemos novamente ao sr. Innocencio o obsequio, não só de nos franquear o seu livro, mas pelo exame a que procedeu conjunctamente, e que nos facilitou fazer conhecer do leitor esta curiosidade litteraria.

TABELLA DAS TRADUCÇÕES

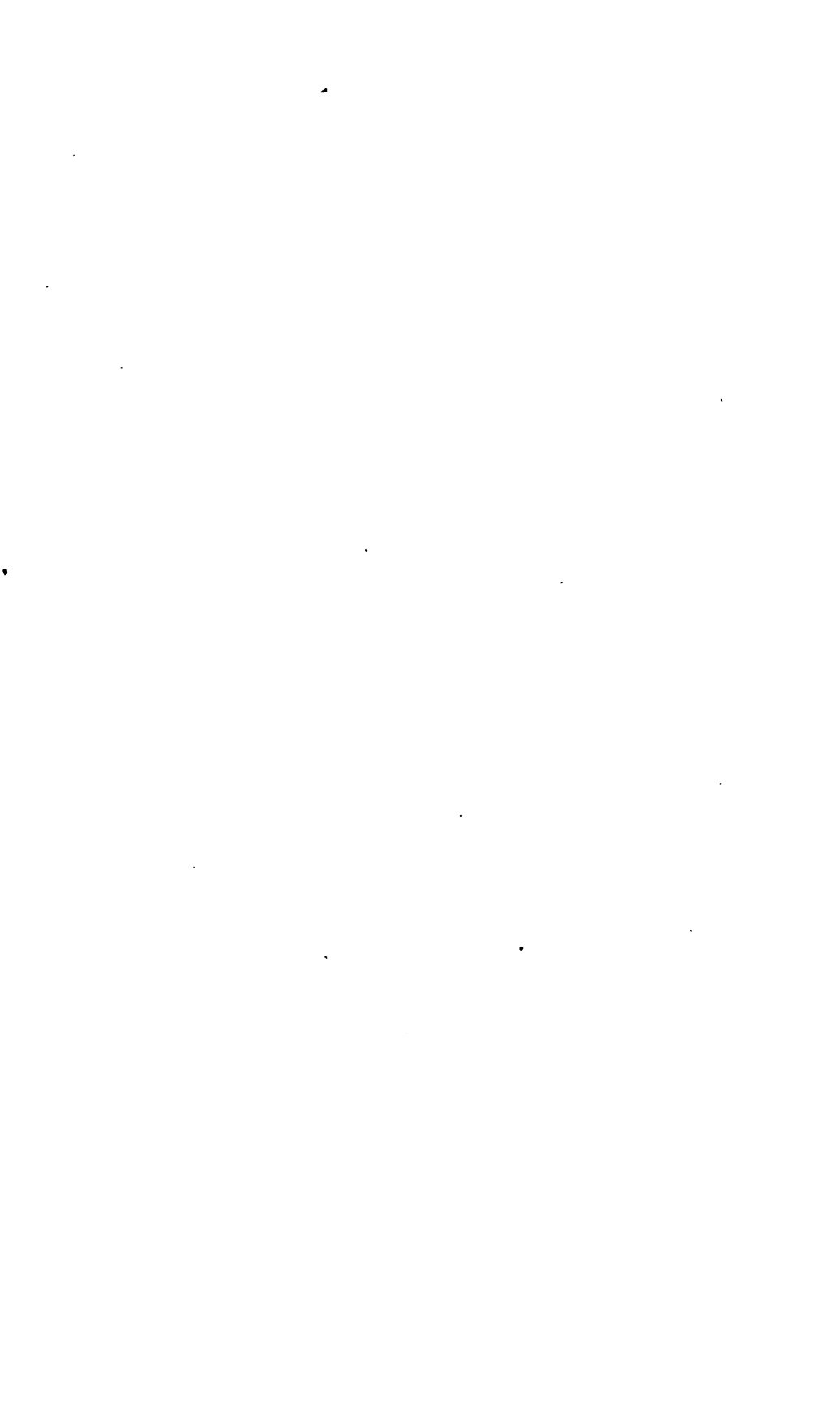
TRADUCTORES DAS OBRAS DE CAMÕES

NUMERO	LINGUAS	TRADUCTORES	DATA	OBSERVAÇÕES
1	Hebraica	Luzatto	17..	Mss., citada por Mickle e pelo allemão mr. Franz Delstrich.
1	Grega	Timotheo Lecussan Verdier	18..	Mss. Não apparece.
7	Latina	André Bayão	15..	Mss. Não apparece.
		Anonymo	15..	Mss., citada por Pedro Maris e pelo editor dos *Lusiadas* em 1609.
		Fr. Thomé de Faria	1622	O auctor era bispo de Targa.
		Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo	16..	Mss. Existem copias.
		Manuel de Oliveira	17..	Mss. O canto VII.
		Filippe José da Gama	17..	Mss. Em prosa: perdeu-se pelo terramoto de 1755.
		Antonio de Castro Lopes	18..	Mss. Fragmentos; o auctor é brazileiro.
9	Castelhana	Benito Caldera	1580	
		Luiz Gomes de Tapia	1580	
		Henrique Garcez	1591	
		Francisco de Aguilar	15..	Citada por Manuel Faria e Sousa. Não apparece.
		Manuel Correia Montenegro	16..	Mss. Manuel Faria e Sousa diz que fôra a quarta.
		Lamberto Gil	1818	Traduziu tambem uma escolha de rimas.
		Emilio Bravo	1800	Dois cantos.
		F. Escossura	18..	Episodio do Adamastor. No album da ex.^ma^ sr.^a^ Casal Ribeiro.
		D. Frederico Peres de Molina	13..	Obras de Camões. Mss.
		Anonymo	15..	
13	Franceza	Anonymo	16..	Citada por Verdier.
		M.^elle^ M. M.	1733	Episodio de D. Ignez de Castro.
		Louis Adrien Duperon de Casterá	1735	
		Sulpice Gaubier de Barault	1782	Episodio de D. Ignez de Castro.
		J. P. Claris de Florian	17..	Episodio de D. Ignez de Castro.
		Voyages imaginaires	17..	Em Amsterdam. Fragmentos.
		Carrion-Nisas (Marquis de)		Fragmentos.
		Duque de Palmella	1813	Até ao canto VI: parte está ainda mss.
		Mr. Quetelet	1822	Os episodios de D. Ignez de Castro, Adamastor e batalha de Ourique. Nas *Lições de litteratura*, publicadas em Gand.
		Mr. Cournaud	1817	Descripção da ilha de Venus, e alguns fragmentos.
		J. B. Millié	1825	Ha segunda edição revista e corregida por mr. Dubeux.
		B. Barrere	1828	Algumas poesias sobre a traducção de lord Strangford. O auctor é o famoso terrorista Bertrand Veusac de Barrere.

NUMERO	LINGUA	TRADUCTORES	DATAS	OBSERVAÇÕES
9	Franceza	Mr. Ortaire Fournier et Desaules	1841	Com algumas poesias lyricas, traduzidas por mr. Ferdinand Denis.
		Fr. Ragon	1842	Em verso. Ha segunda edição de 1850.
		M. M. Ch. Aubert	1844	Em verso. Dedicada a mr. Villemain.
		Emile Boulaud	18..	Em verso. Mss.
		Mr. Desorgues	18..	Traducção ou imitação de parte do canto x. *Les Fêtes du Génie.*
		I. Esménard	1805	Imitação do episodio do Adamastor. Na *Navigation.*
		Victor Perrodil	1835	Os cantos I e X em oitava rima.
		Mr. Emile Albert	1859	Citada por Brunet na ultima edição.
		I. A. Escodeca de Boisse	1865	Episodios de D. Ignez de Castro e Adamastor. Impressão nitida da imprensa nacional.
12	Italiana	Anonymo	15..	Citada no epitaphio de Martim Gonçalves da Camara, pelo livreiro editor dos *Lusiadas* de 1609 e por Pedro Mariz.
		Anonymo	15..	Frei Bernardo do Brito cita uma traducção, que deve ser anterior a 1617, anno em que morreu.
		Anonymo	16..	Citada por M. de Faria e Sousa: deve ser coeva de 1632, epocha em que Faria e Sousa estava em Roma.
		Antonio Paggi	1658	Ha segunda edição de 1659.
		Miguel Antonio Gazzano	1772	Esta traducção tem sido erradamente attribuida ao conde Lauriani.
		Conde Benevenuto Robio de S. Rafaele	1772	Canto I dos *Lusiadas.*
		Anonymo	1804	Publicada em uma collecção dos poetas mais excellentes; em prosa. Roma, tom. XIX.
		Antonio Nervi	1814	Ha quinta edição.
		A. Bricolani	1826	
		Luiz Carrer	1850	Em oitava rima, parte dos *Lusiadas* e entre esta o episodio de D. Ignez de Castro. Nos jornaes de Veneza.
		A. Galeano Ravara	1863	Episodio de D. Ignez de Castro. No *Album Italo-Portuguez.*
		Felice Bellotti	1862	
4	Ingleza	Richard Fanshaw	1655	O auctor foi embaixador em Portugal.
		W. Julius Mickle	1776	Ha differentes edições; 1778 1791. Dublin, 2 vol., 8.º; 1807 3 vol. 12.º 1810, na collecção de *English Poets from haucer.* 1840, g. 8.º
		Lord Strangford	1803	Algumas poesias. Ha differentes edições. 1804, 1824.
		Felicia Heemans	1819	Algumas poesias e parte do episodio de Adamastor.

NUMERO	LINGUA	TRADUCTORES	DATA	OBSERVAÇÕES
6	Ingleza......	Mr. Cockle...........	1818	Uma canção e uma elegia. Nas *Memorias* de mr. Adamson.
		Mr. Haley............	1818	Alguns sonetos. Nas *Memorias* de mr. Adamson.
		Thomás Moore Musgrave	1826	O traductor foi agente dos paquetes em Lisboa.
		S. T. Levingston.......	1854	
		Eduardo Quillinan.....	1853	Publicada posthuma até ao fim do canto VI.
		Mr. Harris............	1814	Episodio de D. Ignez de Castro, Porto.
10	Allemã........	João Nicolau Minhard..	1762	Episodios de D. Ignez de Castro e Adamastor.
		Barão de Sekendrof....	1782	Canto I.
		Dr. C. C. Heisse.......	1806	Em oitava rima; mr. Wolf assigna os annos de 1806 a 1807 a esta traducção.
		F. A. Ruhn e C. T. Winkler..............	1807	Winkler, e mais conhecido pelo nome poetico Theodoro Kell.
		Anonymo.............	1808	Canto I.
		A.W. Schleger........	18..	Episodio do IX. Paris. Não sei se se imprimiu.
		J. G. Christiano Muller..	18..	Mss. Parece que possuiu este mss. Jacinto da Silva Mengo. Não o vi notado no catalogo da sua livraria.
		J. J. Donner...........	1833	Publicada em Stutgard em caracter romano.
		Luis Von Arentschild...	1852	
		F. Bosch-Archossy.....	1854	
2	Hollandeza....	Lambertus Stopendal Pieterson.............	1777	É feita sobre a de La Harpe.
		Guilherme Belderdych..	1808	Episodio de D. Ignez de Castro.
1	Polaca........	Preybylski...........	1790	Publicada em Cracovia.
2	Dinamarqueza..	H. V. Lyndbye........	1828	
		Guldberg...........	18..	
2	Sueca........	Carls Julius Lamtrom...	1838	O canto I.
		Nils Loven...........	1839	
2	Russa........	Alexandre Dimitrief....	....	Feita sobre a de La Harpe.
		Mr. Merzliakoff........	1833	Alguns fragmentos, e entre estes o episodio de D. Ignez de Castro.
1	Bohemia......	Mr. Pichl............	18..	No *Casopio Coskeho Museum*, isto é, no *Jornal do Museu* de Bohemia.
1	Hungara......		18..	Por informação do sr. conde de Lavradio, a quem haviam promettido um exemplar.

São 83 as traducções que têem chegado, até ao presente, ao meu conhecimento. Deve haver mais. Das que eu podér apurar que existem, alem d'estas, darei noticia no 2.º appendice, com que deve terminar o VII volume.

DIFFERENÇAS ORTHOGRAPHICAS

DIFFERENÇAS ORTHOGRAPHICAS

CONFRONTAÇÃO

FEITA ENTRE AS DUAS EDIÇÕES DOS LUSIADAS

IMPRESSAS EM 1572

DAS QUAES UMA É TIDA POR PRIMEIRA E OUTRA POR SEGUNDA

Esta minuciosa confrontação, em que se apontam as differenças typographicas de orthographia, erros e anomalias, foi feita sobre dois exemplares, um da reputada primeira edição, que pertence ao ex.^mo sr. João Felix Alves Minhava, e tinha sido do monsenhor da extincta patriarchal, bibliothecario da bibliotheca publica e academico da academia real das sciencias de Lisboa, José Joaquim Ferreira Gordo; o outro, isto é, o da reputada segunda edição, é pertencente ao ex.^mo sr. José Maria da Fonseca, que com a mais generosa amabilidade o poz á nossa disposição, o qual pertenceu ao desembargador o procurador da real fazenda Antonio José Guião, e ultimamente por dadiva de seu sobrinho e meu primo e amigo João Palha de Faria Lacerda ao nosso celebre poeta o visconde de Almeida Garrett.

Do accurado exame a que se procedeu se colhe, como o leitor verá, que não ha systema orthographico seguido com regularidade, pois até em uma mesma estancia se encontra divergencia, como, por exemplo, a terminação em *ão* e *am*, que apparece conjunctamente escripta das duas maneiras na mesma edição.

Do mesmo exame se conhece que a segunda edição não póde servir de correctivo á primeira, porquanto ha cousas que em uma vem melhor e o contrario succede na outra.

Colhe-se ainda que existem outros exemplares com a data de 1572 com variantes, pois nos dois exemplares que agora foram confrontados não se encontram as estancias com a numeração errada, que existiam em uma das edições examinadas para o uso do morgado de Matheus.

Ouvimos dizer que o sr. José Feliciano de Castilho confrontára con-

junctamente umas seis ou sete edições de 1572, e em todas depAráта com mais ou menos variantes; o motivo porém d'este phenomeno bibliographico é difficil de resolver. Seriam contrafacções? É possivel e talvez provavel, quando estas variantes são em numero. Seriam emendas, quando se compunha na imprensa? Se as variantes fossem sómente entre dois exemplares poderia ser, pois d'isto ainda hoje ha exemplos, postoque no tempo em que havia censura previa poderia soffrer sua contradicção, porém em differentes exemplares parece-me que a typographia, em tempos que havia mais escassez de typos, não os conservaria por muito tempo impedidos. Seriam folhas intercalladas de outras edições? É o mais provavel. Assim, estas multiplicadas variantes, repetimos, são enigma bibliographico que não sabemos resolver, e por isso limitâmo-nos a apontar o facto.

Alem das differenças que se apresentam nas duas edições cotejadas, distinguem-se ainda estas pela differença do frontispicio. Constam elles de uma portada com columnas, e no centro da empena um pelicano picando o peito para sustentar os filhos; na reputada primeira edição está o pelicano com o bico voltado para o peito esquerdo, como é natural, e se encontra na heraldica e monumentos de D. João II, de quem era a empreza, e assim parece indicativo de ser esta a primeira edição. Na outra o pelicano está em ordem inversa, o que manifesta que se copiou da que se reputa primeira edição, sem advertir que na tiragem ficava trocado.

No ornato notam-se tambem sensiveis differenças; e os typos do frontispicio da primeira são um pouco maiores que os da segunda.

O privilegio da primeira contém 34 linhas, e o da segunda 33, por isso a partição começa a fazer differença desde a linha 7.ª por diante.

Na orthographia encontram-se igualmente differenças. Na linha 1.ª a primeira edição escreve «*virẽ*», a segunda «*virem*»; na linha 5.ª a primeira «*cõtem*» a segunda «*contem*»; na linha 6.ª a primeira «*cãtos*» a segunda «*cantos*»; na linha 10.ª a primeira «*tẽ*» a segunda «*tem*»; na linha 11.ª a primeira «*annos — q*», a segunda «*anos — que*»; na linha 12.ª a primeira «*imprimir*», a segunda «*empremir*»; na linha 13.ª a primeira «*nẽ*», a segunda «*nem*»; na linha 14.ª a primeira «*vẽder*», a segunda «*vender*»; na linha 16.ª a primeira «*cinquoẽta — volumes*», a segunda «*cinquoenta — volmes*»; na linha 22.ª a primeira «*geeral*», a segunda «*geral*»; na linha 23.ª a primeira «*sancto — inquisiçam — com*», a segunda «*santo — inquisiçaõ — cõ*»; na linha 26.ª a primeira «*sancto*», e a segunda, na linha

25.ª que lhe corresponde, «*santo*»; na linha 29.ª a primeira «*per — chancellaria,*» e a segunda, na linha 28.ª que lhe corresponde, «*por*» e na 29.ª «*chancellaria*»; na linha 30.ª a primeira «*ordenaçam — titulo*», a segunda «*ordenação — tit.*»; na linha 32.ª a primeira «*anno*», a segunda, na linha 31.ª que lhe corresponde, «*ano*»; na mesma linha 32.ª a primeira «*per — valham*», a segunda «*por — valhão*»; na linha 33.ª a primeira «*a vinte e quatro*», a segunda, na linha 32.ª que lhe corresponde, «*a* XXIIII».

Na censura continua a mesma desharmonia. Na linha 1.ª a primeira edição escreve «*sancta*», a segunda «*santa*»; na linha 3.ª, a primeira «*fizeram — Asia,*», a segunda «*fizerão — Asia*»; na linha 5.ª a primeira «*fee — costumes*», a segnnda «*fe — custumes*»; na linha 6.ª a primeira «*Author*», a segunda «*Autor*»; na linha 7.ª a primeira «*navegaçam*», a segunda «*navegação*»; na partição da linha 10.ª a primeira «*Deosas.*», a segunda «*Deosas*»; na partição da linha 12.ª a primeira «*Poetico,*», a segunda «*Poetico*»; na linha 14.ª a primeira «*tal,*», a segunda «*tal.*»; na linha 15.ª a primeira «*fee — Gentios*», a segunda «*fe — Gẽtios*»; na linha 16.ª a primeira «*Livro*», a segunda «*livro*».

O numero de linhas é igual em ambas as edições (18); os typos da primeira edição são mais pequenos que os da segunda, e os da assignatura do censor n'esta mais pequenos que os d'aquella.

Na primeira edição acha-se collocado o nome do censor da seguinte fórma:

Frey Bertholameu
Ferreira

e na segunda por este modo:

Frey Bertholameu
Ferreira

A marca de agua do papel, que n'aquelle seculo ordinariamente provinha de França ou de Veneza (importando em Portugal o movimento commercial d'esta mercadoria em 20:000 cruzados, o que hoje equivaleria a uns cento e tantos contos de réis) é algumas vezes differente nas duas edições, bem como o é a qualidade, que na reputada primeira é mais assetinado e delgado, acontecendo o contrario na reputada segunda.

DIFFERENÇAS ORTHOGRAPHICAS

CANTO I

E.	V.	1.ª Edição	2.ª Edição
1	3	Por mares	Por mares
»	6	humana	humana.
»	7	Entre gente remota edificaram	E entre gente remota edificaraõ
»	8	sublimaram	sublimaraõ.
2	2	foram	forão
»	4	andaram devastando	andarão devastando,
3	2	fizeram	fizeraõ:
»	3	Trajano	Trajano.
»	6	obedeceram	obedeceraõ
4	3	humilde celebrado	humilde, celebrado
»	6	corrente	corrente.
»	8	tenham ... as	tenhaõ ... aas
5	2	E nam	E não
6	5	Vós o novo	Vos o novo
»	7	que todo,	q̃ todo
8	3	meyo	meio
9	3	mostra	mostra.
10	1	nam	não
»	2	eterno.	eterno
»	3	vil... conhecido	vil, ... conhecido
»	4	pregam	pregaõ
»	6	superno	superno
»	8	gente.	gente:
11	1	nam ... façanhas,	naõ ... façanhas
»	4	desejosas	desejosas,
»	7	Rodamõte.	Rodamonte.
12	4	Citera	Citara
»	6	Magriço:	Magriço.
»	7	Gama	Gama.
13	2	memoria,	memoria:
»	6	victoria:	victoria.
14	3	fizeram	fizeraõ
»	6	chora:	chora.
15	8	Oriẽte	Oriente
16	1	Emvós	Em vos
»	4	inclinado,	inclinado:
»	6	vós	vos
17	1	Em vós	Em vos
»	5	Em vós esperam,	Em vos esperaõ,
18	4	sejam.	sejaõ:
»	6	vejam,	vejaõ,
19	1	navegavam,	navegavaõ,
»	3	respiravam,	respiravaõ,
»	6	vam cortando,	vam cortando.
»	8	cortadas	cortadas.
20	2	está	está,
»	3	ajuntam	ajuntaõ
»	6	juntamente,	juntamente
21	1	Deixam	Deixaõ
»	2	foy	foi
»	5	acháram	acharaõ
»	6	habitam	habitaõ
23	1	assentos	assentos,
»	4	razam, ... concertavam:	razam, ... concertavam.
»	5	antigos ... honrados	antiguos ... honrrados
»	7	assi	assy

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
24	2	polo,	polo
»	4	Do Luso,	De Luso,
»	6	grandes, . . . intento,	grandes . . . intento:
»	7	esqueçam	esqueção
25	2	pequeno,	pequeno
»	5	temido,	temido
»	7	gloria	gloria,
26	1	antiga,	antigua,
»	2	alcançáram,	alcançarão,
»	4	affamáram.	affamarão.
»	5	memoria	memoria,
»	6	alevantáram	alevantarão
»	7	Hum . . . Capitam,	Hum, . . . Capitaõ,
27	3	nam	não
»	7	inclinam	inclinaõ
28	2	nam	nam
»	3	tenham	tenhaõ
»	4	vè	vé
29	2	tam	tam
»	3	climas,	climas
»	6	Africana, . . . amigos:	Affricana . . . amigos.
»	8	Começáram . . . rota	Tornarão . . . rata *(erro)*
30	4	recebendo:	recebendo.
»	5	nam	nam
»	7	esqueceram	esqueceraõ
31	2	Hespanha	Hespanha,
»	4	banha,	banha:
»	5	venceria	venceria,
32	4	Parnaso.	Parnaso.
»	5	sepultado	sepultado,
»	6	tam	tam
»	7	Chegam	chegaõ
»	8	navegam.	navegaõ,
33	1	bella,	bella
»	4	tam	tam
»	6	mostráram	mostràraõ
»	8	corrupçam	corrupçaõ
34	1	moviam	moviaõ
»	5	arrecea	arrecea,
»	8	favorecem.	favorecem:
35	4	desmedida:	desmedida.
36	1	sustentava	sustentava,
»	3	antigo	antiguo
»	8	tras medonho, e yrado.	tràs medonho e irado.
38	5	padeçam	padeçaõ
»	7	nam . . . juiz	naõ . . . juyz
39	1	razam . . . mostrasse,	razão . . . mostrasse
»	5	tençam	tençaõ
»	8	merece	merece
40	2	determinaçam	determinaçam
»	3	Nam . . . detras,	Nam . . . detras
42	2	omnipotente,	omnipotente
»	6	sam	sam
»	8	peixes converteo	pexes converteó
43	1	Tam . . . levavam	Tam . . . levavão
»	3	mostravam	mostravão
»	5	passavam,	passavaõ
»	6	antigo:	antiguo.
44	1	Capitaõ,	Capitaõ,
»	3	coraçam,	coração
»	4	favorece,	favorece
»	5	deter nam . . . razam,	deter, não . . . razão
»	8	cuidava.	cuydava.
45	6	nam . . . della:	naõ . . . della.

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
45	7	deziam,	deziaõ,
»	8	teriam?	teriaõ?
46	1	eram,	eraõ,
»	3	eram	eraõ
47	1	algodam vinham	algodaõ vinhaõ
»	4	sobraçados:	sobraçados,
»	5	Da cinta ... despidos,	Das cintas ... despidos:
»	6	tarçados:	tarçados.
»	8	vão	vão
48	1	acenavam,	acenavaõ,
»	3	ligeiras se inclinavam	ligeiras, se inclinavaõ,
»	4	amainassem:	amainassem.
»	5	trabalhavam,	trabalhavão,
»	7	Tomão	Tomaõ
49	1	Nam erãõ	Naõ erão
»	2	sobia,	subia,
»	4	capitão	capitaõ
»	8	Phaetom ... engeitam.	Phaeton ... engeitaõ.
50	1	perguntavam,	perguntavaõ,
»	2	vinham,	vinhaõ,
»	3	eram, ... buscavaõ,	eraõ, ... buscavaõ
»	4	tinham?	tinhaõ?
»	5	tornavam,	tornavaõ,
»	6	convinham:	convenhaõ:
»	8	Oriente:	Oriente.
52	5	razam	razaõ
»	6	vós ... nam ... nega:	vos ... não ... nega.
53	1	Ilhas.	Ilhas
»	4	razão:	razaõ:
»	5	ensinou,	insinou,
56	3	capitão	capitaõ
»	6	dia.	dia:
57	3	tam	tão
»	5	entam	entaõ
»	7	crèrão	crérаõ
»	8	estendèram *(rimando)*	estendéraõ
60	4	sam	sam
»	5	habitando.	habitando:
»	8	tomáram	tomarão
61	5	doce,	doce,
»	6	nam ... dá	naõ ... dà
62	4	tam	tam
»	5	está	està
»	8	vinham	vinhaõ
63	2	fè	fê
»	4	sam ... crè	sam ... crè
»	6	capitaõ dè	capitaõ ... dé
64	1	capitão,	capitaõ,
»	2	sabia:	sabia.
»	3	relaçaõ	relaçaõ
»	5	geraçam *(rimando)*	geraçam
»	8	tam	tam
66	2	pedes	pedes,
67	8	bravas,	bravas.
68	2	sulfuneas, *(erro)*... tam	sulfureas, ... tam
»	3	nam	nam
»	6	tam	tam
»	7	naõ ... razão,	não ... razaõ,
69	7	Tratallos	Tratalos
70	3	levarão	levàrao
71	5	Eternidade,	Eternidade
»	6	nam	naõ

Empregam-se na oitava 51 tres vocabulos com a terminação em *am*, identicas em ambas as edições.

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
72	5	cortàram	cortárão
»	8	aposento.	apousento.
73	1	gram	grão
»	2	nascido,	nascido
74	3	Ajam	Ajão
78	6	roubadas	roubadas,
»	7	passavam,	passavaõ
»	8	ancoravam.	ancoravaõ.
79	6	nós,	nos,
80	6	cilado, *(erro)*	cilada,
81	8	Desbaratado,	Desbaratados
83	3	em todo dano,	em todo o dano
85	6	crè	cre
88	5	atroce	atroce
89	1	fogo	o fogo
92	1	almàdias	almádias
93	1	Tornam	Tornaõ
»	4	defesa,	defesa
94	6	má tençam	má tençaõ
95	1	capitam,	capitão,
96	3	Nerèo	Neréo
»	5	Capitam,	Capitaõ,
»	8	passava.	passava:
97	5	razam	razaõ
»	6	declara:	declara.
100	5	tam	tão
101	2	determinaçam	determinaçaõ
102	5	capitam ... Mouro	Capitaõ ... mouro
104	1	capitam	capitaõ
»	4	dissera.	dissera:
105	3	eram	eraõ
»	6	certo.	certo:

CANTO II

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
1	4	celeste	Celeste
»	7	fingidas	infidas
2	3	Capitam	Capitaõ
»	5	Ilha	Ilha,
5	1	Capitam	Capitaõ
6	7	Capitam	Capitaõ
7	3	aventurados	aventurados,
9	1	apresentàram,	apresentàraõ,
»	3	correram,	correraõ
»	5	guardàram	guardàraõ
10	1	mocidade,	mocidade
»	6	fingido,	fingido
11	2	Spirito	spirito
12	2	estava,	estava
»	7	Thioneù	Thionéu
»	8	Verdaderro.	verdadeiro.
13	1	foram	foraõ
»	6	foram	foraõ
14	1	tornam ... recado,	tornaõ ... recado
»	3	capitam ... mandado,	Capitão ... mandad,
»	6	nam	naõ
15	3	agasalhárão	agasalhàrao
»	5	nam	naõ
»	6	senam	senaõ
»	7	nam	naõ
»	8	tam ... tam	tão ... tão
16	2	subiam,	subiaõ,

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
16	4	pareciam:	pareciaõ:
»	6	traziam:	traziaõ:
17	1	aparelhavam,	aparelhavaõ,
»	3	ancoravam	ancoravaõ,
»	5	treiçam determinavam,	traiçaõ determinavaõ,
»	8	tinham	tinhaõ
18	4	inclinam	inclinaõ
»	7	tam	tam
19	1	Nerèo,	Nerêo,
»	3	mar	Mar
»	7	nam chegasse,	não chegasse
20	1	vão	vaõ
»	6	suma.	suma:
21	5	teso.	teso,
23	3	exercitam,	exercitaõ,
»	6	mostram	mostraõ
24	4	atravessando,	atraveśsando
»	7	O estava	os estava
25	3	estrondo	estrondo,
»	5	razam	razaõ
»	6	valha:	valha,
29	6	ou das	ou das,
31	2	portos	portos,
»	4	confiança:	confiança
»	8	póde	pôde
33	6	recebida:	recebida
»	7	ceo,	Ceo
34	1	caminho,	caminho
»	2	tam	tão
»	3	vizinho	vizinho,
35	8	acabàraõ	acabárao
36	3	tremiam,	tremiaõ,
»	5	saiam,	saiaõ,
»	6	Minino	minino
37	8	Marte,	Marte:
38	1	sembante, *(erro)*	sembrante,
	5	nũ	num
39	1	ò Padre	ô Padre
»	8	mofina:	mofina.
41	4	rosa	rosa.
42	2	moveram	moverão
»	6	puro:	puro,
44	1	nam	naõ
45	6	mar	Mar
»	7	mòres	môres
46	8	seram	serão
47	5	milagroso,	milagroso
»	6	estádo	estádo?
48	8	horrendo.	horrendo:
50	2	sendo,	sendo:
»	7	veram ... extrema	verão ... extrema,
52	1	sostentar-se,	sustentar-se
53	4	Capitam	Capitaõ
»	8	linda, e nam	linda e naõ
56	2	Filho de Maria *(erro)* ... tenha	Filho de Maia ... tenha,
»	4	venha.	venha:
»	6	capitam .. nam	Capitaõ ... não
»	7	manda ... q̃	mãda ... que
57	1	Cylenèo	Cylenêo
»	7	galèro	galêro
58	2	grande e raro	grande, e raro
»	8	gesto e modo	gesto, e modo
59	1	parte.	parte,
»	5	esforço e arte	esforço, e arte

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
60	3	tinham	tinhaõ
»	6	noite	noite,
»	7	entam	antam
61	1	aparece,	apareçe,
»	3	teçe,	teçe,
»	5	favorece	favoreçe
62	1	nam ... senão	não ... se não
»	7	Teras	teràs
63	2	acharas ... verdade,	acharàs ... verdade
64	2	Capitam,	Capitão,
65	6	banda	banda,
»	7	levam ... acima	levão ... acima,
»	8	força	força,
66	1	levàvam,	levàvão,
»	3	cortavam,	costavão,
»	5	vigiavam,	vigiavaõ,
»	7	sentiram,	sentirão,
»	8	fugiram	fogiraõ
67	5	vam	vão
»	6	perderám	perderaõ
68	2	viram	viraõ
»	5	aviam	aviaõ
»	6	viram	viraõ
69	7	tivera	tivêra,
»	8	recebera.	recebêra.
70	8	acharàm	achàrão
71	5	Capitam	capitaõ
72	3	aquẽtava,	aquentava
73	3	arte,	arte
»	8	entravam	entravaõ
74	2	de gente	da gente
»	6	no findo *(erro de ambas)*	no findo *(por no* fundo)
»	7	hũ quetomaràm	hum q̃. tomárão
»	8	manifestàram.	manifestárão.
75	8	servissem.	servissem:
76	1	sam	sam
»	2	nam	naõ
»	7	entam	antam
77	1	Capitam	Capitaõ
»	4	que *(principiando o verso)*	Que
»	8	endurece.	endureçe.
78	2	que *(principiando o verso)*	Que
»	3	nam	naõ
79	4	nam ... amado	naõ ... amado,
80	1	nam	naõ
»	3	matando,	matando
»	7	grande e rica,	grande, e rica;
81	1	geraçam ... tam	geraçaõ ... tam
»	5	tençam?	tençam?
»	6	tam	tam
»	7	tam	tam
82	2	ò Rei	ó Rei
»	8	sincéro	sincêro
83	1	nam ... ó Rei ... nam	naõ ... ô Rei ... naõ
»	2	Capitam	Capitaõ
»	3	visse,	visse
»	8	frota	frota,
84	2	cabeça,	cabéça
»	3	nam	naõ
»	5	merces,	merces,
»	6	conheça,	cônheça
»	7	podérem .	poderem,
85	2	fallando	fallando,
»	3	louvavam	louvavaõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
87	1	nam	não
»	5	nam	não
88	2	almàdias.	almàdías,
89	2	mensageiro,	mensageiro
»	7	buscavam,	buscavão,
»	8	festejavam.	festejavão.
90	1	nao faltam	não faltão
»	6	estam	estão
»	7	ferião,	ferìão,
»	8	tangiam *(rimando)*	tangião.
91	1	respondenlhe *(erro)*	respondem-lhe
93	4	lustram	lustrão
»	5	azagaias.	azagaias,
94	8	algodam	algodão
95	7	pès	pês
»	8	cobrem ouro,	cobrem, ouro
96	4	nam	não
97	4	companhia,	companhia:
»	5	Hispano	Hispano:
»	8	Carmersi, cor,.. preza:	Carmesi, cor.. preza.
98	6	gibam	gibão
99	2	Mùrice	Mûrice
100	1	incitavam,	incitavão,
»	2	resonando,	resoando,
»	3	coalhavam,	coalhavão,
101	1	Capitam	Capitão
»	3	razam	rasão
»	5	admiraçam	admiração,
102	1	offerece,	offereçe,
»	3	fallece,	falleçe,
»	8	guerrà	guerra.
103	2	fizeram,	fizerão,
»	3	ganháram	ganhárão
»	4	viveram:	viverão:
»	6	que de Luso mereceram:	que os de Luso merecerão
104	1	piedade	piedade,
»	7	recebemos,	reçebemos,
105	4	bom, fido	bom, fido,
»	7	gloria	gloria,
106	3	vam	vão
»	7	tangiam,	tangião,
»	8	respondiam.	respondião
108	4	avidas,	àvidas,
109	1	Capitam,	Capitão,
»	3	regiam,	região
»	5	geraçam,	geração,
110	4	Africa	Affrica
111	3	nam conhece	não conheçe
»	5	nam... resplandece,	não... resplandeçe,
»	8	nam	não
112	1	cometeram	cometerão
»	2	vão *(por* vãa)	vão *(por* vãa)
»	4	Plutam	Plutão
»	8	Nereo:	Nereo.
113	7	razam	razão

CANTO III

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
1	7	Leucothòe	Leucothóe
»	8	Amar *(erro)* divido	Amor divido,
2	2	merece	mereçe
»	7	senam	senão

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
3	1	estavam	estavão
»	3	cuidädo	cuidädo,
»	6	gram geanalosia:	grão genealosia: (*por* geanalo)
»	7	não me manda *(erro)*	não me manda *(erro)*
4	4	tam	taõ
5	2	nam	naõ
7	8	nam vè	naõ vê
8	2	Dos montes	Os montes
»	4	do sopros	do sopros *(em logar de* — dos sopros)
»	5	tam	tam
9	3	tiveram,	tiveraõ,
»	4	tinham entam	tinhaõ entaõ
»	5	tam	taõ
»	8	perguntàra	perguntára
10	2	Noroega,	Noruega,
»	4	nam	naõ
»	5	nam	naõ
12	5	sogeito	sugeito
13	1	estam	estaõ
»	3	excellentes	excelentes
»	8	naõ	naõ
14	3	està	está
»	4	tam	tam
15	4	tam	tam
16	3	Ròdano	Ródano
»	6	alevantam	alevantaõ
»	7	contam, ... ardiram	contaõ, .. arderaõ
»	8	antam	antaõ
17	7	nam	naã
19	2	sojeitando Partènope	sujeitando Partênope
»	4	Austrias	Asturias
»	5	raro	rar *(com falta do* o)
»	6	Planeta	Planeta,
20	8	nam	nam
21	6	Baco	Bacho
»	7	parece	pareçe
»	8	entnm	antam
22	2	vè,	ve,
»	3	virá	virà
»	4	nam	naõ
»	6	decreto, do Ceo ligeiro,	decreto do, Ceo ligeiro,
23	1	Espanha	Espanha,
»	7	muitos	muitos,
»	8	vinham	vinhaõ
24	3	erão	eraõ
»	5	subidos,	subidos.
»	6	mostrarãa	mostrarão
25	3	mundo	Mundo
»	4	entam naõ	entam naõ
26	5	breve	breve,
27	7	ajudáram	ajudáraõ
»	8	tornáram	tornáraõ
30	2	Avó	Avô
»	3	nam	naõ
31	4	terra	terra,
»	6	nam ... erra	não ... erra.
»	8	Mas nella o sensual era o mayor	Mas nella o sensual era maior.
32	6	sam	saõ
33	7	breve'	breve,
»	8	veneraçam	veneraçaõ
34	5	Em trabalho cruel, o peito humano,	Em batalha cruel, o peito humano,
»	6	defeza	defeza.
»	7	nam	naõ
35	7	podéra	podéra

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
36	2	nam	naõ
37	8	comprida:	comprida.
40	3	cepo	cepo
»	8	piedade.	Piedade.
41	2	vassalo	vassallo,
»	6	suspirava,	suspirava.
»	7	prezàra,	prezâra,
42	8	força	força,
44	2	senam	senaõ
»	5	sossegado	sossegado,
43	7	ajudàram	ajudàraõ
»	8	gastàram	gastâraõ
45	6	Fè	Fé
»	8	nam	naõ
46	2	levantavam,	levantavaõ,
»	4	amavam	amavaõ
»	6	tocavam:	tocavaõ:
47	4	está	està
48	2	Deos,	Deos
»	5	levantam	levantaõ
»	6	tocam	tocam
»	7	tomaõ	tomão
49	5	deitada	deitada,
50	2	depressa	depressa,
»	3	nam	naõ
52	1	vam	vaõ
»	4	amortecido.	amortecido:
»	5	nefando	nefando,
»	6	Correm rios de sangue desparzido	Correm rios do sangue desparzido
»	7	perde,	perde
»	8	Tornando carmesi de branco e verde.	Tornado carmesi de branco e verde
55	2	gram ... sobido	graõ ... subido
56	3	Lũa	Lua
57	1	Lixboa,	Lisboa,
»	6	Portugueza:	Portugueza.
58	4	tençam	tençaõ
»	6	unidos:	unidos.
»	7	antam	antaõ
59	1	escondèra	escondêra
»	2	mostràra	mostrâra
»	3	rendéra	rendêra
»	6	presuposto:	prosuposto:
60	7	algum (*por* alguns) podèram,	algum (*por* alguns) podêraõ.
62	4	muros	muros,
»	8	estam	estão
63	3	argenta,	argento,
»	4	terra	terra,
»	6	alevantam	alevantaõ
»	8	nam	naõ
64	3	nam	naõ
»	5	nam ... sostentar	naõ ... sustentar
65	2	juntamente	juntamente,
»	3	estrella	estrella,
67	1	mostrado	mostrado,
»	7	fizeram	fizeraõ
68	2	gram	graõ
»	8	Que a faz	Que a fez
69	2	merece,	mereçe,
»	4	nam ... conhece	naõ ... conheçe,
»	6	offerece.	offereçe.
»	7	nam	naõ
»	8	maldiçam	maldiçaõ
70	1	cercára	cercâra
»	3	tomára	tomàra

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
70	4	nam ... Portugueses:	naõ ... Portugueses.
»	7	acezo,	aceso
71	1	nam	naõ
72	2	Eniocos:	Eniocos,
»	3	Capadoces,	Capadoces,
»	5	E que o molles Sofenes,	E que o molles Sofenos,
»	8	Está	Està
73	3	nam	naõ
»	5	ovante	ovante,
76	2	nam	naõ
»	5	nam	naõ
77	1	ajuntam	ajuntaõ
»	5	nam	naõ
78	2	Portugal,	Portugal
»	8	nam ... soccede	naõ ... socede
79	3	nam	naõ
»	5	nam	naõ
»	7	provè	provê
80	1	tinham	tinhaõ
»	2	annos	annos
»	8	nam	naõ
81	1	à guerra	â guerra
»	8	martos *(erro)*	mortos
82	1	partio,	partio
»	3	nam	naõ
»	7	tam	taõ
83	3	vencẽdo	vencendo
84	2	E dos rios	E do rios *(erro)*
85	1	ficára	ficàra
»	5	desbaratára	desbaratâra
»	8	provàrão	provâraõ
86	6	armada	armada,
87	1	passavam	passavaõ
»	7	sobejavam,	sobejavaõ,
»	8	dezejavam.	desejavaõ.
88	6	Lixboa,	Lisboa,
89	3	nam.	naõ
»	7	vizinhas	vizinhas,
90	4	Rei terceir *(erro)*	Rei terceiro
»	7	tomáram	tomaraõ
»	8	pagàram	pagaraõ
92	1	nam era Sancho nam tam	naõ era Sancho naõ tam
»	8	Sardanapàlo	Sardanapâlo
93	7	nam	naõ
»	8	Que nam for mais que tudo excelente	Que nam for mais que todos excellente
94	8	nam	naõ
95	3	Recupèra	Recupêra
»	7	naçam	naçaõ
96	1	parece,	parece,
»	3	escurece,	escurece,
»	4	liberdade	liberalidade
»	5	florece	florece
98	8	excellente.	excellẽte:
99	3	nam	naõ
»	4	pequeno:	pequeno
»	5	Mauritanas	Mauritanas,
»	7	entraram	entraraõ
100	1	Semiràmes	Semirâmes
»	7	Granada	Granada,
103	3	gram	graõ
»	5	nam	naõ
104	5	nam	naõ
105	8	nam	naõ
106	1	naõ	naõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
106	4	navegando	navegando,
»	6	infando.	infando:
107	4	vam	vaõ
108	6	coraçam	coraçaõ
109	2	estam	estaõ
»	3	multidam	multidaõ
»	4	sam	sam
»	5	nam ... tam ... tam	naõ ... taõ ... tam
»	6	nam	naõ
»	7	nam	naõ
110	1	estam	estaõ
»	4	Ante maõ ante o exercito Agareno:	Antemaõ, entre o exercito Agareno:
»	8	chamam	chamaõ
111	2	tam	tam
»	5	Com palavras soberbas e arrogante,	Com palavras soberbas o arrogante,
»	8	hamuna:	humana.
112	2	nam	naõ
»	5	destreza	destreza,
113	1	reteniam,	reteniaõ,
»	3	seguiam,	seguiaõ
»	5	feriam,	feriaõ,
»	7	afogavam,	afogavaõ,
»	8	escapavam,	escapavaõ.
114	5	tam	tam
»	6	nam	naõ
115	2	incliado, *(erro)*	inclinado,
»	5	quãdo ... horrẽdo	quando ... horẽdo
»	8	tam gram	tam gram
116	1	naõ	naõ
»	2	morreram	morreraõ
117	5	permissam	permissam
»	6	nam	naõ
»	8	E despois de JESU certificado.	E despois por JESU certificado.
118	1	tam	taõ
»	4	guerra:	guerra,
119	1	amor	Amor
120	4	nam	naõ
»	7	às	âs
121	1	respondiam,	respondiaõ
»	2	moravaõ,	moravaõ,
»	3	traziam,	traziaõ,
»	4	apartavaõ	apertavaõ
»	5	mentiam,	mentiaõ,
»	6	voavaõ.	voavaõ.
»	8	eram	eram
122	2	tálamos	tâlamos
»	8	nam	naõ
123	3	so	sô
»	8	delicada	delicada?
124	1	traziam	traziaõ
»	6	so	sô
»	7	deixava	deixava,
125	2	piadosos,	piedosos,
»	4	rigurosos:	rigurosos.
»	6	tam ... tam	tam ... tam
126	6	tam	tam
»	7	mostrárão	mostrâraõ
»	8	edificáram	edificâraõ
127	4	coraçam	coraçaõ
»	5	criancinhas	criançinhas
»	6	nam	naõ
»	8	nam ... nam	nàõ ... naõ
128	4	nam	naõ
129	4	nam	naõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
129	8	sejam	sejaõ:
130	2	magoaõ:	magoaõ
»	4	e 6 *(rimando em ão)*	rimando em ão *(identicas)*
131	2	consolaçam	consolaçaõ
132	7	encarniçavam	encarniçavaõ
»	8	nam	naõ
133	1	podèras, ó Sol	podèras, ó Sol,
»	4	Comia:	Comia.
»	7	O nome do seu Pedro que ouvistes,	O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
135	2	memoraram,	memoraraõ
»	4	transformaram:	transformaraõ:
»	5	poseram	poseraõ
»	6	passaram.	passaraõ.
»	8	sam	sam
136	1	naõ	naõ
»	2	nam	naõ
»	7	fizeram	fizeraõ
137	4	eram	eraõ
138	4	aperto	aperto,
139	5	coraçam	coraçaõ
140	1	tiveram	tiveraõ
»	3	foram	foraõ
»	8	Faraó,	Faraó,
142	7	coraçam	côraçào
»	8	nam	naõ
143	3	está	està
»	5	está	està

CANTO IV

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
2	3	tambem	tãbem
»	5	alcançàraõ	alcançàraõ
3	1	ordenaçam	ordenàçaõ
4	1	entam	entaõ
5	8	quem	Quem
6	1	Podense	Podèse
7	2	está,	està,
8	1	brigo,	Brigo,
»	4	Ganhàram	Ganharaõ
»	5	Nam	Naõ
9	2	ajuntavam	ajuntavaõ
»	4	lavam	lavaõ,
»	6	habitavam	habitavaõ:
12	5	nam	naõ
13	1	nam	naõ
»	6	que ... fidelidade	Que ... fidelidade.
»	8	negaram	negaraõ
14	7	nam	naõ
15	8	sogeito.	sogeito?
16	4	nam	naõ
»	7	trouxeram	trouxeraõ
»	8	tiveram?	tiveraõ?
17	1	foram	foraõ
»	4	nam	naõ
18	1	valor	vàlor
19	7	nam	naõ
20	1	mancebos	mancebos
»	7	nam deixaràm	nam deixaraõ
»	8	nam	nam
21	2	razoes,	razoẽs
»	5	cavalgam	cavalgaõ
»	6	Brandindo	Brandindo,
22	1	aprovam	aprovaõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
22	3	alimpaõ e renovam,	alimpaõ e renovaõ,
»	5	provaõ, *(rimando)*	provaõ,
23	8	Xerces o Helesponto:	Xerxes o Helesponto.
24	3	o forte Huno	o fero Huno
25	5	não *(por* na; — *erro de ambas)*	naõ *(por* na, — *erro de ambas)*
62	1	estavam	estavaõ
»	5	chegam	chegaõ
27	3	volteam as bandeiras	volteaõ as bandeiras,
»	4	sam	sam
»	8	vuas *(por* uvas)	vuas
28	5	transtagana,	Transtagana,
»	7	escuitàraõ,	escuitàrão,
»	8	apertárão	apertàrão
29	2	coraçam	coraçaõ,
»	5	pareceo,	pareçeo,
»	7	grãde	grande
30	3	defensam	defensam
»	7	encõtra	encontra
»	8	desejam,	desejaõ,
31	3	pés	pês
»	8	apouca:	apouca.
32	1	vaõ,	vaõ,
»	2	nam	naõ
»	3	que ... irmaõ	Que ... irmaõ
»	4	quem	Quem
»	5	sam *(rimando com* aõ)	sam *(rimando com* ão)
»	6	adianta	adianta,
»	7	yrmaõs	yrmaõs
»	8	quaes	Quaes
33	4	coraçam	coração
»	6	lá ... sumano,	lâ ... Sumano
»	6	castigos,	castigos
34	2	vam	vaõ
»	3	pelos	pellos
»	4	está	estâ
»	5	cavalleiros,	cavalleiros
»	8	está,-... nam	estâ ... naõ
35	1	vè	vê
»	2	naõ	naõ
»	3	dè	dê
»	5	está	està
»	7	valente,	valente
36	2	capitam	capitaõ
»	3	dava,	dava
»	4	coraçam	coraçaõ
»	5	Lioa, ... brava,	Lioa ... brava
»	6	estam	estaõ
»	7	buscara.	buscara,
37	1	bramidos,	bramidos
»	4	dos seus	dos seus,
»	8	está	estâ
38	3	primeiro:	primeiro
»	5	guerreiro,	guerreiro
	6	sopeando	sopesando
»	8	lançaraõ *(por* lançárão)	lançaraõ *(erro de ambas)*
39	4	vencerá,	vencerâ,
»	5	ardente,	ardente
»	7	junto,	junto
40	1	mandam	mandaõ
»	2	entrava,	entrava:
»	3	Sanctiago,	Sanctiago
»	4	pelejava:	pelejava
»	6	Calatrava,	Calatrava
»	8	fadas.	fadas:

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
41	2	profundo,	profundo
»	4	passam ... mundo:	passaõ ... mundo
»	7	Castelhana,	castelhana
»	8	pês	pês
42	1	encruece,	encruece
»	2	cutiladas,	cutiladas
»	3	perece,	perece
»	5	dam	daõ
»	6	sobejam	sobejaõ
43	1	vencedor,	vencedor
»	2	nam ... vida,	naõ ... vida
»	3	Seguemno ... ficaram,	Seguẽno ficaraõ,
»	4	nam pès,	naõ pès,
44	6	profundo,	profundo
45	5	nam	naõ
»	6	memoria,	memoria
»	7	nam ... soberanas,	naõ ... Soberanas
»	8	Transtaganas.	Trãstaganas:
46	4	vencimento:	vencimento
»	5	bandeira,	bandeira
»	6	num	nũ
»	7	pès ... defesa.	pès ... defesa
47	1	longamente.	longamente
»	2	opprimidos,	opprimidos
»	4	deraõ	deraõ
»	5	omnipotente,	omnipotente
»	6	maridos,	maridos
»	7	Inglesas,	Inglesas
48	1	naõ	naõ
»	2	nam	naõ
»	3	nam	naõ
»	6	Africano,	Afrinano, *(erro)*
49	5	fundamento.	fundamento
»	8	má,	mâ,
50	1	nam ... annos,	naõ ... annos
»	5	defensam	defensam
»	7	dantes,	dantes
»	8	geraçam,	gèraçaõ,
51	1	naõ ... tam ditoso,	naõ ... taõ ditoso
»	8	nam	naõ
52	1	Fernando.	Fernando
»	2	tam ... aspirava,	tão ... aspirava
»	5	só ... està	sô ... està
»	7	nam ... a forte	naõ ... ha forte
53	1	naõ	naõ
»	3	nam	naõ
»	4	nam	naõ
»	7	espanto,	espanto
»	8	fizeram	fizeraõ
54	6	nam	naõ
55	4	nam	naõ
56	2	abaxarão	abaxaraõ
»	4	acham	achaõ
»	7	fizeram	fizeraõ
57	1	ambiçam,	ambiçaõ,
»	3	Aragam	Aragaõ
»	5	multidam,	multidaõ,
»	8	obedeçeo.	abedeceo.
58	1	nam	naõ
»	4	entam ... naõ	entaõ ... naõ
»	6	nam torvada:	naõ torvada,
59	7	matáram	matâraõ
»	8	vingáram	vingâraõ
60	2	aposentou	apousentou

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
60	3	entam	entaõ
61	1	passaram	passaraõ
»	3	embarcàram,	embarcàraõ,
»	5	mostràram,	mostràraõ,
62	1	navegam,	navegaõ,
»	3	chegam,	chegaõ,
»	4	sam	sam
»	5	regaõ, (rimando com am)	regaõ,
63	1	passam	passam
»	6	honrou	honrou,
64	1	entram	entraõ
»	6	historia,	historia
»	8	nam	nam
65	4	cria,	cria:
»	5	tam	taõ
»	6	nam	naõ
»	7	morreram ... ficàram.	morreraõ ... ficàraõ.
»	8	tornàram.	tornàraõ.
66	3	tam	taõ
»	7	cargo,	cargo
67	2	obrigaçam,	obrigaçaõ,
»	5	nam	naõ
68	2	sam,	sam,
»	4	obrigaçam,	obrigaçaõ, (rimando)
»	5	acceito,	acceito
»	6	coraçam:	coraçaõ,
69	2	tam ... Esphera	taõ ... Esphera.
70	2	habitavam,	habitavaõ,
»	5	adversarias,	adversarias
»	6	conversaçam, mostravam	conversaçaõ, mostravaõ,
»	8	nam	naõ
71	2	por elle	parelle.
»	8	comprido, (por comprida)	comprida.
72	2	nam	naõ
»	5	impeto	impito
73	4	está	esta
74	4	vès	vês
»	7	nam ... receyo,	não ... receyo
75	1	naõ	naõ
»	4	alteraçam	alteraçaõ
»	5	manto:	manto
»	7	menham ... cores	menham ... côres
76	1	conselho,	conselho
»	2	visam,	visam,
»	4	foram ... admiraçam:	foraõ ... admiraçao:
»	5	determinam ... aparelho,	determinão ... aparelho
»	6	coraçam	coraçaõ
77	4	coraçam	coraçaõ
»	5	nam	naõ
»	7	poem	poẽ
78	2	mãdo	mando
»	4	alcançam	alcançaõ
»	8	dura	dura,
79	7	tam	taõ
»	8	tam	taõ
80	3	cleonèo,	Cleonêo,
81	1	agradece,	agradecê
82	1	Coelho,	Coelho
»	6	valer, (por valor: — erro de ambas)	valer,
83	5	foram ... ajuntados,	forão ... ajuntados
»	7	fatidiça (por fatidica)	fatidiça
84	1	Ulissea,	Ulissea
»	4	doçe	doce
»	5	estam,	estao,

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
84	8	estam	estaõ
85	1	soldados,	soldados
»	3	naõ	naõ
»	5	sossegados,	sossegados
86	3	morte,	morte
»	7	guiasse,	guiasse
87	1	templo,	templo
»	2	praias ... está	prais (erro da 2.ª edição) está
»	6	apartado	apartado,
»	7	receyo,	receyo
88	4	vista,	vista
89	1	tam ... duvidoso,	taõ ... duvidoso
»	2	julgavam	julgavaõ,
»	4	arrancavam:	arrancavaõ:
»	6	acrecentavam	acrecentavaõ
»	7	desesperaçam,	desesperaçaõ.
»	8	nam ... tam	naõ ... taõ
90	4	acabarà,	acabarà,
»	7	funero enterramento,	funereo enterramento
»	8	peixes	pexes
91	2	naõ	naõ
»	4	nam	naõ
»	6	afeiçam ... tam	afeiçaõ ... taõ
»	7	contentamento.	contentamento
92	1	diziam	diziaõ
»	3	seguiam,	seguiaõ
»	5	respondiam	respondiaõ
»	7	banhavam,	banhavaõ
»	8	multidam ... igualavam.	multidaõ ... igualavaõ
93	1	alevantarmos,	alevantarmos
»	4	proposito	preposito
94	8	peito.	peito:
96	1	inquietaçam	inquietaçaõ
97	6	tam	taõ
98	1	geraçam	geraçaõ
»	2	desobediencia	pesobediencia.
»	3	naõ	naõ
»	6	simpres (por simples)	simpres
»	7	douro	douro,
99	4	valentia:	valentia,
»	8	dà.	dà.
100	1	naõ	naõ
»	3	naõ	naõ
»	5	nam ... infinita	naõ ... infinita.
»	7	nam	naõ
»	8	louvado.	louvado?
102	2	Nas ondas vellas pos	Nas ondas vella pôs
»	3	profundo,	profundo
»	7	dé ... memoria:	dê ... memoria,
»	8	nome e a gloria.	nome e gloria.
103	7	nam	naõ
104	1	nam	naõ
»	2	àr	àr
»	4	outro	outro,
»	7	geraçam:	geraçaõ:
»	8	condiçaõ. (rimando)	condiçaõ! (1)

CANTO V

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
3	2	ficavam,	ficavaõ,
»	4	alongavam:	alongavaõ:
»	6	coraçam, là deixavam,	coraçaõ, ... là deixavaõ.

(1) É o unico ponto de admiração que se encontra em todo o poema.

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
3	8	naõ	naõ
4	2	geraçam . . nam	geraçaõ ... naõ
»	3	vendo	vendo,
»	4	descobrio	descobrio:
»	8	naõ	naõ
5	8	Guido, *(erro)* Cythèra	Gnido ... Cythéra
6	1	costa,	costa
7	6	Sanagà	Sanagá
8	4	chamadas	chamadas:
»	6	andaram	andaraõ
9	6	Tornarmos *(erro)*	Tornamos
»	8	doçe	doce
10	2	Oriente	Oriente.
11	8	bivoras	bivoràs
12	4	demos.	demos:
13	1	està	està
»	2	á fee	à fee
14	2	Hemisperio *(erro de ambas)*	Hemesperio
»	7	nam	naõ
16	3	trovoadas,	trovoadas
»	4	relampados	relampados *(por* relampagos)
17	1	vi	vi
20	6	encima *(por* em cima)	encima
21	2	nos beixos *(erro)*	nos beiços
22	2	pé	pé
»	8	sam	sam
23	1	andaram	andaraõ
»	3	passaram	passaraõ
»	4	tam	taõ
»	5	deixaram	deixaraõ
24	4	armada	armada:
»	6	terra, terra brada.	terra, terra. brada.
25	1	começam	começaõ
»	3	adereçam.	adereçaõ.
»	5	conheçam	conheçaõ
»	6	tam	taõ
»	8	invençam	envençaõ
26	4	nam	naõ
28	2	nam	naõ
29	7	com tudo	comtudo,
»	8	povoaçam,	povoaçaõ,
32	4	nam	naõ
33	3	nam	naõ
»	6	tam	taõ
35	1	entam	entaõ
36	1	entam ... passaram	entaõ ... passarão
»	3	nam	naõ
»	5	emboscaram	embarcaraõ
37	1	eram	eraõ
»	6	vigiando	vigiando,
39	6	palida	palida,
40	5	tõ	tom
41	7	Que eu tāto tempo ha que	Que eu tāto tempo ha já que
42	6	estam,	estaõ,
43	3	teram	teraõ
44	1	naõ	naõ
»	3	nam ... acabarà	naõ ... acabarà
45	3	sepultura	sepoltura
46	1	virá	virà
»	2	enamorado	enamorado.
»	3	trarà	trarà
»	4	terà	terà
»	7	deixará ... crú	deixarà ... crù
47	1	veraõ	veraõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
49	5	boca,	boca
50	4	passaram	passaraõ
51	5	nam	naõ
»	7	Capitam	capitaõ
53	1	fosse cousa impossibil	fosse impossibil
»	5	entam	entaõ
57	2	nam	naõ
»	4	monte, nuvem, sonho,	monte, nuvem sonho,
»	6	passada	passada,
»	7	nam	naõ
58	7	fado amigo *(erro)*	fado imigo
59	2	fizeram,	fizeraõ,
»	4	estenderam:	estenderaõ:
60	6	tam	taõ
61	1	vinham	vinhaõ
»	4	gram,	graõ
62	2	eram	eraõ,
»	3	humanos	humana
»	4	receberaõ: *(rimando com* am*)*	receberaõ:
»	6	vieraõ,	vieraõ,
63	7	doce	doce
64	2	trataram,	trataraõ,
»	4	levaram:	levaraõ;
»	6	alcançaram	alcançaraõ
65	1	gram	gram
»	5	ande veio *(erro)*	onde veio
67	3	contra nos	cantro nos *(erro)*
»	4	que	Que
»	8	gram	graõ
69	5	vè	vê
70	4	nam	nao
»	5	tam	taó
»	7	naõ	naó
71	2	danoso e mao	danoso e mão
»	6	nam	naó
72	1	nam foraõ	naó foraó
»	2	Capitam	capitaó
»	4	desesperaçam,	desesperaçaó,
»	5	estam	estaó
73	6	nã	nã
76	1	sam	sam
»	4	falavaõ.	falavaó:
»	6	apertavaõ,	apertavaõ
77	3	que por nos, *(erro de ambas)*... igoalã	que por nos, ... ygoalaó
»	6	estẽde	estende,
78	4	bõs	bons
»	6	para	pera
79	2	criaçam	criaçaó
»	3	caminhos	caminos *(erro)*
»	4	immundas	immundas:
»	5	hospedes ... vezinhos	ospedes ... vizinhos
80	1	nam	naó
»	6	condiçam	condiçaó
»	7	tera	terá
81	3	ẽ terra	em terra
»	5	averá	averá
»	6	tam	taó
82	2	àr	âr
»	3	naõ	naó
83	3	desvẽtura	desventura
»	4	aventureiros	aventureiros:
»	6	outeiros	outeiros,
»	8	receberam	receberaó
84	2	mór	mòr

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
84	6	mà	má
85	2	doçe	doce
»	3	darà	dará
»	5	doçe	doce
»	7	vès ... atente	vés ... atente (*por* atento)
86	3	crès	crés
88	3	Magas,	Magas
»	5	à vella	á vella
90	1	Capitam	Capitaõ
»	2	estavam	estavaõ
»	3	narraçam	narraçaõ
»	5	coraçam	coraçaõ
»	6	gueroas (*erro*)	guerras
91	4	tam	taõ
92	1	doçe	doce
»	2	sam	sam
93	1	naõ	naõ
»	6	despertam	despertaõ
95	1	dà ... Scipiões.	dá ... Scipioẽs
»	3	naõ ... dà	não ... dá
»	7	dirá	dirá
97	1	naõ	naõ
»	2	naõ	naõ
»	3	naçaõ	naçaõ
»	4	nam ... tam	taõ ... taõ
»	5	naõ ... rezaõ	naõ ... rezaõ
»	6	nam	naõ
»	7	não	naõ
»	8	naõ	naõ
98	1	naõ	naõ
»	2	naõ	naõ
»	6	tam ... tam	naõ ... taõ
»	7	taõ ... tam	taõ ... taõ
»	8	dà	dá
99	6	nam ... tam	não ... taõ
»	7	deixassem.	deixassem
100	5	nam	naõ
»	8	naõ	naõ

CANTO VI

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
1	5	tam	taõ
»	7	nam	nam
2	2	Melindana	Melindana,
»	4	engana	engana:
3	1	Capitam	Capitaõ
»	5	naõ	naõ
4	6	estarà	estará
»	7	pór	pór
»	8	taõ ... tam	taõ ... taõ
5	2	Capitão.	Capitaõ,
»	3	nam	naõ
»	7	navegaçam	navegaçaõ
6	1	navegavam	navegavaõ
»	2	enxergavam	enxergavaõ
»	4	acabavam:	acabavaõ:
»	6	aparelhavam,	aparelhavaõ
7	3	nam	naõ
»	4	està	està
»	6	busca	busca,
»	8	d'aquelle	d'aquelle,
8	5	moram	moraõ

Est.	Vers	1.ª Edição	2.ª Edição
8	7	deixam	deixaõ
9	7	vè . . diamante.	vê ... diamante,
10	5	vè	vê
»	6	tam	taõ
11	6	ar,	Ar,
13	3	debaxo	debaixo
»	6	ignorantes:	ignorantes.
17	5	nam	naõ
»	6	misilhoes,	Misilhoẽs,
18	6	Phebo	Phebe
»	7	sujos,	cujos
19	2	tocava	tocava,
21	2	filha	filha,
»	3	tam	taõ
22	2	nam	naõ
»	6	qualquer parecerá	Qualquer parecera
24	6	circos (por circo)	Circes (por Circe)
25	8	ẽ	em
27	2	Polo	Polo,
»	4	nam	naõ
28	1	nam	naõ
»	3	não	naõ
»	7	con,	con *(erro)*
29	2	foram	foraõ
30	5	vaõ	vaõ,
31	6	sentiraõ	sentiraõ,
32	1	nam	naõ
»	6	que	Que
33	2	baixo	baxo
»	8	que	Que
34	5	Mais que dizer, e nam	Mais quiz dizer, e naõ
35	2	coraçam	coraçaõ
»	3	não	naõ
»	8	nam	naõ
36	3	pareceo	pareceo,
38	6	Eolo Emisperio está	Eoo Emisperio está
39	2	a miude se encostavam	a miudo se encostavaõ,
»	4	assopravam:	assopravaõ:
»	6	estiravam,	estiravaõ,
40	2	tam	taõ
»	3	naõ	naõ
41	4	nam fosse amores,	naõ sofre amores.
42	1	encommendam	encomendaõ
»	3	contarey ... reprendam	contarei ... reprendaõ
»	5	aprẽdaõ	aprendaõ
»	8	sejam	sejaõ
44	5	tam	tam
»	7	provaram.	provaraõ,
»	8	naõ	naõ
45	3	estacada	estacada,
»	4	daram	daraõ
»	7	convenientes	convenientes,
46	2	nam	naõ
»	8	vão . . ao Duque	vaõ ... ao duque
47	5	naõ	naõ
48	1	nam	naõ
»	2	nam	naõ
»	6	tam	taõ
»	7	não	naõ
49	4	façam	façaõ
»	7	sejam	sejaõ
50	5	sam:	sam:
51	4	naõ	naõ
»	5	qualquer	Qualquer

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
52	6	moderno	moderno,
»	7	cimeiras, letras	cimeras, letras,
53	4	Foram do Duque Ingres	Foraõ do Duque Ingles
»	5	naõ	naõ
»	8	companhia.	companhia,
54	3	q̃	que
»	6	mũdo ... sam	mundo ... sam
»	7	so	sò
»	8	Ingraterra.	Inglaterra.
55	3	naõ ... instituido	naõ ... instituido,
»	6	spirito	sprito
»	8	nam faram ... nam	naõ faraõ ... naõ
57	5	Ingraterra	Inglaterra
»	7	sam	sam
58	2	Ingreses	Ingleses,
»	3	tinham	tinhão
»	8	ricas	ricas,
59	2	naõ	naõ
»	3	nam	naõ
»	6	Ingresa,	Inglesa,
»	7	conheçam	conheçaõ
»	8	falleçaõ.	falleçaõ.
60	2	Ingres	Ingles
»	4	cabe	coubera
»	5	nam sam ... Brato, *(erro)*	naõ sam ... Batro,
»	7	sair ... Ingreses	sayr ... Ingleses
61	3	rutilando	rutilando,
62	1	viram	viraõ
»	6	Magriço	Magriço,
»	8	nam	naõ
63	1	aquelle	aquelle,
»	2	nome e fama	nome, e fama,
»	3	alegra ... Hele	alegra, ... Hele,
»	5	sinal	sinal,
»	6	animos ... inflama	animos, ... inflama.
»	7	d'esporas ... largam	d'esporas, ... largaõ
»	8	abaixaõ	abaxaõ
64	3	coraçam	coraçaõ
»	4	teme	teme:
»	5	qual .. nam	Qual ... naõ
»	6	qual	Qual
»	7	qual	Qual
»	8	qual	Qual
65	5	Ingresa	Inglesa
»	8	escudo	escudo,
67	8	doce	doce
68	5	nam	naõ
»	8	Trocato *(erro)*	Torcato
69	4	nam	naõ
»	6	nam	naõ
»	8	esquecimẽto.	esquecimento:
70	3	acordam	acordaõ
71	1	naõ eram	naõ eraõ
»	5	naõ esperam	naõ esperaõ
»	6	nella	nella,
72	5	alija	alija,
»	6	nam	naõ
»	7	nam	naõ
73	2	chegaram,	chegaraõ,
»	4	derribaram:	derribaraõ:
»	6	nam bastaram,	naõ bastavaõ,
»	8	homẽs	homens
74	1	eram ... nam poderam	eraõ ... naõ poderaõ
»	3	entam vieram	entaõ vieraõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
»	5	creceram,	creceraõ,
75	5	naõ	naõ
78	1	tam	tam
»	3	gram	gram
78	5	gram,	gram
»	7	gram .... viveram	gram ... viveraõ
»	8	converteram.	converteraõ.
79	1	entam, ... derribaram	entaõ, ... derribaraõ
»	2	batiam	batiaõ
»	3	arrancaram	arrancaraõ
»	5	nam cuidaram	naõ cuidaraõ
»	7	arèas	arêas
80	1	tam	tam
82	2	doutro Scylla	doutra Scylla
»	3	baixos	baxos
»	7	nam	naõ
83	1	aquelles, ... puderam	aquelles ... puderaõ
»	3	sostiveram	sostiveraõ
»	5	souberam,	souberaõ,
»	6	ficam	ficaõ
84	5	nam	naõ
85	6	Oriente, *(erro)*	Orionte,
86	1	sam	sam
»	2	nam	naõ
»	3	tam ... tençam	taõ ... tençaõ,
87	1	pòr	por
»	3	nam dirá,	naõ dirá,
»	8	vinham	vinhaõ
88	1	chegaram	chegaraõ
»	3	pellejaram,	pellejaraõ,
»	4	obedecem:	obedecem.
»	5	pès ... ataram	pés ... ataraõ
89	1	naõ	naõ
»	4	nam	naõ
»	5	nam	naõ
»	6	naõ	naõ
90	4	crè	crê
»	5	não	naõ
»	6	coraçaõ ... naõ	coraçaõ ... naõ
91	1	amansavam	amansavaõ
»	3	entregavam.	entregavaõ,
»	5	amavam	amavaõ
92	1	manham	menham
93	3	naõ	naõ
»	5	nam	naõ
»	8	agradeceo.	agardeceo.
94	1	razam	razaõ
»	2	nam	naõ
»	5	tam	taõ
95	2	temores	temores,
»	3	alcançaõ ... sam	alcançaõ ... sam
»	5	nam	naõ
»	7	nam	naõ
96	1	naõ	naõ
»	2	naõ	naõ
»	3	naõ	naõ
»	5	naõ	naõ
»	7	nam	naõ
98	6	dinheiro	dinheiro,
99	3	assento	assento,
»	4	baixo	baxo
»	6	nam	nam
»	8	nam	naõ

CANTO VII

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
2	1	geraçam	geraçam
»	2	tam	tam
»	3	nam	naõ
»	5	nam	naõ
»	8	està	está
3	2	nam	naõ
»	5	sam	sam
4	2	tam	tam
»	6	nam	nam
»	7	nam	naõ
5	1	Ingres,	Ingles,
»	8	naõ	nam
6	5	nam	naõ
»	7	nam	nam
7	2	tam	tam
»	3	nam	nam
9	1	pola	pola
10	2	sam ... tam	sam taõ
12	7	geraçam.	geraçaõ,
14	1	tantos *(erro)*	tanto
»	3	nam faltaram	naõ faltaraõ
»	8	chegára.	chegâra.
15	1	acontece	acontece
»	2	tam	tam
»	7	vem	vẽ
16	1	chegàram,	chegâraõ,
»	3	acharam, . . . mostràram .	chegâraõ, ... mostráraõ
»	4	eram	eram
»	5	inclinaram,	inclinaraõ,
17	1	àquem	âquem
»	2	famoso	famoso,
»	7	adoram,	adoraõ,
»	8	moram.	moraõ.
18	2	tam	tam
19	1	rio :	rio,
»	6	cònta :	conta.
20	5	Oriàs,	Oriâs,
»	7	do Bengala	de Bengala
»	8	nam	naõ
21	8	canará	canarâ
22	2	pé	pê
25	7	gram	graõ
26	1	gram	gram
»	7	cidade.	cidade.
27	7	nam	naõ
28	2	offerece,	offerece
»	5	tornam	tornaõ
29	1	Capitam	capitaõ
30	3	tam	tam
»	5	nam ... naõ	nam ... naõ
32	7	Saramá	Saramâ
34	6	nam	naõ
35	3	dá	dà
36	1	dá	dà
»	7	moco.	moco
37	7	Poleas	Poleâs
»	8	naõ	naõ
38	1	usaram	usaram

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
38	2	podem	podè
»	4	senam	senaõ
»	5	vicio	viçio
41	1	sam	sam
»	2	geraçam	geraçaõ
»	3	condiçam	condiçam
»	4	nam ... sam	nam sam
42	5	vinham	vinham
»	7	mandàra,	mandàra,
»	8	capitam ... chegára	capitaõ ... chegàra
45	4	segue	segne *(erro)*
46	7	chegavaõ	chegavaõ,
47	6	chiméra	chiméra
49	2	adoraçam,	adoraçaõ,
»	6	Capitam,	capitaõ,
»	7	estam	estaõ
50	1	Ja chegaõ perto, e naõ passos lentos,	Ja chegaõ perto, e naõ passos lentos, (1)
51	8	conhece	conheçe
52	3	capitam	capitam
»	7	tam	taõ
»	8	dirá	dirà
53	2	muy	mui
»	4	tam	tam
54	5	capitaõ	capitaõ
55	5	escreveram nonas *(erro)*	escreveraõ novas
»	7	alcançaràõ	alcaçàraõ
»	8	especulàraõ	especulàraõ
56	3	nam valerà	naõ valerá
»	4	naõ	naõ
57	3	nam	nam
59	2	vista:	vista
»	8	capitam	capitaõ
60	7	està,	està,
61	4	là	là
»	6	nam	nam
»	7	Ethiopia.	Ethiopia,
62	5	creçam	creçaõ
63	1	nô	nô
64	1	embaixada ... capitam,	embaxada ... capitaõ,
»	3	embaixadores ... naçam.	embaxadores ... naçào
»	4	tam ... gram	tam ... gram
»	5	tençam	tençam *(rimando)*
66	3	gente	gente,
68	2	informaçam	informaçaõ
69	3	està	està
70	2	deitaram	deitaraõ
»	3	do rio Tejo,	do rico Tejo,
»	5	nam	não
»	7	nam	não
71	1	esforco	esforco,
»	7	assello,	assello
72	8	paz,	paz
75	6	mostràra	mostràra
77	1	junto,	junto
»	7	està	està
79	4	danos	danos:
»	7	à	à
»	8	pena	pena:
81	3	senam ... andava	senaõ ... andava,
»	7	enventàram.	inventàraõ,
»	8	deitàram	deitàraõ
83	2	nam	naõ
»	6	nam ... nam	naõ ... naõ

(1) Este verso está errado em ambas as edições.

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
83	8	nam	naõ
84	1	nam	nam
86	3	nam	naõ
87	1	aventuràram	aventuràraõ
»	3	dilataràm,	dilatáraõ,
»	5	acompanharam,	acompanharaõ.
»	6	dobraram	dobraram

CANTO VIII

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
1	5	quem	Quem
5	2	dà	dâ
»	3	lá	lâ
6	7	nam ... não ... puderam	nam ... naõ ... puderaõ
»	8	tiveram.	tiveraõ.
7	5	està	estâ
8	1	vès	vês
11	3	Por quem no Estigio jura a fama,	Por quem no Estigio lago jura a fama,
»	7	abaixa	abaxa
12	1	tiveram,	tiveraõ,
»	3	eram,	eraõ,
»	5	nam ... estenderam	nam ... estenderaõ
15	3	baixo	baxo
16	2	dá	dâ
»	7	galês,	galês,
17	5	então *(por em tão)*	entaõ
»	6	està	està
19	1	vè	vê
»	8	bandeira.	bandeira:
20	4	pendam	pendaõ
22	1	vès	vês
23	2	palma	palma,
24	1	vés	vès
»	2	nam	naõ
»	4	nam	naõ
»	5	vès	vês
25	2	naçam,	naçaõ,
»	4	nam	nam
26	4	gente	gente:
»	5	nam	naõ
27	2	levàram	levâraõ
»	4	exercitàram,	exercitâraõ,
»	6	desafinaram,	desafiaraõ,
»	8	nam	naõ
28	5	naõ	naõ
»	8	nam	nam
29	8	e o Goadiana	e Goadiana
30	1	nam	naõ
»	3	Capitam	capitaõ
»	6	que lhe falta *(erro)*	que falta
31	2	nam	naõ
32	3	Capitam	capitaõ
»	8	suspirarà	suspirarâ
33	1	vè	vê
»	2	Capitam	capitaõ
»	4	levavam	levaõ *(erro)*
»	5	vè	vè
34	2	perjuro	perjurio
»	7	Pereira	Pireira
35	5	sentiram	sentiram
»	6	nam	nam
36	2	pelejaram.	pelejáraõ,

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
36	3	virís	virís
»	4	illustraram,	illustraraõ
»	6	deixaram,	deixaraõ,
»	7	nam	nam
37	4	engane	engane:
38	1	vès	vês
»	3	vès ... està	vês ... èstà
39	2	pintariam:	pintariaõ:
»	4	criam,	criaõ,
»	6	desviam	desviaõ
40	1	deram	deraõ
»	3	fizeram,	fizeraõ,
»	5	tiveram,	tiveraõ,
»	7	deixam	deixaõ
41	2	venham	venhaõ,
»	5	nam	nam
»	6	nam convenham,	naõ convenhaõ,
42	1	á *(como verbo)*	à
»	4	sustentam	sustentaõ
»	6	nam	naõ
»	7	nam	nam
43	1	està	està
44	3	debaixo	debaxo
45	2	opiniam,	opiniaõ,
»	6	exercitavam	exercitavaõ
46	7	alcançàra	alcançàra
»	8	oulharà.	oulhara:
51	8	dá	dâ
52	2	entendiam,	entendiaõ,
»	4	inventavam e teciam:	inventavam e teciam:
»	6	destruiçam ... pretendiam,	destruiçam ... pretendiaõ,
»	7	milhores	milhores,
»	8	regedores.	regedores,
53	2	conciliam	conciliaõ
54	5	este *(por esteja)*	estè
»	6	aparatados *(erro)*	apartados
55	7	poderà	poderà
56	1	Catuais	Catuais,
»	2	governavam,	governavaõ,
»	4	dilatavam:	dilatavaõ:
»	5	nam	naõ
»	6	ordenavam,	ordenavaõ,
57	3	armas	armas,
»	7	nam	naõ
58	5	falsa	falsa,
59	3	està	està
»	4	acende	acende,
»	5	vê	vê
»	6	farà, ... verdade	farâ, ... verdade,
60	5	Capitam	Capitaõ
»	7	limpa	limpa,
»	8	perdam	perdaõ
61	3	amada:	amada,
»	7	naos	naos,
»	8	viagēs	viagēs,
65	2	idade	idade,
»	3	in'qu'cia,	niquicia,
»	4	tam	taõ
»	8	mà	mà
66	2	feito	feyto
»	6	respeito	respeyto
»	8	senão ... nam	senaõ ... naõ
67	2	desterrada, *(erro)*	desterrado,
»	3	tam	taõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
68	7	veràs	verâs
70	4	às	às
»	7	tinham, ... estavam	tinhaõ, ... estavaõ
»	8	lavavam.	lavavaõ.
72	2	descobriram	descobriraõ
»	4	proseguiram:	proseguiraõ:
»	6	viram,	viraõ,
»	8	estam ... queymando:	estaõ ... queimando.
73	4	por *(verbo)*	pòr
»	5	estanho	Estanho
74	1	nam	naõ
»	2	tam ... tam	taõ ... taõ
»	3	nam	naõ
»	4	tam ... tam ... vaõ	taõ ... taõ ... vaõ
77	4	nam ... engano,	naõ ... engano:
78	5	la	lâ
»	6	Capitam,	Capitaõ,
»	8	Embarcaçam,	Embarcaçaõ,
79	1	Embarcaçaõ	Embarcaçaõ
80	8	entendèra.	entendêra:
81	1	estavam	estavaõ
»	3	governavam	governavaõ
»	5	esperavam	esperavaõ
»	8	delira:	delira.
82	2	nam	naõ
»	3	mandára,	mandàra,
»	5	razam	razaõ
84	8	almádias	almâdias
85	1	Capitam,	Capitaõ,
»	3	estam,	estaõ,
»	5	ladram,	ladraõ,
»	8	nam	nam
86	6	está	estâ
87	8	dessossegado:	dessossogado.
88	6	deixàra,	deixarâra,
91	4	Foy	Foi
»	8	saberà,	saberâ,
92	2	pera terra,	pera a terra,
»	4	comercio	comercio,
93	1	dar	dar,
»	3	nam	naõ
94	5	obrigaçam,	obrigação,
»	6	pode	pode,
95	4	Capitam	capitaõ
96	2	atè	atê
»	3	nam ... ja	naõ ... jà
»	4	corrompido	corrompido,
97	2	sò ... gram	sô ... graõ
»	3	edificio	edificio,
»	6	que	Que
98	7	às	âs
99	4	tirànos	tirânos
»	8	nam	naõ

CANTO IX

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
3	1	Gidá	Gidâ
4	1	esperavam,	esperavaõ,
»	3	tomavam,	tomavaõ,
»	5	confiavam,	confiavaõ,
»	6	nam	nam
5	3	dà	dâ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
6	1	nam	naõ
»	4	torpe	torpe,
8	3	nam	naõ
»	7	nam	naõ
9	1	nam	naõ
»	2	nam	nam
»	6	Capitam,	Capitaõ,
10	7	puxam	puxaõ
»	8	quebram	quebraõ
11	1	desatam	desataõ
»	3	relatam	relataõ
»	5	matam	mataõ
12	6	Capitam	Capitaõ
14	2	Sàmorim mandàra.	Samorim mandàra,
»	4	comprára:	compràra:
»	5	nam	naõ
»	8	bella,	bella.
15	1	diligencia	deligencia
17	5	ganhàra	ganhàra
»	6	tam	taõ
»	7	tom *(erro)*	tam
18	6	satisfacam	satisfaçaõ
19	2	na mente . . navegàram,	na mente, . . . navegàraõ,
»	4	causaram,	causaraõ,
»	6	passaram,	passaraõ,
20	5	razam	razaõ
21	3	divina	divina,
22	6	influirà	influirà
25	6	estam,	estaõ,
»	7	foram	foraõ
27	1	todos *(erro)*	todo
»	3	vè . . . nam	vê . . . naõ
»	4	somête,	somente,
»	5	frequentam	frequentaõ
»	7	adulacam	adulaçaõ,
28	4	simulando	simulãdo
»	5	tyrania	tyrania,
29	2	nam	naõ
»	3	nam	naõ
»	8	nam	naõ
30	2	ondas	obras
»	5	estam	estaõ
31	1	forjavam,	forjavaõ,
»	3	estavam,	estavaõ
»	5	temperavam,	temperavaõ,
32	1	andavam,	andavaõ,
»	3	soavam	soavaõ
»	5	curavam	curavaõ
»	7	nam . . . dà	nao . . . dà
»	8	nam	nao
33	1	feas	feas,
»	3	veas	veas,
»	5	ficam	ficao
»	8	acertam	acertao
34	3	desconcertados	desconcertados.
»	4	miserando	miserando,
»	5	estados	estados,
»	7	Bibli	Bibli,
»	8	Assiria	Assiria,
36	1	leve	leve,
»	4	dicia diligente.	decia diligente:
37	1	nam	nao
»	7	potestade	potestade.
38	5	imitam	imitao

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
39	6	sejam	sejaõ
41	1	refrescos	refrescos,
»	5	nam	naõ
42	4	revela	revela,
»	5	entendam	entendãõ
»	7	averà	averÁ
45	6	espalhára,	espalhàra,
46	6	tomados.	tomados,
48	7	estam	estaõ
50	8	estam	estaõ
52	1	viram fresca	viraõ fresca,
»	2	levava.	levava,
»	5	nam	naõ
53	7	curva	curva,
54	1	mostravam	mostravaõ,
»	3	adornavam,	adornavaõ,
»	5	manavam	manavaõ
55	1	fende	fende,
»	2	vinham	vinhãõ
»	6	està	estÁ
»	8	està	estÁ
56	1	estam	estãõ
57	7	está	estÁ
58	1	dá	dÁ
»	4	dam	daõ
59	2	perdes	perdes:
»	3	està	estÁ
»	4	Vide	Vide,
»	7	bicos	bicos,
60	5	o flor *(erro de ambas)*	o flor
61	5	Zefiro	Zefiro,
62	1	Cecèm	Cecêm
»	2	ruciadas, *(erro da primeira)*	ruciada,
»	4	Vam *(por* tam *— erro de ambas)*	Vam
»	5	boninas	boninas,
63	2	Philomena,	Philomela,
»	6	temida *(por* timida *— erro de ambas)*	temida
64	1	desembarcaram	desembarcavaõ
»	3	deixavam	deixavaõ
»	5	toeavam,	tocavaõ,
65	6	estavam	estavaõ
»	8	deixam	deixaõ
66	2	punham os pès	punhaõ os pes
»	3	nam ... nam	naõ .. naõ
»	5	nam cuydam	naõ cuydaõ
67	2	fiavam,	fiavaõ,
»	4	lançavam:	lançavaõ:
»	6	passeavam	passeavaõ
68	4	nam eraõ	naõ eraõ
»	6	incita	incíta
69	3	duram	duraõ
»	7	cousas	causas,
70	5	ramos	ramos,
»	8	deixam	deixaõ
72	2	lavam,	lavaõ,
»	4	esperavam,	esperavaõ,
»	6	vergonha ... lançavam	vergonha, ... lançavaõ
74	1	sagaz	sagaz,
»	6	duvida,	duvída,
75	3	nam	nam
»	7	nam	naõ
76	8	alma.	alma:
78	4	fara	farà
»	7	notaràs	notaràs

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
79	4	vencerás	vencerâs
»	8	fugindo.	fugindo?
80	4	levemente	levemente.
81	2	sofrerás	sofrerâs
»	4	mudará	mudarâs
»	5	naõ	nam
»	6	que	Que
»	7	esperarás,	esperarâs,
82	6	riso	riso,
»	7	pès	pês
»	8	que	Que
83	5	menhã	menhã,
84	3	ornam	ornaõ
»	4	de louro e de ouro	de louro, e de ouro,
»	5	davam	davaõ
»	6	formais	formais,
85	7	règia,	règia.
»	8	grande	grande,
86	5	vinda (*por* unida)	unida
»	6	nâm	naõ
87	2	alto	alto,
88	2	estam	estaõ
»	4	o trabalhos (*em vez de* os)	o trabalhos (*erro de ambas*)
89	7	Palma	Palma,
90	5	valerosas	valerosas,
»	8	alegre	alegre,
91	1	eram	eraõ
»	2	mortais (*por* imortais)	imortais
»	3	o mundo	o mundo,
»	4	fizeram,	fizeraõ,
»	5	Phebo	Phebo,
»	6	Eneas	Eneas,
»	7	Juno	Juno,
»	8	foram	foraõ
92	1	fama	fama,
93	3	vezes	vezes,
»	4	infame	infame,
»	6	dam	daõ
»	7	merecellos	merecellos,
94	2	nam	naõ
»	5	grandes	grandes,
»	8	illustram	illustraõ
95	1	Rei	Rei.
»	2	cuidados	cuidados,
»	5	nam	naõ
»	6	pode:	pode.
»	8	recebidos	recebidos.

CANTO X

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
1	1	de Larissca	da Larissca
»	4	Temistitam,	Temistitaõ,
2	2	contentes	contentes,
»	6	excellentes	excellentes,
3	2	se assentam ... dama	se assentao, ... dama,
4	2	nam	naõ
»	7	coraçam	coraçaõ
5	1	tocavam	tocavaõ,
»	2	ditos	ditos,
»	3	manjar ... alevãtavaõ	mãjar ... alevantavaõ,
»	5	nam	naõ
»	7	fizeram	fizeraõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
6	1	Minfa *(erro da primeira)*	Ninfa
»	6	doçemente	docemente
»	7	agoas	agoas,
7	1	doçe ... està	doce ... està
»	2	estam	estaõ
8	1	nam	naõ
»	2	lago	lago:
»	3	nam	naõ
9	7	dà ... gram	dà ... graõ
»	8	co ... naçam	cô ... naçaõ
10	1	cantando ... viriam	cantava ... viriaõ
»	2	abrira,	abrira,
»	3	venceriam,	venceriaõ,
»	5	nam dariam	naõ dariaõ
»	7	provariam	provariaõ
11	3	nam	naõ
»	5	sofrerà	sofrerà
»	8	terà	terà
12	4	gram	graõ
»	5	entraria	entraria,
»	7	gemerem	gemerem,
13	5	desbaratarà	desbaratarà
»	8	verà ... tam	verà ... taõ
14	1	chamarà	chamarà
»	2	Tànor,	Tânôr,
»	4	estaram	estaraõ
»	5	fara	farà
»	8	pola	polla
15	2	terra ... gram	terra, ... graõ
»	3	multidam ... yrà	multidaõ ... yrà
»	4	terà	terà
»	5	cometerà .. nam	cometerà ... naõ
»	8	surdos .. immotas *(sem pontuação)*	surdos ... immotos
16	1	nam defenderá	naõ defenderà
»	2	casas,	casas:
»	3	nam	naõ
»	5	escassos	escassos,
»	8	yra	yrà
17	1	virà	virà
»	2	batalha ... esforce	batalha, ... esforce,
»	4	tingirà	tingirà
»	5	nam vera	naõ verà
»	8	fara	farà
18	1	tornará ... setima	tornarà ... setima,
»	3	pesa	pesa,
»	4	fara	farà
»	5	trara ... horrenda	trarà ... horrenda,
19	1	levara	levarà
»	4	farà	farà
20	4	nam	naõ
»	5	pareceram	pareceraõ
»	7	deceram	deceraõ
»	8	ardil	ardil,
21	2	gram ... estrue	graõ ... estrue,
22	2	ronco	ronco,
»	4	agradecido:	agardecido:
23	2	galardam	galardaõ
24	7	dam	daõ
25	1	tam	taõ
»	3	nam	naõ
26	7	leal	leal,
27	1	faram	faraõ
»	2	sumptuosas	sumptuosas,
»	3	co ferro .. queimada	co ferro, ... queimada,

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
28	2	encheram ... pela	encheraõ ... pela,
»	4	fara	farà
»	7	fara	farà
29	3	pora	porà
»	4	podera aver	poderà aver,
»	7	foram ... nam	faraõ, ... naõ
30	2	rende	rendõ,
»	3	faltáram	faltàraõ,
»	5	resurjam	resurjaõ
»	6	ardor	ardor,
»	7	veraõ	veraõ,
»	8	nam ... rendido	naõ .. rendido,
31	1	fora	fora,
»	2	tiro	tiro,
»	4	gram coraçam ... ficára:	graõ coraçaõ, ... ficàra:
»	6	liara	liàra,
32	1	vayte	vàyte
»	3	apresenta	apresenta,
»	5	gram	graõ
»	6	dura	dura,
»	7	trabucos,	Trabucos,
»	8	crueis e a Mamelucos	crueis, e Mamelucos
33	2	antolhos	antolhos,
»	3	està	està
»	4	coraçam,	coraçaõ,
»	5	prometendo	prometendo,
»	6	fara	farà
»	8	podêlo ha ... ver	podèloha ... ver,
34	3	Carvalho	Carvalho,
»	4	ar	àr
35	3	fara ... armada	farà ... armada,
»	7	fara	farà
36	2	esperara	esperarà
»	3	verà	verà
»	4	mar	mar,
»	5	yram	yraõ
»	7	sentiram olhos	sentiraõ olhos,
37	2	virà	virà
»	3	roubarà	roubarà
»	4	vejo	vejo,
»	5	Tormentorio	Tormentorio,
»	6	guardarà: nam tera	guardarà: naõ terà
»	8	nam tiraram ... India	naõ tiraraõ ... India,
38	1	poderam,	poderàõ,
»	2	nam podèram,	naõ podèraõ,
»	3	faram,	faraõ,
»	4	nam fizeram,	naõ fizeraõ,
»	5	sam,	sam, *(rimando com* farão)
»	6	nam ... entenderam,	naõ ... entenderaõ,
39	6	sera	serà
»	8	ẽ	em
40	4	brando:	brando.
41	1	nam	naõ
»	2	corrupçam	corrupçaõ
»	7	obrigaçam	obrigaçaõ
42	6	occasiam	ocasiaõ
»	7	com q̃	com que
»	8	venceram	venceraõ
43	1	váy	vày
»	2	lanças	lanças,
»	4	Esquadram	Esquadraõ
»	5	Iram	Iraõ
44	3	Aurora	Aurora,
»	7	valentes.	valentes

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
44	8	obedentes. *erro*	obedientes.
45	1	cantára	cantára
»	3	condena	condena.
»	5	Capitam.	capitaõ.
46	3	a sazam	a sazaõ.
47	1	nam serà	naõ serà
»	7	nam	naõ
48	2	alegremente	alegremente,
»	3	nam	naõ
49	4	recompensa:	recompensa.
»	6	Baldovino,	Balduvino,
50	3	tremolar ... espanto	tremolar, ... espanto.
»	6	Gidà.	Gidà,
»	7	Barborà	Barborà
51	2	tam	tão
»	3	soberba	soberba,
»	5	dara	darà
»	6	excelsa	excelsa.
52	1	Eritreas.	Eritreas
»	2	dividindo abrira	dividindo, abrirà
»	4	Candace e Sabà	Candace, e Sabà
»	6	vera, ... vizinho	verà. ... visinho.
»	7	fara	farà
»	8	dam	daõ
53	1	vira	virà
»	2	Africa ... cà tera	Africa, ... cà terà
»	3	castigara	castigarà
»	6	estás e seras	estás, e seràs
»	7	Conde	Conde,
»	8	viras	viràs
54	4	tirara	tirarà
»	6	prudencia	prudencia,
»	7	governarà e fara	governarà, e farà
55	1	vencera	vencerà
»	6	sete	sete,
»	7	triumpha	triumpha,
56	2	sucederas ô	socederàs ô
57	1	Bintam,	Bintaõ,
»	2	tera	terà
»	4	vingaras,	vingaràs,
58	1	ambiçam,	ambiçaõ
59	1	nam	naõ
»	2	sera ... illustre e assinalado	serà ... illustre, e assinalado
»	4	immigos ... vera	inimigos ... verà
»	5	Bacanor fara	Bacanôr farà
»	8	Cutiále,	Cutíale,
60	2	temerà	temerà
»	3	fara	farà
»	4	Silveira	Silveira,
»	5	Portugues	Portugues,
»	7	Sera	Serà
61	1	socederà	socederà
»	2	leme	leme,
»	3	erguerà	erguerà,
»	5	darà,	darà,
»	6	nam ... porem	naõ ... porem.
62	1	auspicio	Auspicio
»	5	fara	farà
»	6	ô	o
»	8	fara amarelo.	farà amarelo,
63	3	Brasil,	Brasil
»	6	Dàmaõ	Dâmão
»	8	teram	teraõ
64	5	yra	yrà

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
64	6	nam	naõ
»	8	fara	farà
65	1	destroirà	destroirà
»	6	nam	naõ
»	7	vencerà	vencerà
»	8	vera Beadàla	verà Beadàla
66	2	vira	virà
»	3	resistencia	resistencia,
»	4	delle	delle,
»	6	Baticalá, ... virà ja de Beadala,	Baticalà, ... virà ja Beadala,
»	7	chea	chea,
67	6	tera	terà
»	8	hũ	hum
68	1	Abassis	Abassis
»	5	faram	faraõ
70	4	sera	serà
71	2	com	co
»	5	porta	porta,
»	6	insana	insana,
»	7	faram	faraõ
»	8	nam caibam ... verso,	naõ caibaõ ... vêrso,
72	2	intrepido	intrepido,
»	4	pradrupedante: *(por* quadrupedante)	pradrupedante:
»	7	Dàbul	Dàbul
»	8	Pondà	Pondà
73	1	partes	partes,
»	4	viram	viraõ
»	6	quilha	quilha,
74	2	davam,	davaõ,
»	4	celebravam:	celebravaõ:
»	6	soavam,	soavaõ,
»	7	nam	naõ
75	4	descobre	descobre,
»	7	dia	dia,
76	3	nam	naõ
»	5	firme e forte	firme, e forte,
»	6	mais:	mais.
77	1	nam	naõ
78	1	nam	naõ
»	2	está	està
79	6	dou	dou,
»	8	yras,	yràs,
80	6	tam	taõ
81	3	està	està
»	4	tambem	tambem,
82	2	Jano	Jano,
83	8	podem (o *m* ás avessas)	podem,
84	6	està	està
85	6	nam	naõ
86	1	rapto	rapto,
»	2	seyo	seyo,
»	6	sojugado	sojuzgado
»	7	escasso	escasso,
»	8	da	dà
87	1	Olha estoutro	olha o outro
»	5	veste	veste,
88	4	pay	pay,
»	5	vè	ve
»	6	Orionte	Oriente *(erro)*
»	8	A Lebre, os Cães,	A Lebre, e os Cães,
89	3	Jupiter	Jupiter
90	4	estam	estaõ
»	6	vento	vento,
91	2	nam ... contentam	naõ ... contentaõ

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
91	4	esprimentam.	esprimentaõ,
»	5	veras	verás
»	6	apousentam	apousentaõ
92	2	policia	policia,
»	3	avara	avara,
»	5	negàra,	negára,
»	7	habita.	habita
93	1	vè	vè
»	3	vituperio,	vituperio
»	4	padecerà,	padecerá,
»	5	aste (*por este*) Hemisperio (*erro de ambas*)	aste (*erro*) Hemisperio (*erro de ambas*)
»	6	metal,	metál,
»	8	està	está
94	1	estam	estaõ
»	5	multidam	multidaõ
»	6	bãdo ... Estorninhos	bando ... Estorninhos,
»	8	defendera	defenderá
95	2	nam souberam os antigos	naõ souberaõ os antigos,
»	3	Velo .. Crocodilo,	velo ... Cocodrilo,
»	8	Nobá	Nobá
96	2	sera	será
»	3	Christovam	Christovaõ
»	4	nam	naõ
97	1	Aromatá (*erro de ambas*)	Aromàta
»	2	Guardafú	Guardafu
»	6	Africa	Africa,
»	7	que parte	que a parte
»	8	Macuà ... Arquico, e Suamquem.	Macuá ... Arquiro, e Cuamquem.
98	8	terras	terràs
99	3	Toro e Gidà,	Toro, e Gidá,
100	2	vaga	vaga,
»	4	Ligeiros	Ligeiros,
101	4	Rocalgate	Rocalgate,
»	6	ribeiras ... seram	ribeiras, ... seraõ
»	7	Turco	Turco,
102	6	ricas	ricas,
103	4	nam	naõ
104	2	mostrarà	mostrará
»	4	vencerá	vencerá
»	6	provàra	provára
»	8	terà	terá
105	1	estreito	estreito,
106	8	estam	estaõ
107	6	virà	virá
»	7	terà	terá
109	2	grande	grande,
»	7	prégando, ... passára	prègando, ... passàra
110	1	prégando	prègando,
»	6	nam	naõ
111	1	tam grande	taõ gránde
112	1	formoda (*erro da primeira*)	formada
113	3	buscaõ ... buscam	buscaõ ... buscaõ
»	4	nam	naõ
»	7	tam	taõ
114	1	logo	e logo
»	3	dà	dá
»	5	nam	naõ
115	3	sera	será
»	7	da	dá
»	8	homecida.	homicida.
116	2	agoa	ago (*erro da segunda*)
»	5	encheram	encheraõ
117	1	prégando	prègando
»	6	dá	dá

Est.	Vers.	1.ª Edição	2.ª Edição
117	7	depressa	depressa.
118	3	choram	choraõ
»	4	Fe	Fe,
»	5	cantando	cantando,
120	3	tam	taõ
121	3	sejam ... peccadores	sejaõ ... peccadores,
»	7	está	está
122	2	povoaram,	povoaraõ,
»	4	acharam:	acharaõ:
»	5	arame	Arame
»	6	geraçam ... usaram	geraçaõ ... usaraõ
123	2	tam	taõ
«	3	Quedà,	Quedà,
124	7	ajuntaram,	ajuntaraõ,
»	8	ymaginaram.	ymaginaraõ.
125	5	reinos	reinos,
126	1	gram	graõ
»	4	Avàs, Bramàs, ... tam	Avàs, Bramàs ... taõ
»	5	ventos	montes
127	6	cré	crè
128	1	receberá	receberà
»	4	baixos	baxos
»	6	sera	serà
»	8	sera	será
129	3	està	està
»	6	terras ... nam	terras, ... naõ
130	2	edifica	edifica,
»	4	soberba	soberba,
131	3	nam	naõ
»	8	sera	serà
132	4	ondeadas	ondeadas:
»	5	veràs	veràs
»	7	nam	naõ
133	1	esmaltam	esmaltaõ
»	3	saltam.	saltaõ.
»	5	nam faltam	naõ faltaõ
»	6	qualhado	qualhado,
134	2	salutifero	salutifero,
»	3	tam	taõ
»	8	cae.	cae:
135	2	vapòra,	vapóra,
136	2	engana	engana,
»	4	està a pègada	està a pègada
137	1	veras	veràs
»	2	Socotorà	Socotorà
»	6	occulta	occulta,
138	3	patente	patente,
»	4	tam	taõ
139	3	farà	farà .
»	4	Apolo	Apolo,
»	5	sera	serà
140	6	yrá	yrà
141	2	linha.	linha,
»	4	vera,	verà,
»	7	mar	mar,
142	1	Portugueses	Portugueses,
»	4	viram	viraõ
»	6	façam	façaõ
»	7	as	aas
143	4	alegre	alegre,
144	1	foram	foraõ
»	3	ouveram	ouveraõ
»	4	naceram,	naceraõ,
145	2	enrouquecida	enrouquecida,

ESTANCIAS EXTRAHIDAS DA ULISSEA

ESTANCIAS

EXTRAHIDAS DO CANTO SETIMO DA ULISSEA

DE GABRIEL PEREIRA DE CASTRO

EM LOUVOR DE HOMENS ILLUSTRES DA INDIA NÃO MENCIONADOS POR CAMÕES

CXV

Irá o grande Cabral tomar o pezo
Do novo mundo aberto no Oriente,
Que a Chambe vôa em puro fogo acezo,
E a terra abraza como raio ardente:
Bardelá o sente, onde cercado, e prezo
Arde o Rei, e com elle a Maura gente,
E na marinha, e miseras aldeas
Purpureas torna as pallidas areas.

CXVI

Logo irá o Noronha, que correndo
De Ormuz o mar co'a poderosa armada,
Á fortaleza chega, que tremendo
Cae de seus fortes raios abrazada:
Eufrates de suas náos co'o pezo horrendo,
Opprimido dará por força entrada;
Que ás portuguezas armas, e aos intentos
Obedecem té os proprios elementos.

CXVII

Quando tremer Malaca da ousadia
Dos Reis vizinhos, vence a furiosa
Gente co'o duro braço Dom Garcia,
Tornando imbelle a esquadra bellicosa,
N'um barco, aonde em pó Vulcano ardia,
Sae pelo ar com força portentosa
Voando a morte, e leva juntamente
Ao General, e ao filho a bala ardente.

CXVIII

Ferve o mar, e já em ondas se levanta
Todo de branca escuma coroado
Co'armada imiga, que só vê-la espanta
C'hum lenho, e outro lenho torreado:
Quando o metal, que os animos quebranta,
O raio lança com sonoro brado,
O inimigo, a ousadia em medo troca
Ouvindo o estrondo da sulphurea bocca.

CXIX

Huma armada com outra a hum tempo afferra
Prenhe de occulto fogo, que sahindo
Em negros gyros cobre o mar e a terra,
Incendios exhalando e repetindo:
A bala voa, que o metal encerra,
Que nos ares caminho largo abrindo,
De Jupiter o ardente raio imita,
Que huns despedaça, a outros precipita.

CXX

Voa Volcano ardente, e com violento
Estrondo, alto bramido e voz funesta
Os cornos quebra no ar ao negro vento,
Quando entre as nuvens ergue a dura testa:
Treme Neptuno, e sobre o salso argento
Chama os marinhos deoses, e se apresta,
Vendo do grande estrondo, e das pezadas
Balas as crespas ondas infestadas.

CXXI

Já se afferram as popas diligentes,
Abrindo o ferro ali sanguinea porta,
De mil vidas o fio nos ardentes
Fios de seu cutelo Atropos corta:
E sobre as rapidissimas correntes
Nadará tanto sangue, e gente morta,
Que a quem as vir de roxo sangue cheas
Parecerão as ondas Eritreas.

CXXII

Depois o largo mar irá cortando
O forte Mascarenhas, não vencido,
Por Rei de Visapor alevantando
O irmão á vista do Hidalcão temido:
O grão Barreto a India governando,
Verá a seu braço o Çamorim rendido,
Que de alto esforço, e de valor deseja
Encher o mundo, e de gloriosa inveja.

CXXIII

Tremendo está a fortissima cidade
De Mangalor, té as pedras abrazada,
Onde o Rei com a vida a liberdade
Deixa nos fios da inimiga espada:
E o de Cambaya em marcia tempestade
Verá Manora, e Aserim queimada,
E o Hidalcão fugindo, que a Salsete
Com vingativas armas accommette.

CXXIV

Logo irá o famoso Constantino,
Do real tronco ramo florecente,
A cujo alto valor, e peregrino
Será estreito Imperio o do Oriente:
Damão, provando o aço puro e fino,
A seu braço se rende, e o potente
Rei de Janapatão por maravilha
A seus pés a coroa, e o sceptro humilha.

CXXV

Logo o grande Coutinho, e o esforçado
Mendoça, e o grão Noronha com presteza
Ergue, de seus soldados ajudado,
De Mangalor a nobre fortaleza:
Aqui o rouco plectro, e já cansado
A Nympha despertava com destreza,
Dando á sonora voz maior alento,
Afina as doces cordas do instrumento.

CXXVI

Virá (diz ella) a India a governa-la
O grande D. Luiz, raio da guerra,
Com cuja vista o mar tremendo cala,
E em vel-o treme e immudece a terra:
Este, que a grande fama aos ceos iguala,
Lá no monte Parnel, queimada a serra,
Fará o Mogor fugir, pizando a praia
Da ardentissima costa de Cambaya.

CXXVII

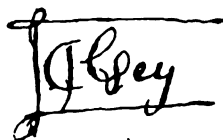
A Onor debella, que co'a hervada setta
Em nuvens tolda o ar, com que tirava,
Dando-lhe occasião, que então commetta,
Porque á sombra das settas pelejava:
Quando o Rei dos Achens mais inquieta
Os muros de Malaca, ali se achava
Dom Leoniz, ou leão melhor dissera,
Que rosto a rosto o inimigo espera.

CXXVIII

Este famoso Atlante aos hombros tendo
Da India o pezo, vencerá a porfia
Do Hidalcão, que a Goa accommettendo,
Tremerá de sua estranha valentia:
De cabeças hum grande monte erguendo,
Estas em carros ao inimigo envia,
Desterrando a soberba mauritana
De Goa até á remota Taprobana.

CXXIX

Ó patria insigne, ó terra venturosa,
Ditoso Rei de tão altiva gente,
Que em toda a parte a esphera luminosa,
Onde he mais fria, e onde mais ardente,
Vê a lusitana espada victoriosa,
Que hum portuguez fugido e descontente
Bastará a revolver o mar profundo,
E abrir nelle caminho a hum novo mundo.

XXX

Que terra tão remota e tão estranha,
E qual no mar vermelho proceloso
Incognita ilha, em Scythia alta montanha,
Na Ethiopia, deserto perigoso,
Qual região Boreal, que a neve banha,
Onde da fama o seu clarim famoso
(Alem do berço, onde se embala o dia)
Não chega o som de tanta valentia?

Fac-similes
Reis e Familia Real

D. Diniz

D. Fernando

D. Affonso IV.

D. Leonor Telles
(Mulher de D. Fernando)

D. Pedro I.

D. João I.

Lith da Imp. Nªl

Est.ª 1ª

Fac-similes
Reis e Familia Real

D. Diniz

D. Fernando

D. Affonso IV.

D. Leonor Telles (Mulher de D. Fernando)

D. Pedro I.

D. João I

Lith. da ...

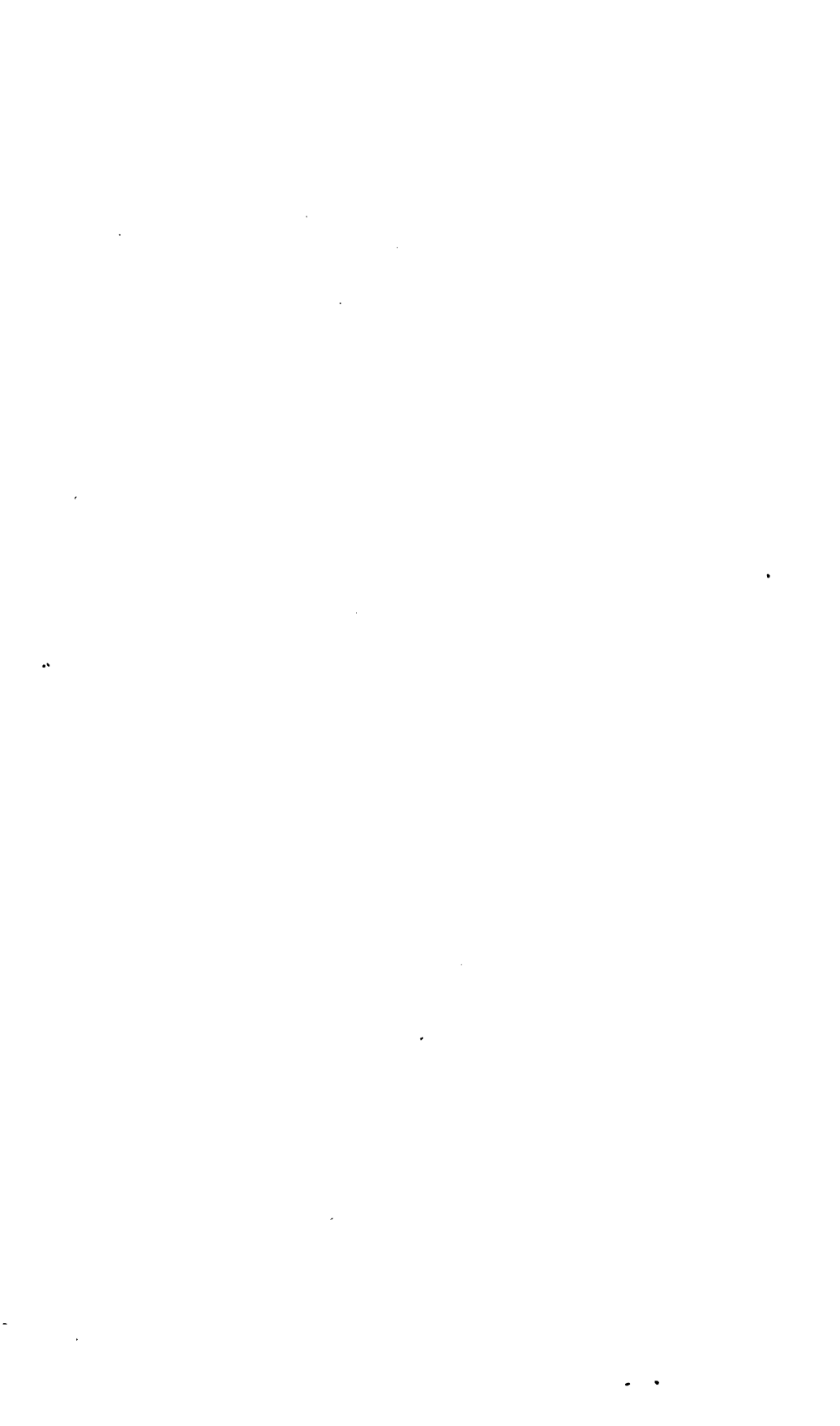
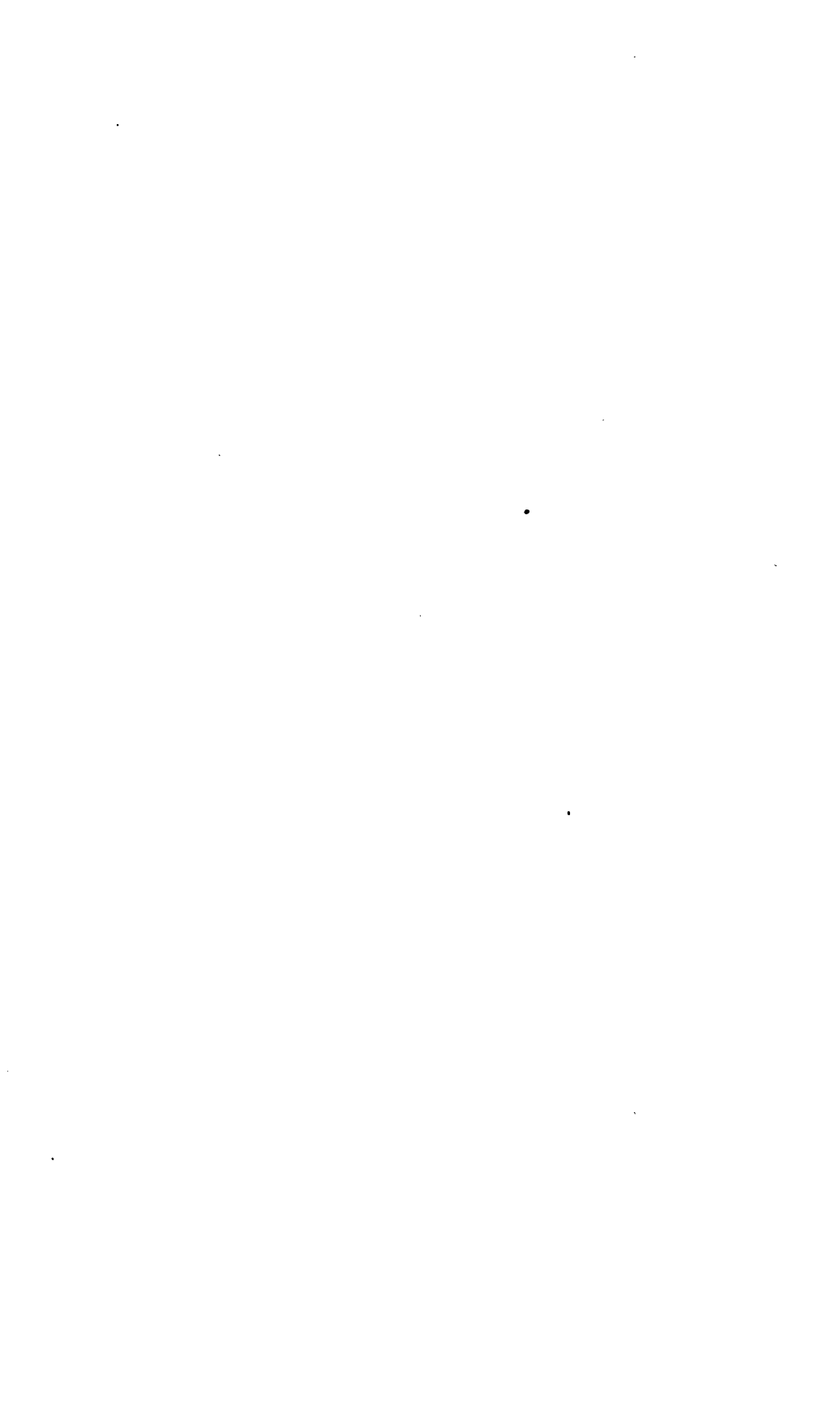
D. Filippa (Mulher de D. João I).

D. Duarte

D. Leonor (Mulher de D. Duarte).

Infante D. Pedro (Regente)

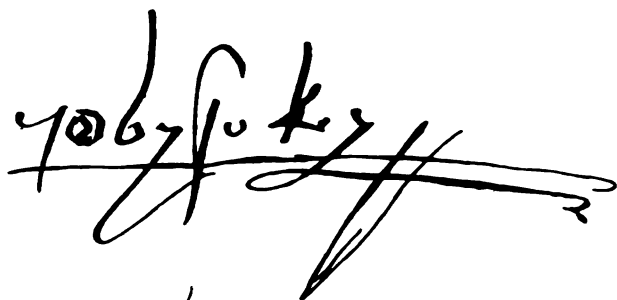
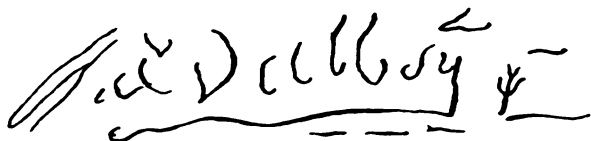
Lith. da Imp.. N.al

D. Affonso V.
D. Affonso V. (Pretendente de Castella e Leão)
D. João II. (Principe Regente).

Lith. da Imp. Nal

D. João III
D. Catharina

Lith da Imp Nal

Est.ª 8.ª

T. Duar

Infante D. Henrique (Filho de D. João I).

Rei de Calecut.

Lith. da Imp. N.al

Lith da Imp. N.al

Diogo Lopes de Sequeira

D. Duarte de Menezes

D. Vasco da Gama

D. Henrique de Menezes

Lith. da Imp. N.al

Lith. da Imp. N.al

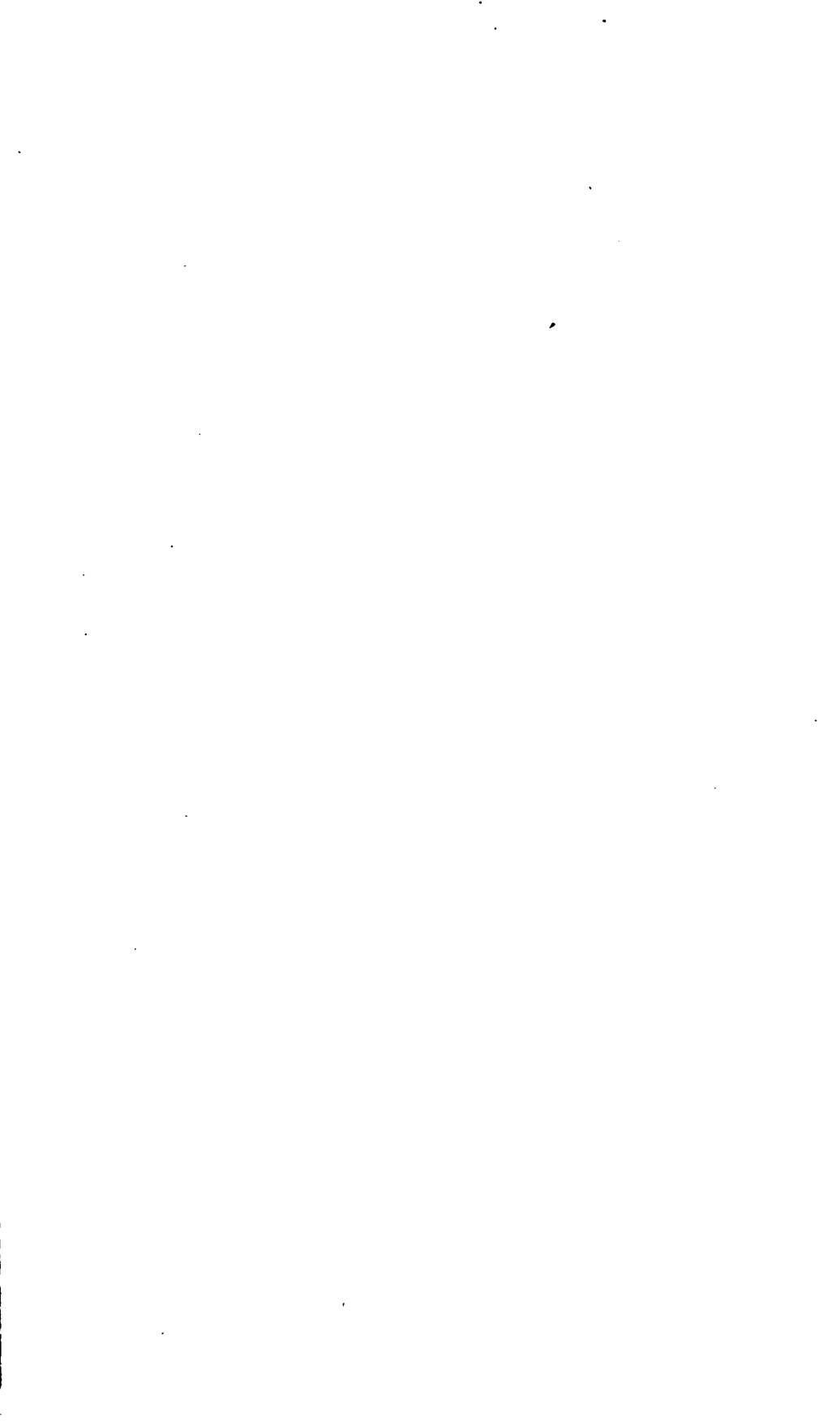
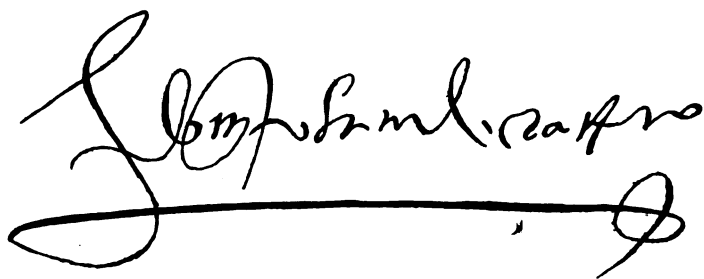
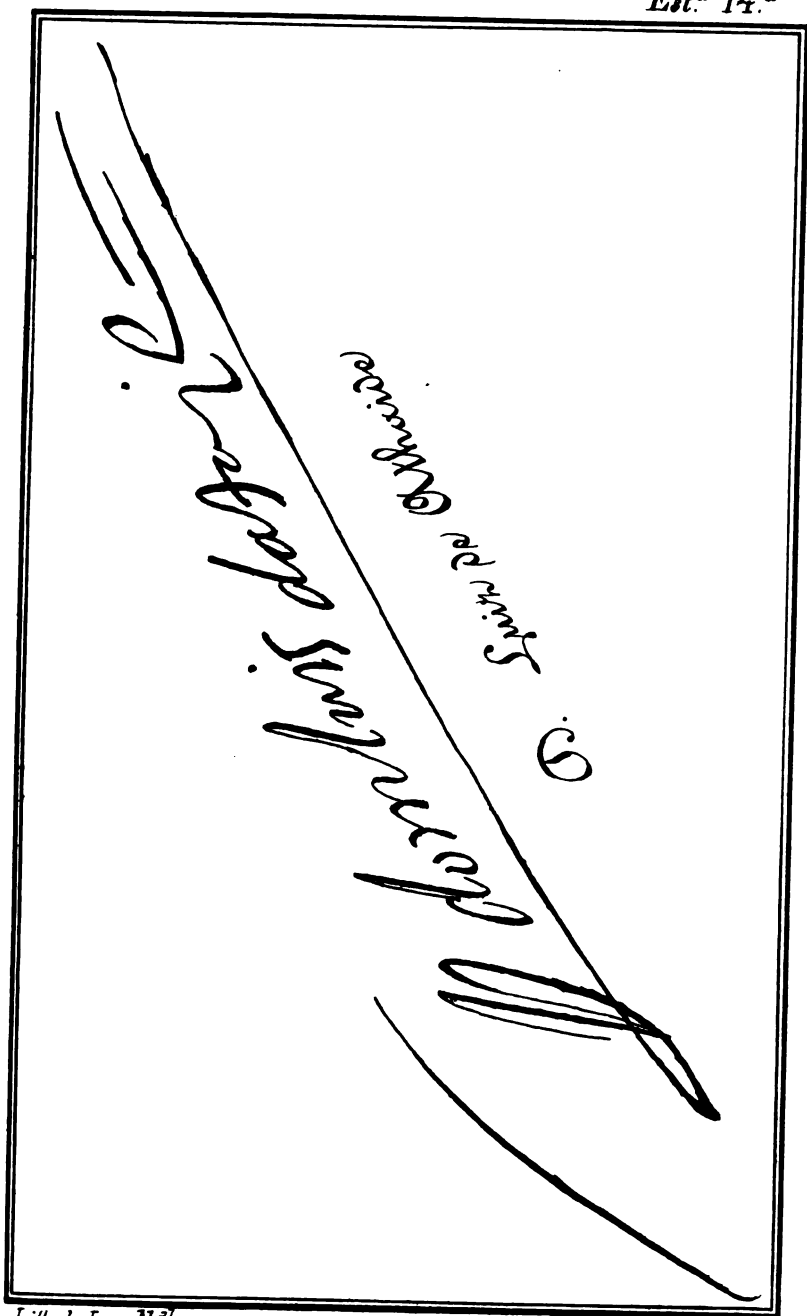
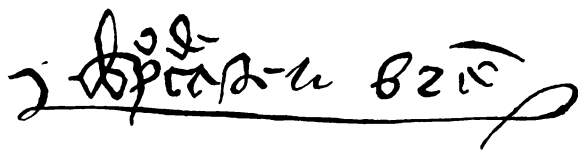
Lith. da Imp. N.al

Martim Affonso de Sousa

D. João de Castro

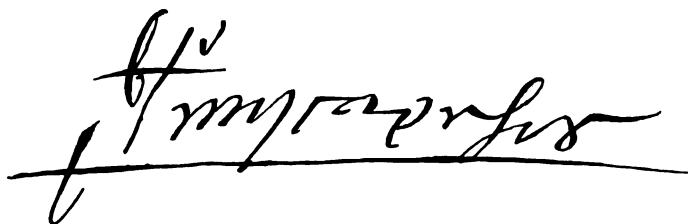
Lith. da Imp. N.al

Est.ª 14.ª

Lith. da Imp. N.al

Homens notaveis da India

Antonio da Silveira

Lith. da Imp. N.al

Est.ª 16.ª

Lith. da Imp. N.al

D. Pedro de Sousa

D. Pedro de Castello-Branco

D. João de Mascarenhas

Lith. da Imp. N.al

D. Alvaro de Castro

Lith. da Imp. N.al

NOTAS

NOTAS

CANTO I

ESTANCIA I

V. 2 — *Que da occidental praia Lusitana*

O adjectivo =*occidental*= está aqui magistralmente collocado para engrandecer, pela longiquidade do ponto de partida, a grandiosa e arriscada empreza encetada nas remotas praias da Lusitania, pelo pequeno, mas valoroso povo portuguez, e que teve complemento nas contrapostas e afastadas partes do Oriente.

V. 3 — *Por mares nunca de antes navegados*

Não é aqui o logar de tratar se por via do cabo da Boa Esperança navegámos os primeiros os mares da India; talvez que no seguinte e ultimo volume da presente edição demos maior desenvolvimento a este assumpto.

V. 4 — *Passaram ainda alem da Taprobana*

Está claro que não foi Vasco da Gama, mas os portuguezes. Era proverbial entre os romanos, quando queriam encarecer uma cousa muito remota, dizer: *Será na Taprobana?* porque reputavam que era esta região, que alguns tomavam por Ceylão e outros por Samatra, a meta extrema do mundo pelo lado oriental; e assim, disse Plinio: *Sed ne Taprobanæ quidem quamvis extra orbem, a natura relegata nostris vitiis caret,* etc.

O que o poeta quer aqui dizer, é que os portuguezes levaram as suas navegações e conquistas alem do mundo conhecido dos antigos, sobrepujando a estes em vantagem.

V. 7. — *E entre gente remota edificaram*

A conjuncção *e,* que a 2.ª edição dos *Lusiadas,* por nós seguida, colloca n'este verso, parece-nos que melhor o seria no 5.º

Não achâmos rasão ao reparo que fez o erudito traductor castelhano dos *Lusiadas,* Lamberto Gil, á expressão de =*edificaram novo reino*=, porque, diz elle, «os reinos fundam-se, não se edificam».

Que outra cousa é fundar senão edificar da raiz?

Tambem nota de pouco propria a expressão =*sublimaram*=, que quer dizer exaltaram em grau sublime, isto é, superlativamente. E na verdade não se póde negar que os portuguezes erigiram um grande collosso na Asia, que tornou sublime outr'ora e respeitado o seu nome. Em documentos officiaes do seculo XIV, se encontra *casa de Portugal,* designando o reino e não a dynastia.

Este traductor, aliás respeitavel, fez a transposição dos dois ultimos versos d'esta estancia com os dois ultimos da 2.ª

ESTANCIA II

V. 3.—*A fé, o imperio; e as terras viciosas*

Terras viciosas, no sentido de terras embrutecidas pelo sensualismo mahometano, ferocidade dos cafres e idolatria asiatica. Assim o entende no canto x, estancia 92:

> Vês Africa, dos bens do mundo avara,
> Inculta, e toda cheia de bruteza,

e mais claramente ainda no canto VII, estancia 17:

> .... alguns o vicioso
> Mafoma, alguns os idolos adoram,
> Alguns os animaes, que entre elles moram.

O celebre padre Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, na sua traducção latina dos *Lusiadas*, tomou o vocabulo *viciosos* por *viçosos*; mas sem rasão, porque, embora se diga de uma arvore que tem *vicio*, porque repartiu a sua seiva em prejuizo do fructo, nunca se diz *terras viciosas*, no sentido physico e material, mas sim no moral. O logar a que nos referimos é o seguinte:

> .... *Libiæ regionibus altam*
> *Luxuriem rigido placuit compescere ferro.*

ESTANCIA III

V. 5—*Que eu canto o peito illustre Lusitano,*
A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Postoque esteja fóra do nosso plano deter-nos sobre a organisação poetica, bellezas ou apologia das criticas, que possam n'esta parte fazer-se ao poeta, porque temos pouco panno para talhar, não deixaremos comtudo de dizer duas palavras sobre a verdadeira base d'este poema, que se funda n'estes dois versos.

São elles a verdadeira preposição da immortal epopeia que nos occupa. Os portentosos feitos dos portuguezes, por terra e por mar, são o verdadeiro assumpto e fundamento do poema, e assim entendido, em cousa alguma pecca contra a unidade; até o bello episodio dos doze pares, que alguns, com pouco gosto poetico, julgam deslocado, se enxerta maravilhosamente no tronco principal do poema, como a expressão do espirito de cavallaria dos portuguezes, a que o poeta quiz com este romanesco canto dar relevo. Que era a intenção do poeta agrupar no seu poema toda a historia nacional e glorias patrias não é duvidoso, porque quadra com o titulo do poema Os *Lusiadas*, que traduzido á letra quer dizer: *o que respeita aos filhos de Luso*, isto é, os portuguezes, e o verso

«Dou-vos *tambem* aquelle illustre Gama»

o indica, onde o adverbio *tambem* dá igualmente a entender que canta mais do que o Gama. E com tal arte conduziu o poeta o seu poema, que sendo o assumpto, aliás grandioso, esteril, porquanto não é mais que uma navegação falha de incidentes de batalhas, que tanto ajudam o poeta, pois não podemos dar esse nome ás escaramuças com os africanos e indios, nos interessa com a narrativa da antiga historia nacional, servindo engenhosamente a navegação de Vasco da Gama de poste para pendurar todos os trophéus das glorias patrias, sem que se sinta discordancia no poema.

As duas estancias que precedem esta, e as que seguem desde a x até á XIV, são, segundo o nosso fraco modo de entender, uma bella e altiloqua paraphrase d'esta preposição; são o patriotismo que se vasa em torrentes do coração do poeta: *ex abundatnia cordis;* são a expressão enthusiastica e o exordio magestoso do poeta e cidadão, que quiz mostrar bem que não lhe escapava a minima cousa que podesse dar lustre á sua patria; é, emfim, se nos fosse permittida a metaphora, a symphonia com que abre o maravilhoso canto que ainda sôa a despeito do indifferentismo nacional.

Os criticos vaidosos ou frios, com o compasso ou ferula na mão, rastejando as suas rotinas, não o sentem. Um poeta, como Camões, deve ser lido antes com o coração do que com os olhos; primeiro que se abra o livro haja quem entôe o *sursum corda*, e seja a resposta: *habemus ad poetam.*

ESTANCIA V

V. 1— *ai-me uma furia grande e sonorosa*

Furia, entende-se furor poetico, enthusiasmo, e n'este sentido o usaram outros poetas; no entanto esta expressão parece que foi mettida a ridiculo por um poeta classico contemporaneo de Camões.
Muito póde a inveja!

V. 6—*Gente vossa, a que Marte tanto ajuda*

As duas primeiras edições lêem =*que a Marte*=; porém pareceu-nos que a preposição *a* devia ser anteposta por esta fórma: =*a que Marte*=, e assim o fizemos, seguindo a Manuel Correia, na edição de 1613, e ao editor da de 1651.

ESTANCIA XX

V. 7—*Convocados da parte do Tonante*

As duas primeiras edições trazem ambas =*de Tonante*=, mas é manifestamente erro typographico, pois o poeta falla aqui, por antonomasia, de Jupiter. Emendámos =*do Tonante*=, seguindo a edição de 1651 e outras de boa nota, ou antes ao poeta, que assim o entendeu na estancia XLI do canto II, v. 8:

Lhe atalha o poderoso e grão Tonante

e na estancia LXXVIII do canto VI, v. 5:

Nem tanto o grão Tonante arremessou

Veja-se a carta de mr. Mably á academia real das sciencias, e a edição de 1843 de Freire de Carvalho.

ESTANCIA XLVII

V. 6—*Por armas tem adargas e terçados*

Adagas lê o original, porém emendámos *adargas*, com o proprio Camões, que assim o entendeu n'estes dois versos das estancias LXXXVI e LXXXVII d'este mesmo canto:

Um de escudo embraçado e de azagaia
Com adarga e co'a hastea perigosa

Adaga é arma offensiva, *adarga* defensiva. Armados d'estas duas armas pinta o poeta os povos de Moçambique, e do mesmo modo os historiadores da India. O bispo Jeronymo Osorio na *Vida de El-Rei D. Manuel* os descreve por esta fórma:
«Erant præterea aduncis gladiis accenti, *parmasque* brachiis insertas stabant.»
Damião de Goes chama porém *adagas* aos escudos que traziam estes mouros de Moçambique, mas parece erro de typographia:
«E terçados Mouriscos cingidos com *adagas* nos braços.»
Este, a nosso ver, erro fez com que tambem errasse o critico Ignacio Garcez.

ESTANCIA LIV

V. 4—*De Quiloa, de Mombaça e de Sofala*

Quiloa, com accento na primeira syllaba. Assim queria o poeta que se pronunciasse, porque assim vem accentuada nas duas primeiras edições e nas tres immediatas de 1584, 1591 e 1597, no verso 8 da estancia XCIX d'este mesmo canto, por esta fórma: *Quîloa*.

Na inscripção da preciosa e bella custodia de Belem vem escripta esta palavra com *v*, *Quîlva*, o que mostra que se pronunciava d'esta maneira.

ESTANCIA LX

V. 8—*O imperio tomárão a Constantino*

Parece que seria melhor construcção grammatical:

O imperio tomar a Constantino

Isto é, aquellas gentes inhumanas vieram conquistar as terras africanas, e vieram tomar o imperio a Constantino.

ESTANCIA LXIX

V. 5—*Nas mostras e no gesto o não mostrou*

Talvez ficaria melhor para evitar a repetição de *mostras* e *mostrou*:

Nas fallas e no gesto o não mostrou.

ESTANCIA LXX

V. 3—*Diz-lhe que o largo premio levarão*

Emendariamos:

Diz-lhe que largo premio levarão

pois o poeta o que quer dizer é que serão generosamente galardoados, sem designação de premio, e assim tambem tinha emendado a edição de Manuel Correia, de 1613.

ESTANCIA LXXI

V. 5—*Oh! segredos d'aquella Eternidade*

As duas primeiras edições trazem = *Os segredos* =, mas é erro patente. A verdadeira lição é = *Oh segredos* =, e assim o tinha já emendado a edição de 1597, e a de 1651.

ESTANCIA LXXXII

V. 2—*O Mouro nos taes casos sabio e velho*

Alguns editores e até commentadores tomaram = *Mouro* = como agente do verbo = *acabou* =, quando não é, mas sim Bacho.

ESTANCIA LXXXIII

V. 8—*Vá cahir donde nunca se alevante.*

= *Onde* = lêem as duas primeiras edições, mas parece erro; deverá ler-se:

=*donde*=, e assim emendámos, e já antes de nós o tinham feito os editores da edição de 1651 e da rollandiana de 1843.

ESTANCIA LXXXIV

V. 3 — *Quando o Gama co'os seus determinava*

As edições primordiaes trazem =*Quando Gama*=. Adoptámos a emenda =*o Gama*= feita pelo editor da edição rollandiana, de 1843, pelas rasões por elle expendidas, emenda que já antes tinha feito Ignacio Garcez Ferreira.

ESTANCIA LXXXVI

V. 6 — *Outros muitos já postos em cillada*

Em =*callada*= traz a edição de 1597.

ESTANCIA XCIX

V. 4 — *Gente que segue o torpe Mafamede*

=*Mahamede*= trazem as duas primeiras edições e a de 1597.

V. 8. — *Quiloa mui conhecida pela fama*

Quiloa, com accento na primeira syllaba. *Vide* nota ao verso 4 da estancia LIV d'este mesmo canto.

CANTO II

ESTANCIA XIII

V. 8 — *Da moça de Titão a rouxa fronte*

As duas primeiras edições e a de 1613 lêem =*Na moça*=; é porém erro evidente. A verdadeira lição é =*Da moça de Titão*=, e assim já foi emendado por alguns editores dignos de respeito; o contrario seria um absurdo.

ESTANCIA XX

V. 3 — *Cloto c'o peito corta e atravessa*

Assim trazem as duas primeiras edições; adoptámos a emenda do morgado de Matheus: =*Doto*= em logar de =*Cloto*=.

ESTANCIA XXIV

V. 7 — *Os estava hum maritimo penedo.*

Os contemporaneos criticos de Camões o censuravam por ter usado a expressão de =*maritimo penedo*=. Manuel Correia defende-o, dizendo que o adjectivo =*maritimo*= na lingua latina, significa o que está ao longo do mar ou dentro d'elle.

ESTANCIA XXV

V. 1 — *A celeuma medonha se alevanta*

Voz grega: no latim =*celeuma*=. Marcial a usou para expressar o canto dos

remeiros. E o canto compassado ou vozeria que fazem os marinheiros, para todos porem a um tempo o peito ao trabalho. O termo nautico é =*faina*=.

ESTANCIA XXIX

V. 1—*Vendo o Gama, attentado, a extranheza*

Algumas edições trazem:

Tendo o Gama attentado a estranheza

ESTANCIA LXXXI

V. 3.—*Que não vedem os portos tão sómente*

Talvez seria melhor:

Que *nos* vedem os portos *não* sómente

ESTANCIA XCVI

V. 1—*Com hum redondo amparo alto de seda*

=*Amparo*= é a umbella que trazem os reis e magnatas da India. Os nossos portuguezes tambem o usavam n'aquellas partes, como se póde ver nas estampas que acompanham as *Antigas viagens da India* de Lindscoht e outros. Ao creado que o trazia se chamava *boy*.

Na Europa não o usavamos provavelmente por ser reputado uso feminil. Faria e Sousa diz que os italianos, *vigilantissimos conservadores do corpo*, os traziam menores pelas ruas e vinhas, e as mulheres em Genova, e outras partes, para se preservarem do sol e da chuva. Barros os descreve na *Decada* 3.ª, liv. 10.º, cap. 9.º

ESTANCIA XCVII

V. 5—*Vestido o Gama vem ao modo hispano;*
Mas franceza era a roupa que vestia,
De setim da adriatica Veneza,
Carmesi, cór que a gente tanto preza.

Parece confusa esta descripção do vestuario do Gama, principalmente depois de tanta distancia de tempo, porém não o está. O que o poeta quer dizer é que o Gama vinha, na generalidade, vestido ao uso peninsular, excepto a roupa, isto é, o roupão ou gibão (que talvez se chamava n'aquelle tempo *roupa)*, introducção franceza e que isto era fabricado de setim de Veneza.

CANTO III

ESTANCIA I

V. 7.—*Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothóe*

=*Leucothóe*= com accento no segundo *o*.

ESTANCIA XIX

V. 5—*Tem o gallego cauto, e o grande e raro*

=*Raro*= significa aqui =*excellente, incomparavel*=.

ESTANCIA XLIX

V. 8—*Recolhe o fato, e foge para a aldêa*

Fato é o rebanho e não roupa; fazemos esta explicação especialmente para os estrangeiros, que muitos, nas suas traducções, têem caido no equivoco, o que não aconteceu ao traductor italiano Bellotti.

ESTANCIA LIII

V. 3—*Desbaratado e roto o Mouro hispano*

As duas primeiras edições lêem =*Mauro hispano*=. Adoptámos a emenda feita por Francisco Freire de Carvalho de =*Mouro hispano*=, em vista das judiciosas reflexões com que sustenta a emenda, já anteriormente feita pelo editor da edição de 1651.

ESTANCIA LXI

V. 7—*O tom das frescas aguas entre as pedras,*
Que murmurando lavã, e Torres Vedras.

Se não fosse o cacophaton =*frescas aguas*= estaria melhor no singular e desfazia as duvidas e critica sobre este verso. Se nos fosse licito fazer uma alteração, emendariamos por esta fórma:

O som da fresca lympha entre as pedras

ESTANCIA LXV

V. 5—*Sentio-o a villa, e vio-o o Senhor della,*

As duas primeiras edições e a de 1597 trazem a *serra della;* a edição de 1613 de Manuel Correia emendou =*Senhor della*= e nós seguimos a emenda, porque o contrario era um contrasenso. A serra não podia vir pela fralda da serra a soccorrer a serra. No entanto o morgado de Matheus, seja-nos permittido dize-lo, com pouca rasão sustenta a primeira lição.

ESTANCIA C

V. 1—*Nunca com Semirâmis gente tanta*

Semirâmis com accento no *â*.

ESTANCIA CX

V. 6—*Está o famoso nome Saraceno*

Nas duas primeiras edições lê-se =*Sarraceno*=. Emendámos =*Saraceno*= pelas rasões expostas por Freire de Carvalho. Já antes assim o tinha emendado Ignacio Garcez Ferreira.

ESTANCIA CXXXIV

V. 6—*Tal está morta a pallida donzella*

Alguns criticos, como Manuel Correia diz, demasiadamente escrupulosos, notaram que Camões usasse do epitheto de donzella applicado a D. Ignez de Castro, tendo anteriormente dito que pariu tres vezes. Acertadamente lembra Manuel Correa que Camões, nas sciencias e artes, era mais perito que os seus professores.

A palavra *donzella* não significa tão sómente *virgem,* mas é diminutivo de *domina, senhora,* e quer dizer =*senhora nobre e moça*=. É n'esta accepção que o

poeta aqui a toma. Dizia-se tambem das creadas moças que serviam nos paços dos reis, como serviu D. Ignez de Castro, e assim são denominadas nos livros das *Moradias da Casa Real.*

CANTO IV

ESTANCIA V

V. 7—*A quem ordens, nem aras, nem respeito,*

Este verso está visivelmente errado, pois falta-lhe o verbo. Devia provavelmente ler-se assim:

Por quem a ordens nem aras tem respeito

Assim o entendeu tambem o judicioso traductor Bellotti.

ESTANCIA XI

V. 7—*Armou delle os soberbos moradores,*

=*Matadores*= está no original, porém convencidos de que não podia ser este o sentido do poeta ousámos, a exemplo do que já fizeram os editores da edição de Hamburgo, substituir por =*moradores*=, certos de que é esta a verdadeira lição.

ESTANCIA XXV

V. 2—*Antão Vasques d'Almada he Capitão,*
Que despois foi de Abranches nobre conde:

Aqui o poeta equivocou-se: Antão Vasques não foi conde de Abranches, mas sim seu sobrinho Alvaro Vás de Almada. D'este ultimo fallaremos mais largamente no seguinte volume, quando tratarmos do desafio dos *Doze de Inglaterra.*

ESTANCIA XXVI

V. 1—*Estavão pelos muros temerosas,*

Isto é, os muros de Abrantes onde as mães, irmãs, esposas e damas viam desfilar o exercito, cuja partida o poeta começa a descrever na estancia XXIII. Desconfiâmos que o poeta cortou aqui alguma cousa, e atou a narrativa com o verso 5 d'esta estancia:

Já chegam as esquadras bellicosas.

ESTANCIA XXVIII

V. 3—*Ouviu-o o monte Artábro; e Guadiana*

Com accento no segundo *a* de Artábro.

ESTANCIA XXXIX

V. 2—*D'huma nobre vergonha e honroso fogo,*

Algumas edições trazem =*fero fogo*=, mas é má lição.

ESTANCIA LXIII

V. 2—*Que o povo de Israel sem náo passou;*

Com accento no *á* de náo.

ESTANCIA XCII

V. 3— *Os velhos, e os meninos os seguiam,*

Parece-nos que seria melhor =*nos seguiam*=, porque aqui o Gama está fallando de si e os companheiros, e sendo =*os seguiam* =, parece que narra assumpto a elle estranho. Logo na seguinte estancia até ao verso 4, continua fallando no plural, e narrando n'este sentido.

ESTANCIA XCIII

V. 5—*Determinei de assi nos embarcarmos*

Parece-nos que o ponto não iria mal no fim do verso 4, onde termina a descripção da procissão e acompanhamento dos navegantes. O agente da oração está no plural, e por isso parece-nos que não póde referir-se a =*determinei*= que está no singular e se refere isoladamente a Vasco da Gama, capitão da expedição, que ao ver os acenos ternos da despedida, ordenou abruptamente o embarque prompto. Os quatro primeiros versos d'esta estancia são regidos pelo verbo *banhar* da estancia anterior, isto é, subentendido, ao que nos parece, por esta fórma: Nós outros *banhavamos tambem com lagrimas a areia,* sem levantarmos a vista nem á mãe nem á esposa, por nos não magoarmos ou mudarmos do proposito firme começado =. No entanto não nos atrevemos a alterar, e deixámos ir como estava no original.

CANTO V

ESTANCIA IX

V. 1—*Áquella ilha aportámos, que tomou*
O nome do guerreiro Santiago;

Aqui o Camões equivocou-se, tomando o apostolo e patrono das Hespanhas pelo outro santo do mesmo nome. Já Jorge Cardoso tinha advertido este engano. Vide *Agiologio Lusit.,* 28 de janeiro, nota D, a fr. Rogerio.

ESTANCIA XXIV

V. 1—*Mas já o planeta, que no ceu primeiro*

O poeta fez neutro o substantivo =*planeta*=, pondo-o no genero feminino, fazendo-o concordar com o adjectivo =*apressada*= no mesmo genero.

ESTANCIA XXXIII

V. 6—*A resposta lhe démos tão crescida,*

=*Tecida*= lêem as duas edições de 1572; mas deve ler-se =*crescida*=, como já emendaram outros editores.

ESTANCIA XLV

V. 8—*A destruida Quiloa com Mombaça*

Quíloa, com accento na primeira syllaba. *Vide* a nota ao v. 4, da estancia LIV do canto I.

ESTANCIA LXXXVI

V. 1—*Julgas agora, Rei, que houve no mundo*

Na edição que seguimos está =*se houve no mundo*=. Emendámos: =*que houve no mundo*=, como lição mais correcta, como já tinha emendado Freire de Carvalho. A edição de 1651 tinha posto:

Julga tu agora, Rei, se houve no mundo

CANTO VI

ESTANCIA XXXIX

V. 6—*Mas esfrégando, os membros estiravam:*

As primeiras edições trazem =*estregando*=. Faria e Sousa e o morgado de Matheus conservaram a lição antiga, fazendo o ultimo derivar este verbo do latim =*extergo*=; porém parece-nos que com pouca rasão, e que aqui houve erro do typographo, que mudou o *f* em *t*. De mais, o verbo latino =*extergo*=. significa =*limpar e enxugar*=; parece-nos pois que se deve ler =*esfregando*=.

Afastámo-nos de todos os editores dos *Lusiadas* na interpretação d'este verso, referindo-se o verbo aos olhos e não aos membros, devendo ser pontoado por esta fórma:

Os olhos contra seu querer abertos
Mas esfregando, os membros estiravam:

acção muito natural de quem accorda ebrio do somno, a esfregar os olhos, ficando assim a imagem, que o poeta pinta, muito verdadeira.

ESTANCIA LVI

V. 8—*No grande Emporio foi parar de Frandres.*

As duas primeiras edições trazem =*emperio*=, porém é erro. Manuel de Faria e Sousa emendou =*emporio*=, e com rasão, porque nunca ao limitado condado de Flandres se podia dar o magestoso titulo de imperio, mas lhe cabia bem o de emporio pelo lucrativo trato de mercadorias, sendo, na epocha em que escrevia o poeta, a principal feira das nossas especiarias da India, e com quem tinhamos anteriormente relações commerciaes.

ESTANCIA LVIII

V. 7—*Vestem-se ellas de cores e de sedas,*
De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

=*Sedas de ouro*= entende-se sedas misturadas com ouro, a que antigamente chamavam *brocados*. A alguem muito escrupuloso fará duvida a expressão de *vestir joias*=, de que usa o poeta; porém, alem de se empregar o verbo *vestir* para expressar todo o complemento do vestuario, e assim dizemos de uma senhora que está bem vestida, incluindo n'esta expressão todas as partes do seu traje. Antigamente faziam parte do vestido as joias com que este era bordado, já de perolas ou pedras preciosas, como se póde ver nos retratos antigos.

O Tasso usou da mesma expressão:

E di serici fili intesta e d'oro.
(Ger. Conq., L. ii, est. xciii.)

CANTO VII

ESTANCIA LXXI

V. 8—*Para estes Annibáes nenhum Marcello.*

Annibáes, com accento no segundo *a*.

ESTANCIA LXXVII

V. 1—*Alça-se em pé, com elle o Gama junto,*
Coelho d'outra parte e o Mauritano:

No original lê-se: =*os Gamas juntos*=, mas deve ler-se =*o Gama junto*=, como é facil conhecer, lendo com attenção desde a estancia XLIV d'este canto até ao principio do seguinte e estancia XLIII, v. 2 e 6.

V. 4—*De um velho branco, aspeito soberano.*

As duas primeiras edições trazem =*aspeito venerando*=, mas visivelmente é erro, porque =*venerando*= nem é soante de =*mauritano*= do verso 2, nem de =*humano*= do verso 6; por isso adoptámos a emenda feita pelo editor da edição rollandiana de 1843 =*aspeito soberano*= certos de que esta é a verdadeira lição.

CANTO VIII

ESTANCIA XXXIX

V. 3—*Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes côres,*

O original traz: =*falta-lhe pincel, falta-lhe côres*=. Emendámos segundo a mui correcta edição de 1651:

Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes côres.

ESTANCIA XLVII

V. 1—*A isto mais se ajunta, que a hum devoto*

No original está =*hum devoto*=. Emendâmos =*a hum devoto*=, porque fo Bacho que appareceu a um devoto.
Parece-nos pois que se deve ler: =*a um devoto*=.

ESTANCIA XLIX

V. 5—*Eu por ti, rudo, velo; e tu adormeces?*

Em algumas edições se lê: =*tudo velo*=.

CANTO IX

ESTANCIA X

V. 8—*Outros quebrão c'o peito duro a barra.*

Barra são os paus que se mettem no cabrestante, com o qual os marinheiros, á força de braço e peitos, suspendem a amarra.

ESTANCIA XXI

V. 6 — *Da primeira co'o terreno seio,*

Assim trazem as duas primeiras edições de 1572, e assim diz Manuel Correia que fizera este verso Luiz de Camões, e lh'o ouvira, e não como anda impresso: = *da may primeira* =; e por isso conservámos a lição primordial.

O primeiro que fez esta mudança foi o traductor castelhano Benito Caldera, na traducção que saiu no anno de 1580, a quem seguiu o editor dos *Lusiadas* de 1597, e depois outros. Sobre este assumpto vejam-se os differentes editores, que uns seguem uma opinião, outros outra.

ESTANCIA LX

V. 5 — *Ali a cabeça a flor Cephysia inclina*

Manuel Correia diz, que em um livro de letra de mão de Luiz de Camões, em logar de = *flor Cifisia* = estava = *flor Clicia* =, que é o heliotropo que vulgarmente se chama gira-sol.

CANTO X

ESTANCIA II

V. 7 — *Lhes tinha aparelhadas, que a fraqueza*

= *Lhe tinha aparelhados* = concordando com = *manjares* = lêem as duas primeiras edições. Emendámos: = *lhes tinha apparelhadas* =, concordando com = *mezas* =.

ESTANCIA LXXVIII

V. 3 — *De varios orbes, que a divina verga*

= *Divina verga* = quer dizer = *omnipotencia divina* =, tomando a insignia do poder pelo mesmo. O antigo sceptro era uma vara, no latim = *virga* =, e d'ella usaram Arão e Moysés. Frequentes vezes na *Escriptura Sagrada* se toma este nome como insignia do poder, e na mesma accepção nos auctores italianos Ariosto, Petrarcha e o Tasso.

ESTANCIA LXXXVIII

V. 6 — *E do Orionte o gesto turbulento;*

= *Orionte* = e não = *Oriente* =, porque aqui o poeta descreve a constellação Orion. = *Turbulento* = parece erro typographico, porque não rima com *fazendo* nem com *horrendo*. Faria e Sousa suspeita que o poeta tivesse escripto = *turbulendo* =, e diz que no manuscripto de Montenegro estava = *tremendo* =. Freire de Carvalho emendou: = *metuendo* =.

ESTANCIA CXXVIII

V. 2 — *No seu regaço o canto, que molhado*

No original vem = *molhados* = mas deve ler-se = *molhado* =, porque *molhados* não rima com *executado*.

ERRATAS

CANTO	EST.	VER.	PAG.	ERRO	EMENDA
4	44	4	145	sitibundo.	sitibundo,
»	61	7	151	Pola	Pela
»	82	4	158	furor,	furor
»	96	4	163	de reinos:	de reinos,
5	17	3	175	verdadeiros	verdadeiros,
»	92	8	199	experta	esperta
6	53	6	222	dextro,	destro,
10	147	2	392	bravo	bravos
»	156	4	395	Muros	muros

ERRATAS

PAG.	CANTO	EST.	VER.	ERRO	EMENDA
36	1	99	2	mande	manda
117	3	110	6	saraceno	Saraceno
125	»	132	3	Amor	amor
127	»	140	1	Tarquinio	Tarquino
145	4	44	4	sitibundo.	sitibundo,
151	»	61	7	Pola	Pela
158	»	82	4	furor,	furor
163	»	96	4	de reinos:	de reinos,
175	5	17	3	verdadeiros	verdadeiros,
196	5	82	1	com	c'hum
199	»	92	8	experta	esperta
222	6	53	6	dextro,	destro,
377	10	102	8	e o Euphrates	e Euphrates
378	»	106	2	Jaqueta	Jaquete
»	»	107	3	cori	cori
392	10	147	2	bravo	bravos
395	»	156	4	Muros	muros
475	–	–	–	do IX Paris	dos XII Pares

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

Visconde de Juromenha

Originaes Manuscriptos
para o 7.º vol das
Obras de Luiz de Camões
Edição do Visconde de Juromenha

(Deram entrada na officina typographica
da Imprensa Nacional em 5 de Maio
de 1880)

Reprodução do original da capa do volume sétimo das «Obras de Luiz de Camões» entregue à Imprensa Nacional de Lisboa pelo Visconde de Juromenha (João António de Lemos Pereira de Lacerda).

FRAGMENTO*

DO

SETIMO E ULTIMO VOLUME

DAS

OBRAS DE LUIZ DE CAMÕES

Quando se lançam os olhos sobre o pequeno ponto que occupa em uma carta geographica o limitado Condado do Conde D. Henrique ou, para melhor dizer, de sua mulher a Rainha D. Thereza, a que se chamou Portugal; como se alargou, como por assim dizer abafado por um visinho poderoso se constituiu em reino independente, como tudo se preparou para este fim, e um punhado de homens que apenas tinham desarmado as tendas no paiz conquistado dão a lei a quasi meio orbe desconhecido, a imaginação pasma, e por maior que seja a incredulidade não podemos deixar de nos curvarmos até ao chão perante Deus Omnipotente, que, pela sua benefica protecção a este paiz, permitiu que nossos maiores fossem o instrumento da sua divina acção plantando a Cruz como padrão da nossa fé, poder e gloria, e da verdade civilisadora do Evangelho entre povos barbaros incultos e desconhecidos.

Examinemos, embora de relance, as miraculosas coincidencias que acompanharam o progressivo e antigo engrandecimento

* Ver Nota no final d'este trabalho.

da nossa patria. Arrebata o governo das mãos de sua mãe o joven fundador da monarchia na batalha, que vence, de Valdevez, sem o que outra poderia ser a sorte da erecção da monarchia; uma lenda miraculosa inflamma os seus soldados e os que lhes succedem, e apoz uma batalha é acclamado Rei e confirmado pelo Papa. Progride gradualmente a conquista executada por soberanos guerreiros; abordam ás nossas praias accidentalmente as esquadras que iam para a Terra Santa e auxiliam-nos na expugnação das terras mais poderosas dos Mouros, como Lisboa, Alcacer do Sal e Silves; os monges militares do Templo, Santo Sepulchro, S. Thiago, Aviz, com a cruz do Cruzado no hombro que communica um valor magnetico aos punhos de soldados invenciveis, golpeiam, derrubam com suas espadas valerosas os mouros e pisam com as ferraduras dos seus cavallos as luas Sarracenas, sacudindo de todo os filhos de Agar dos Reinos de Portugal e Algarve que fogem para Granada ou para a Africa, ficando o solo Portuguez libertado muitos annos antes que os expulsassem do seu os Castelhanos.

A Reis conquistadores succede como providencialmente um D. Diniz, o Rei agricultor, intelligente e predestinado para preparar mais ousados atrevimentos e alargar a area de elementos os mais vitaes e precoces de civilisação. Pela protecção ao que hoje chamamos interesses materiaes, fortalece a nação; levanta castellos, faz surgir villas, povôa charnecas. Rei sabio, poeta, faz mais; pelas sciencias e pelas lettras dá alma ao corpo social. Com o auxilio pecuniario e conselho dos abbades de Alcobaça, Santo Agostinho, S. Bento e reitores de diversas egrejas seculares do reino funda a Universidade de Lisboa [1], hoje de Coimbra, onde pela primeira vez os seus

[1] Veja-se a Bulla de Nicolau IV, *De Statu regni* (9 de Agosto 1290), aos mestres e estudantes de Lisboa. Archivo Nacional da Torre do Tombo, Maço 12.º, n.º 2, da Collecção de Bullas.

estudantes recebem pela mão do Bispo o grau de licenciados. humanistas, canonistas, medicos e legistas.

A Ordem de S. Thiago da Espada, que tantos serviços tinha prestado principalmente na conquista do Algarve, parecia aberrar da sua instituição, e pela sua obediencia ao Mestre de Castella tornava-se menos apta para a guerra exterior contra os Sarracenos no serviço de Portugal, e apresentava mais tendencias para o do Castelhano do que o nacional; e se havemos acreditar os apontamentos do Rei offerecidos ao Papa João XXII pelos seus embaixadores, Manoel Peçanha e Vicente Annes[1], ficavam expostas as fortalezas situadas na raia se não fossem guardadas por homens fieis aos Reis de Portugal, e que estes e os seus subditos correriam grande perigo se estas fortalezas continuassem a estar sob a guarda de quem podesse favorecer mais os Castelhanos do que os Portuguezes.

A do Templo tinha sido extincta no Concilio de Vienna, e os seus bens e propriedades incorporados na Ordem do Hospital de S. João de Jerusalem, ficando comtudo em deposito os dos Cavalleiros Portuguezes até ulterior decisão do Papa sobre o seu destino. É n'esta conjunctura que D. Diniz se lembra de pedir ao Papa queira concedê-los á Ordem que pertende instituir de *lidadores de Christo*, estabelecendo-lhe a sede no castello de Castro Marim no Reino do Algarve, situado na margem direita do Guadiana e proximo á sua foz, para d'alli fazer guerra aos Mouros, que o Papa confirma com a denominação de *Ordem de Jesus Christo*, nomeando-lhe Grão-Mestre e dotando-a com os bens dos Templarios; e assim fazendo convergir para a energia nacional a dotação da ordem extincta que se extravasava para guerras estranhas, embora em defeza da fé, lança, como mais adiante veremos,

[1] Archivo Nacional da Torre do Tombo, Gaveta 5.ª, Maço 4.º, N.º 11.

a semente das nossas futuras conquistas e navegações. Como que antevendo que as nossas armadas tinham que alastrar os mares semeia o pinhal de Leiria, alista ao seu serviço um almirante[1], com quem contracta debaixo de certas condições para fornecer homens adextrados para commandar as suas galés, e lança os fundamentos da nossa futura marinha.

Instalado no commando o novo almirante é mandado a Roma conjunctamente com o Deão do Porto, como embaixadores para impetrar do Pontifice João XXII a decima dos rendimentos ecclesiasticos por tres annos, deduzida da que Clemente V tinha applicado para a guerra da Terra Santa, a qual lhe é concedida para uma armada que D. Diniz determinava aprestar para guerrear os Mouros em Africa e impedir que estes passassem o Estreito e se ajuntassem com os de Espanha.

D. Afonso IV segue o glorioso empenho de seu pae, e vae elle proprio immortalisar o seu nome e assignalar o valor do seu braço na memoravel batalha do Salado em auxilio de seu sobrinho o Rei de Castella, e para fazer a guerra aos Mouros, por mar e nas suas proprias terras, alcança do Papa Benedicto XII a Bulla da Cruzada e decima ecclesiastica por dous annos, devendo-se estabelecer nas conquistas cathedraes e collegiadas e dando poder ao arcebispo, ou a quem este delegasse, *para impor a Cruz no hombro* aos que se destinassem á Santa Empreza. Mas deixemos fallar o extracto da Bulla: «Que D. Denis considerando que o reino do Algarve se achava situado na fronteira enemiga e que por ella podiam melhor ser combatidos por mar com galés e outros

[1] Contracto entre D. Diniz e Micer Manuel Peçanha. Estabelece as mercês que lhe faz pelos seus serviços e elle jura servi-lo bem e lealmente contra Mouros ou Christãos. Obriga-se a ter 20 homens de guerra sabedores do mar e para alcaides das galés e arraises mediante certa soldada e mantimentos podendo servir-se das galés quando não estivessem em serviço real, mandando-as a Genova e Flandres com mercadorias suas e devendo ter o quinto das presas.

navios mandara vir de terra estranha hum homem experimentado no mar e nas guerras navaes e o nomeara seu almirante com grande soldo, o qual construira galés e outros vasos tripulando-os, e formando dentro de pouco tempo marinheiros tão ousados e tão destros como difficilmente se podiam encontrar n'outra parte, devendo todos empregar-se não só na defensão do reino de Portugal e Algarve, mas na perseguição e apresamento dos enemigos da relegião e do nome portuguez».

Que D. Affonso IV depois de morto ElRei D. Diniz, seu pae, conservara no seu reino o almirante, accrescentando-o nas honras que lhe tinham sido concedidas, e por meio d'elle e dos seus soldados e marinheiros causara graves prejuizos aos Sarracenos por terra e mar; e que determinando Benamarim, o mais poderoso dos seus Reis, passar a Hespanha com innumeravel exercito, assustado com os feitos anteriores dos Christãos, por cartas e mensageiros mandara offerecer a ElRei D. Affonso IV diversos presentes e fazer-lhe offertas de subsidios e seguranças no caso de não soccorrer seu sobrinho o Rei de Castella, os quaes o monarcha portuguez recusou acceitar e foi em pessoa ajudar ElRei, e venceu, juntamente com elle, o poder mussulmano, sendo mortos muitos dos infieis e captivos e reduzidos a perpetua escravidão»[1]. Em consequencia dos serviços prestados á religião e não o comportando ao rendas do thesouro, quasi exhausto, pede para proseguir na guerra contra os infieis, para os gastos da futura expedição, a graça outorgada na Bulla.

O curto reinado de D. Pedro I embora fizesse doação do almirantado a Lançarote Peçanha, segundo genito do almirante Manuel Peçanha por morte do primogenito Bartho-

[1] Bulla de Benedicto XII, dirigida a D. Afonso IV. 1341. Archivo Nacional da Torre do Tombo, Maço 5.º, n.º 2, da Collecção de Bullas, e Livro de Ilhas, fol. 122. Extractada dos *Quadros Elementares*, tomo IX, fol. 349.

lomeu Peçanha, e o irrequieto de seu filho D. Fernando não deram logar a comettimentos ousados d'além-mar contra os infieis; mas ainda assim no ultimo reinado ha dous factos que se prendem com o futuro engrandecimento de Portugal: a protecção que D. Fernando deu á navegação e á cerca das muralhas de Lisboa, contra as quaes esbarrou o exercito castelhano, o que com a gloriosa batalha de Aljubarrota firmou a nossa independencia.

Com a morte de D. Fernando uma tormenta procellosa ameaçava submergir a nossa autonomia, pelo impolitico casamento de sua filha unica, e herdeira, com o Rei de Castella, as astucias da Rainha viuva, e alterações e divisões que se levantavam no reino; porém, por entre a atra borrasca que obumbrava o horisonte da patria, surge o santelmo de esperança que ha-de levar a nau do estado a porto e salvamento. A nação proclama um defensor do Reino que com a sua espada defenda as suas liberdades, ao qual por eleição popular ou interpretação da lei fundamental se entrega um sceptro nas mãos de um rei, dos mais illustres que se sentaram no throno de Portugal, os soube defender e governar augmentando os seus dominios, e depois de morto a saudade nacional denominou o Rei de Boa Memoria.

Mas quão extraordinarios são os acontecimentos que collocam no throno D. João I! Filho illegitimo de D. Pedro I tem que affastar dous irmãos pretendentes que o pae bem ou mal reconhece por legitimos, e que mesmo illegitimos o precediam na ordem do nascimento; lutar contra as astucias da Rainha, que antes da sua viuvez traiçoeiramente lhe prepara a morte, e depois de viuva o vota á execração como o assassino do seu amante, que apunhala no seu palacio quasi aos seus pés; combater um exercito de um Rei poderoso, auxiliado pelos enredos da Rainha e partidarios internos, que sustentam castelos, pelo Rei de Castella; e quando vemos

que tudo foi supplantado para se sentar no throno um tão grande Rei, que não só ha-de firmar a nossa independencia, mas por novas conquistas encetar o futuro engrandecimento de Portugal, legar á sua patria uma prole tão cavalheiresca, tão instruida, tão valerosa e emprehendedora, não sabemos que encontramos de extraordinario em todas estas circumstancias que concorreram para o successivo augmento do nosso grandioso poder.

Não foi acontecimento indifferente o casamento do Rei com a filha do Duque de Lencaster, a Rainha D. Filippa, pela educação varonil e scientifica que deu a seus filhos. Cabe a esta virtuosa e illustrada Rainha a gloria de lapidar estes brilhantes que fulguraram com tão radiante brilho. Não o podemos duvidar porque falla bem alto além do tumulo o seu epitaphio: *Moralissime proprios filios castigando virtuosissimi doctrinavit.*

É curiosa e tocante a sua despedida dos filhos á hora da morte com a entrega das espadas com as quaes dentro em pouco serão armados cavalleiros, nas primicias das nossas conquistas. Entre os filhos de D. João I e de sua mulher a Rainha D. Filippa foi o quinto o Infante D. Henrique, nascido a 4 de Março de 1394. Um epitaphio que vimos em Abrantes na capella de Santa Maria do Castello, o de Diogo Fernandes de Almeida, nos declara quem fôra o seu aio, isto é, Fernão Alvares de Almeida, pae do dito. «E foi filho de Fernão Alvares de Almeida que foi ayo do ditto Senhor Rey D. Duarte e dos Infantes D. Pedro e D. Henrique seus irmãos». Deviam ser seus mestres o Carmelita João Sobrino, lente que foi na Universidade de Oxonia, em Inglaterra, e algum lente escolhido na de Lisboa. O singular affecto que mostrou por esta academia, dando-lhe as suas casas e instituindo n'ella uma cadeira de theologia, denota que as mais intimas relações provocavam a munificencia d'aquelle illustrado principe.

As memorias antigas o descrevem de estatura regular, membros fortes, largos e acompanhados de carnes, côr branca e córada; os cabellos um pouco levantados, e o acatamento á primeira vista um pouco temeroso a quem o não conhecia; quando era provocado á ira, mostrava uma vista esquiva mas passageira. Emquanto ao valor a sua espada encontrava-se sempre na dianteira, como mostrou em Ceuta, Tanger e nas outras praças de Africa. Em intellectualidade vencia os naturaes, e nos seus estudos mais prezados os da mathematica e cosmographia a estranhos e naturaes. E comtudo este grande genio contentava-se com a modesta divisa: «Talent de bien faire»!

Depois da batalha de Aljubarrota tinha surgido uma nova geração de mancebos insoffridos e desejosos de illustrar os seus nomes; não encontrando emprego na patria, pediam licença para sahir do reino, e uns iam militar com os Inglezes, outros procuravam aventuras fóra do paiz em reptos e torneios. Entre estes os mais ardentes eram os filhos do Rei, a cujas instancias se procede á expugnação de Ceuta, onde o Rei vae em pessoa, e os Infantes fazem proezas de valor, distinguindo-se entre todos o Infante D. Henrique, e ahi são armados cavalleiros com as mesmas espadas com as quaes os havia brindado sua mãe á hora da morte. Foi esta a nossa primeira conquista d'além-mar contra os Mouros.

Regressado o Infante d'esta gloriosa expedição, como era Mestre da Ordem de Christo, de um genio emprehendedor e desejoso de pôr por obra os estatutos da Ordem, retirou-se ao Algarve para melhor se entregar ás suas explorações maritimas; auxiliado pelas graças concedidas á Ordem pelo poder Pontificio, á qual foi concedido o espiritual das terras descobertas e tomadas aos infieis, e pelo temporal da corôa, sempre empenhada no engrandecimento da patria, deu-se o Infante de corpo e alma a pôr por obra o que lhe inflammava

o cavalheirismo, lhe provocava o gosto natural e lhe impunha o compromisso da Ordem, da qual era dignissimo e oitavo Grão-Mestre.

Não se limitavam porém as suas aspirações ás Conquistas Africanas da Barbaria, que algumas vezes mesmo descurou; estendiam-se estas mais longe, a mais dilatado horisonte, a dobrar o Cabo Bojador, tido então pelo fim do mundo, e desvendar á Europa terras desconhecidas, rasgando-lhe o véu denso que as occultava; e munido da sciencia e uma vontade inflexivel formou d'estes estudos, investigações e aventurosas explorações o objectivo da sua vida, que tão gloriosamente encetava, pois apenas contava uns vinte e dous annos!

A villa de Castro Marim, cabeça da Ordem de Christo, situada na margem direita do Guadiana, embora proxima da sua foz e mais achegada á Africa, não offerecia as mesmas conveniencias que o promontorio que então se chamava de Trasfalmenar, e que hoje chamamos Cabo de S. Vicente, que projectando-se sobre o Oceano parecia convidar o ousado Principe a explorá-lo, na sua immensidão, apto além d'isto pela sua proximidade com a bahia de Lagos onde aportavam navios estrangeiros e nacionaes, e por isso o preferiu para estabelecer a sua escola pratica e scientifica. Aqui, apartado de todas as delicias da Côrte, só o acompanhavam os seus grandiosos pensamentos e desejos que o aguilhoavam de conquistar para a fé de Christo e para a sua patria conquistas desconhecidas, cevando-se na fama posthuma que aguardava o seu nome. D'aqui, se podessemos usar de uma expressão poetica, diriamos: o Adamastor do Occidente desafiava o do Oriente. Por um contraste singular foi do ponto d'onde a gentilidade reputava o extremo Occidente, onde Apollo repousava no seu leito e por isso não era licito fazer sacrificios, ou pisar este sitio de noute, porque n'aquellas horas era o descanso

dos Deuses[1], que se encetaram as expedições que haviam levar os nossos argonautas até onde o sol tem o seu berço!

Era este tracto de terra, que percorre desde o Cabo até á então villa hoje cidade de Lagos, ermo, bravio e despovoado, não exceptuando as cercanias da villa, e o sitio o mais temeroso do Algarve pelas excursões dos Mouros, que vinham da Africa e alli cahiam de improviso. Consta isto de uma carta de 5 de Janeiro de 1361 de D. Pedro I «que izenta esta villa da jurisdição de Silves, a pedido do Conselho e homens bons desta villa, por lhe representarem estar ella em lugar mais fronteiro e temeroso que havia no regno do Algarve, que se frota sahia de Mouros de Alem mar em huma noute e hum dia erão no dito logo de lagos, e que fizerom ja hi muito damno e que entendiam que seria bem povoada de companha pera defendimento dela, se os izentasse da dita sugeição». Por carta passada a 26 de Outubro de 1443 fez ElRei D. Affonso V, ou antes o regente em nome do Rei, mercê ao Infante D. Henrique do Cabo de Trasfalmenar, que assim é denominado nesta carta este cabo, e uma legua em torno de termo, por este lhe representar que entendia alli fazer certa povoação ou povoações fortificadas. A doação é concedida com a condição de reversão para a corôa por morte do Infante, sendo esta obrigada a resarcir todas as despezas que o Infante declarar em seu testamento ter feito nas fortalezas e povoações. Concede-lhe mais certos direitos e o poder dar-lhe foral.

Quando o Infante D. Henrique tomou posse do Cabo encontrou já ali uma Ermida, orago S. Vicente. Consta isto de uma carta de confirmação de ElRei D. Diniz a outra de

[1] Strabão começa d'aqui a fazer a descripção da Hespanha, e era tido como o ponto mais Occidental do Mundo: «Singula Hispaniae narraturi principium repetamus a Sacro promontorio. Hoc enim non Europae modo, sed universae habitatae punctum est omnium maxime ad occasum situm». Lib. 3, pag. 137. — «Fas non esse ibi sacrificare, neque noctu eum locum adire, quod ferant eum nocturno tempore a diis teneri». Lib. 3, pag. 138.

doação de D. Affonso III, seu pae, á dita Ermida de S. Vicente no Cabo, para hospitalidade dos que ali fossem em romaria por sua alma, e esta doação faz por lhe representar o Bispo de Silves, mandando que este visite a Ermida e tenha a inspecção no capelão, fazendo-lhe saber se cumpre com a obrigação e se tem em recato as cousas da Ermida, para o correger não o executando. Esta carta[1] foi mandada passar por ElRei na era de 1354 (anno 1316), em Friellas. D. Affonso III falleceu no anno de 1279 e Faro foi tomada aos Mouros no anno de 1249, de sorte que apenas os Mouros acabavam de retirar-se do Algarve já n'aquelle isolado promontorio se elevava uma capella aberta ao culto dos peregrinos que alli affluiam. Mais tarde se erigiu um convento de religiosos descalços de S. Francisco[2], que o Bispo do Algarve D. Fernando Coutinho mandou edificar, e para seu amparo e defensão ordenou que fosse talhado da banda da terra, por causa dos Mouros que não longe d'elle sahiam; e ElRei D. João III, vendo que isto não bastava, mandou pegado com o mosteiro ordenar uma fortaleza, presidiada por soldados e bem fortalecida de artilharia e mais petrechos de guerra, que o defendem, e a que se abrigam os navios que se recolhem em torno d'elle.

Entre esta solitaria Ermida e a villa de Lagos, de que era egualmente senhor, devia o Infante alternar a sua residencia, antes que edificasse a sua villa do Infante. Aqui, acompanhado de seus creados e de homens emprehendedores e maritimos, só cogita nas suas vastas explorações, e os anima com premios e privilegios que obtem do poder real. Alcança para quatorze dos seus maritimos os privilegios de

[1] Archivo Nacional da Torre do Tombo, Chancellaria de D. Diniz, livro 3.º, fol. 115.

[2] Corografia do Reino do Algarve devidida em quatro Livros &c. pelo R. P. Fr. João de S. José da Ordem dos Heremitas de S. Agostinho da Provincia de Portugal. No anno de 1577. Mss. da Bibliotheca Publica.

bésteiros de cavallo [1], que eram importantes. Primeiramente tinham o privilegio de cavalleiros; quando dous bésteiros tinham demanda o vencedor levava custas do vencido quatro reis e meio por dia; quando houvessem de ser chamados para o serviço eram pelo adail e não pelo alcaide e justiças da terra; não pagavam peitas nem entalhas, excepto certos encargos municipaes, como pontes, calçadas, etc.; podiam caçar, excepto nos lugares coutados para prazer do Rei, com cães, béstas ou furões e vender a caça que caçassem sem almotaçaria; porém se misturassem outra perdiam o privilegio de bésteiros por toda a vida e eram presos; tinham foro privativo que era o anadel, salvo se os bésteiros fossem moleiros, regatões ou outros misteres que fossem da jurisdição do almotacel; não eram penhorados nas suas bestas, bois de arado nem na semente do pão, nem em roupa, leitos, camas, panos de vestir, nem elles nem suas mulheres; finalmente quando o concelho os mandava com presos ou outras cousas era-lhe arbitrado mantimento. Não se limitava a generosidade do Infante a estas mercês, quiz que os seus creados, que lhe foram companheiros em vida dos seus trabalhos, repousassem o somno da morte [2] debaixo das mesmas abobadas do Templo onde estava lançado e descançava o seu corpo. Tinha impetrado Carta para ter um jazigo e altar junto ao mausoleu de seu irmão o Infante D. Pedro, na capella onde jazia seu pae ElRei D. João I no Mosteiro de Nossa Senhora da Victoria (Batalha); egual mercê alcança para que os seus creados tenham jazigo seu. na sacristia do mesmo mosteiro.

Para melhor commodidade não só dos habitantes, mas dos estrangeiros, que ali abordavam para encontrarem mantimentos e a consolação dos soccorros e officios do culto, funda

1 Archivo Nacional da Torre do Tombo, liv. 49 de D. Affonso V, fol. 17; liv. 26 dito, fol. 38 *v*, e liv. 34, fol. 86 *v*.

2 Archivo Nacional da Torre do Tombo, liv. 10 de D. Affonso V, fol. 38.

uma villa[1] que se chamava Terça Nabal e a que poz o nome de villa do Infante, *no outro cabo que antes do ditto cabo de Sagres está nos que vem de ponente para levante*, e n'ella mandou fazer uma capella em reverença de Nossa Senhora, e fóra da villa uma egreja em honra de Santa Catharina, para cima do porto onde desembarcam os que das carracas, naus, galés e navios sahem, e no seu cemiterio se enterravam os que n'este porto fallecem. Esta capella e egreja dota não só de rendas para o culto, mas para suffragios depois da morte, e, no meio de tão affanosos trabalhos da sciencia e do estudo, não lhe esquece a cultura da terra adjacente e pescarias. Alcança para as suas naus e fustas a isenção do quinto das presas que tomarem, e pelo reconhecido amor que lhe prestam os seus subditos e pela sua sabedoria consegue agrupar em torno de si temerarios exploradores, que quasi ás cegas, com fraquissimos auxilios da arte nautica, vão devassar esses mares.

D'aqui partem esses arrojados navegadores e são primicias das suas descobertas a ilha do Porto Santo e a perola do Oceano, a encantadora ilha da Madeira, e são os primeiros iniciadores, se não foram outros, Bartholomeu Perestrello, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz.

Apoz estes, com o mesmo empenho de dobrar o Cabo de Bojador, succede-lhe Gil Eannes que dobra o dito Cabo, empenho fixo do Infante, e rompem-se as sombras com que a ignorancia o tinha vendado á Europa, e vão successivamente descobrindo as terras situadas além d'elle. De um curioso documento da Torre do Tombo, isto é, de uma carta de D. Affonso V, passada a seu tio o Infante D. Henrique a 22 de Outubro de 1443, que prohibe que ninguem vá ao dito Cabo sem sua licença, com perda dos navios e carga, e con-

[1] Carta de Villa do Infante: extrahida de um livro antigo da Meza da Consciencia, que hoje se encontra no Archivo da Torre do Tombo.

cede ao mesmo Infante, para o ajudar no que tinha começado e o indemnisar das despezas feitas, o quinto da dizima do que trouxerem os seus navios, ou aquelles que forem com sua permissão, transcrevemos aqui a parte que pode servir á historia, e que mostra que estes maravilhosos descobrimentos foram emprehendidos e postos por obra sem precedente auxilio externo, e com escassissimos meios e imperfeitos da arte nautica. «D. Affonso &c. a quantos esta carta[1] virẽ fazemos saber como o ifante dom anrique meu muyto prezado e amado tyo ẽtendendo que fazia serviço a nosso señor deos e a nos se meteo a mãdar seus navios a saber parte da terra que era alẽ do cabo de bojador porque ate então nõ avia ningẽ na christandade que dello soubesse parte, nẽ sabia se avia lá poboraçã ou nõ, nẽ direitamente nas cartas de marear nẽ mapamundo nõ estavã debuxadas senõ a prazer dos homẽs que os faziã des o dito cabo de bojador per o diante e por ser cousa duvidosa e os homẽs se nõ atreverem de ir mãdou la bẽ quatorze vezes atey que soube parte da dita terra e lhes trouxerã de la per duas vezes hũs xxxbiij mouros prezos e mãdou della fazer carta de marear e nos dise que sua vontade era de mãdar seus navios mais adhiante saber parte da ditta terra, e que nos pedia por merçee que lhe desemos nosa carta que nẽnhum nõ fose aquelas terras sẽ seu mãdado e licẽça asy per a guerra como pera mercadorias e que daquelles a quẽ elle asy mandase ou dese liçença, lhe desemos o direito do quinto ou dizima do que de lá trouvessem segundo a nos pertencese.

[1] Archivo da Torre do Tombo, liv. 24 de D. Afonso V, fol. 61. Esta carta foi copiada, e assim como outros documentos, das copias que o Sr. Tenente Jacinto Ignacio de Brito Rebello tinha já copiado para seu uso e que para nos poupar trabalho generosamente poz á nossa disposição, e faz parte de uma importante collecção de documentos relativos ao Infante D. Henrique que tem colligido. Na compilação dos documentos de ElRei D. Manuel (leitura nova) faz uma pequena diferença do documento original que se publica.

E por quanto nos somos çertos do suso escripto e da grande despeza que feita teem e entende de fazer defendemos &c.», termina adherindo ao pedido do tio, e a carta é assignada por o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra «*per autoridade do Senhor Ifante dom pedro regente* e dada na vila de penela xxij dias doutubro de 1433».

Continuam as descobertas, já em ilhas, já no continente Africano, ate á morte do Infante, que teve logar em Sagres a 13 de Novembro de 1460, depois de quarenta annos de laboriosos e perseverantes trabalhos de exploração. O seu corpo foi sepultado em Lagos e d'ali trasladado por seu herdeiro de adopção, o Infante D. Fernando, para o Mosteiro da Batalha, e ahi jaz, em um tumulo, na capella que seu pae mandou fazer para seu jazigo entre elle e seus irmãos. Alli está representado em figura de relevo, deitado sobre a campa, vestido de armas brancas, e coroado com coróa real entretecida com folhas de carvalho e uma rosa no meio. Tem trez escudos, o primeiro as armas de Portugal e as suas, e nos outros dous as insignias das Ordens que professava. Ha mais de cincoenta annos que visitámos esta capella; estavamos no vigor da mocidade, e com as calorosas emoções que esta traz comsigo, e com aquellas que inspirava aquelle sanctuario de cavalheirismo e de amor da patria; sim, que aquelles mortos debaixo d'aquellas campas estavam vivos, fallavam a linguagem da heroicidade. Evocavamos um a um aquelles grandes vultos, e parecia-nos que de dentro respondia a linguagem do desprezo. Oh! como tudo nos parecia pequeno cá fóra, e decorrera apenas uma decada que os nossos soldados haviam praticado proezas dignas dos soldados de Aljubarrota! Mas que differença! A semente ainda era boa, porém a seiva já trazia o germen da podridão! O Rei fugia, e os nossos soldados eram aguilhoados e conduzidos á victoria pelo estrangeiro!

Por sua morte deixou o Infante descobertas, além do Cabo de Bojador, trezentas e trinta leguas. Seu sobrinho D. Afonso V, apesar da *tristissima Alfarrobeira*, como mais tarde lhe chamava, e das guerras que provocaram as suas vans pretenções ao reino de Castella, progride nas descobertas e conquistas, e accrescenta á conquista de seu avô na Mauritania as praças do Alcacer Seguer, Tanger e Arzilla, que commette em pessoa e lhe grangeia o nome de Africano. N'esta ultima é armado cavalleiro seu filho D. João II, junto ao cadaver do Conde de Marialva. Manifesta-se mais o braço do Omnipotente n'estas emprezas collocando no throno portuguez um dos Reis mais energico e sciente na arte de reinar, que aviva na tenacidade de as ultimar, e consegue já ver um dos Reis de Africa e a sua côrte abraçarem a fé catholica. Bartholomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas, ao qual o Rei por auspicioso vaticinio appellida da Boa Esperança, e pelo mesmo motivo quer que D. Manuel, apenas Duque, tome por empreza a esphera. Munido do conselho dos homens da sciencia, e desprezando a offerta de parceria do Imperador Maximiliano [1], resolve-se D. João II a preparar navios para a expedição. Tinha este Rei um instincto particular para conhecer os homens e avaliá-los, exaltando publicamente os seus merecimentos: a D. Francisco de Almeida senta á sua meza; Affonso de Albuquerque parece que estava junto ao seu leito quando faleceu em Alvor.

Andava na sua côrte um fidalgo do Alemtejo, mancebo, e que apezar da verdura dos seus annos já servia nas armadas, e grande devia ser o seu merecimento pela empreza

[1] Veja-se: Carta Enviada Pelo Dr Jeronymo De Montaro De Nuremberg A El-Rei De Portugal D. João Acerca Dos Descobrimentos dos Portuguezes Traduzida de Latim por Fr. Alvaro da Torre Monge Dominicano e Reimpressa por um Bibliophilo. O editor é o Sr. Fernandes Thomaz e bom serviço fez aquelle erudito senhor com a publicação deste rarissimo opusculo, de que se conhece um unico exemplar que pertence á biblioteca de Evora.

que lhe fôra commettida. Tendo os Francezes tomado uma caravella que vinha da Mina com ouro, logo que o soube ElRei D. João II mandou tirar os lemes e vergas a dez naus que estavam no porto de Lisboa[1], lançar os Francezes d'ellas, e metter-lhe homens para as guardar e arrecadar cuidadosamente as mercadorias na alfandega, e o mesmo mandou fazer por todo o reino. Para executar esta missão no sul do reino, desde Setubal até ao Algarve, escolheu este mancebo que se chamava Vasco da Gama, e depois havia ser conhecido pelo grande descobridor da Iodia, e para cuja descoberta tinha mandado exploradores por terra, e armada preparada. A morte atalhou este grande Rei de levar ao cabo o seu empenho, ou, para melhor dizer, de todos os seus antecessores, deixando porém, como temos dito, tudo prompto ao seu successor, ao qual estava reservada essa ventura.

> Parece que guardava o claro Ceu
> A Manuel, e seus merecimentos,
> Esta empreza tão ardua, que o moveu
> A subidos e illustres movimentos.

E com rasão o cantou o Poeta na sua Epopéa.

Reunamos todos os acontecimentos maravilhosos que levaram ao throno este afortunado Rei e a ser o executor da grande empreza. D. Manuel é filho segundo do Infante D. Fernando, a quem seu tio, o Infante D. Henrique, adopta por successor e herdeiro, e a quem entrega o fio d'este labyrinto de mares incognitos; escapa ao cutello de D. João II, e, filho segundo, sobe ao throno em resultado de duas grandes catastrophes de familia: a desastrada morte do Principe D. Affonso, e a rigorosa de seu irmão primogenito o Duque de Viseu, e o afastamento do throno do filho natural do Rei o Duque de Aveiro.

[1] *Chronica de D. João II*, por Garcia de Resende. Edição de Coimbra, 1748, fol. 213.

Conta-nos Gaspar Correia [1] que D. Manuel, depois de ter feito vir de Beja o judeu Abrahão Ben Samuel Zacuto, grande astrologo, que já florecia no tempo de ElRei D. Affonso V, a quem dedicara uma obra, lhe expoz que elle não desejava emprehender esta navegação, arriscando em vão despezas e a vida dos seus, sem haver verdadeira informação se seriam coroados os seus esforços, e assim lhe encarregava pelo seu saber de lhe aconselhar se devia ou não progredír no descobrimento da India, e que assim visse o que alcançava pela sua sabedoria, e depois de maduro exame lhe desse a resposta. Voltou o Judeu a Beja, e passado pouco tempo regressou a Lisboa, e se tornou a ElRei com muito prazer, e encarecendo a longinquidade da India, suas riquezas e mais circumstancias lhe disse que estava reservado a S. Alteza descobri-la e subjugá-la em tempo breve, porque o seu planeta era grande sob a divisa da esphera, em que se continham Ceus e terra, e que tudo acabaria, o que nunca faria ElRei que Deus tinha ainda que empenhasse todo o seu reino, porque esta cousa Deus a tinha guardado para S. Alteza, e que a India seria descoberta por dous irmãos, e pelo que dizia a S. Alteza empenhava a sua cabeça.

Muito satisfeito ElRei com a resposta do astrologo, o Judeu, lhe agradeceu muito, e lhe ordenou o segredo, mandando desde logo tratar dos aprestos dos navios, mantimentos, artilharia, munições e mais cousas necessarias para uma tão aventurosa expedição. Conta mais Gaspar Correia que estando ElRei D. Manuel assentado em despacho na meza com seus officiaes, assignando, por acerto lançando os olhos vira atravessar Vasco da Gama; pondo os olhos n'elle se lhe alvoroçou o coração e o chamou, e pondo-se elle de joelhos lhe disse que folgaria que elle se encarregasse de um serviço em que

[1] *Lendas da India*, liv. I, fol. 10.

tomaria trabalho, e elle beijando-lhe a mão lhe disse que estava já pago de todo o trabalho pois se queria servir da sua pessoa, o que faria emquanto lhe durasse a vida. Levantando-se ElRei, foi-se sentar á meza que na salla estava posta para jantar, e disse a Vasco da Gama que elle era contente que elle fosse nos navios que estavam aparelhados para a descoberta da India, ao que Vasco da Gama respondeu que a alma tinha prestes e que não havia detença para se embarcar. Em seguida lhe perguntou ElRei: se tinha algum irmão? «Senhor, tenho trez, um moço, outro que aprende para clerigo, outro o mais velho, e que todos eram homens para servir S. Alteza». — «Pois chamai-o, lhe tornou o Rei, para ir comvosco em um navio». A isto beijou-lhe a mão Vasco da Gama e lhe disse que seu irmão mais velho, Paulo da Gama, em que fallara a S. Alteza, andava homiziado por um ferimento que fizera ao juiz de Setubal. — «Pois eu lhe perdoo o crime satisfazendo elle ás partes e perdoando-lhe a parte». Escreveu Vasco da Gama a seu irmão que tratou de se concertar com o juiz e houve d'elle perdão, pois já o tinha de ElRei. Perdoado este, reconciliado e tornado amigo do juiz, veio á côrte e sendo apresentado a ElRei por seu irmão lhe beijou a mão, recomendando-lhe ElRei que entre ambos combinassem as cousas fraternalmente. Por esta occasião aproveitou Vasco da Gama apresentar a ElRei o seu amigo Nicolau Coelho. — «Senhor, este homem não he somenos d'irmão na amizade que temos; este será nosso parceiro ate á morte se V. Alteza o houver por bem que vá no outro navio»[1]. Assim aprouve ao Rei, pelo que todos lhe beijaram a mão. Gaspar Correia não narra tão circumstanciadamente a despedida e sahida da expedição, o que fazem outros escriptores; da entrega da bandeira por ElRei, como Vasco da Gama e os mais capitães fizeram vigilia

[1] *Cartas Missivas.*

na Ermida do Restello, da Missa que se disse, e como embarcaram indo em devota procissão até embarcar nos navios, acompanhando-os o Rei. Nós preferimos dar o extracto de uma minuta, que se conserva na Torre do Tombo, para uns ricos pannos de tapeçaria que por muitos annos existiram na capella do Paço da Ribeira e dos quaes daremos mais adiante copia completa.

....

«Primeiramente como ho almirante e seu irmão e Nicolao Coelho e todos tres se estando espedindo d'ElRei, e tomando seu regimento no tempo do primeiro descobrimento e isto em um encasamento».

....

«Em outro encasamento Nossa Senhora de Bellem pelo natural e os frades em procissão ate agua com suas capas e cirios e as náos quatro que vão a vela com as Cruzes de Xptus nas vellas, e os anjos diante, que levaram e o nome de cada náo no costado ou onde melhor parecer».

....

«A Capitayna com bandeira de Xptus e das armas na quadra e outros da divisa e das armas dos Capitães em cada náo e la no despedimento os nomes».

....

Que o leitor se figure estas quatro embarcações com a Cruz de Christo tomando todo o ambito das vélas, entregando ao signal da nossa Redempção o cuidado de as guiar por esses mares procellosos e não navegados, como pode ver na estampa d'esta armada no nosso volume VI, os anjos na proa dos mesmos navios, e então poderá avaliar quanto pode a fé para inflammar o amor da patria que d'ella deriva, e o desempenho dos feitos os mais extraordinarios. Isto só por si é um episodio de um grande poema em acção.

Compunha-se a armada de quatro navios, cada um dos trez com o nome de um anjo. Vasco da Gama, segundo Gaspar Correa, ia no S. Raphael, Paulo da Gama no S. Gabriel, Nicolau Coelho no S. Miguel, no Berrio ou dos mantimentos Gonçalo Nunes. Ia de conserva até á Mina Bartholomeu Dias. Por pilotos iam Pedro de Alemquer, que havia navegado com João Infante, João de Coimbra e Pero de Coimbra. Iam em cada navio, conforme o computo do mesmo Correia, uns 80 homens, o que fazia ao todo pouco mais ou menos 240 homens. O lote das embarcações era, conforme a noticia do Mercador Florentino que estava em Lisboa quando chegou a armada, um de 50 toneladas, dous de 90 e uma naveta de 150.

Sahiu a armada a 25 de Março, dia da Annunciação de Nossa Senhora, entregando á sua protecção e dos anjos o feliz exito da sua feliz execução. «E sendo dia de Nossa Senhora de Março, diz Gaspar Correia [1], todos ouvirão missa e logo se embarcarão e derão a vela, e sahirão do rio hindo ElRey no seu batel os acompanhando e fallando a todos com benções e boas oras se despedio delles ficando sobre o remo ate desaparecerem como parece desta pintura da cidade». Que pena que se perdesse o primeiro volume original das *Lendas da India:* teriamos uma vista do antigo Restello. Mas agora, que temos mettido nas suas embarcações os nossos argonautas, sigamo-los pelo vasto mar na sua aventurosa derrota, e sirva-nos de guia um dos seus ousados navegadores.

. . . .

[1] *Lendas da India,* liv. I, fol. 15.

NOTA

São os originais manuscritos, que, conforme se póde constatar, deram entrada na oficina tipográfica da Imprensa Nacional de Lisboa, em 5 de Maio de 1880, para o sétimo e último volume das *Obras de Luiz de Camões*, que hoje se publicam. A Imprensa Nacional de Lisboa, querendo de alguma forma contribuir para a comemoração camoneana que neste momento se celebra em Portugal, julgou oportuno dar a lume estas páginas que o Visconde de Juromenha, erudito critico e anotador dos *Lusiadas*, escreveu para o derradeiro volume do seu trabalho, e que, infelizmente, por virtude da sua morte, não chegou a concluir. Os manuscritos publicados, que representam uma parcela valiosa da riquíssima Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa, estão longe de constituir a cúpula grandiosa que o Visconde de Juromenha se propunha dar às *Obras de Luiz de Camões*, esclarecendo «os heróicos feitos dos homens ilustres que constituem o âmago do poema nacional», mas valem da nossa parte o máximo que poderíamos ofertar aos bibliófilos, pois que *tudo* o que o infatigável escritor entregou há quarenta e quatro anos às nossas oficinas para a conclusão do seu trabalho o restituem elas agora ao público, na pureza do original, e depois de ouvido o conselho sempre sábio e autorizado do ilustre professor Sr. Dr. José Maria Rodrigues, a quem rendemos aqui a nossa profunda admiração e reconhecimento.

Lisboa, 5 de Junho de 1924.

L. D.